



A VOLTA AO MUNDO

em

8



km



ESTA OBRA É INSPIRADA EM:

**A VOLTA
AO MUNDO
EM 80 DIAS**

DE JÚLIO VERNE

OFERECIMENTO:

Ultra Contact

Continental 



Título:

A volta ao mundo em 80.000 km

Formato:

Papel

Veiculação:

Físico

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C762v Continental Pneus.

A volta ao mundo em 80.000 km / Continental Pneus.
– São Paulo, SP: Ed. do Autor, 2024.

307 p. : il. ; 16 x 23 cm

Obra criada com auxílio de inteligência artificial (ChatGPT)
ISBN: 978-65-5872-944-0

1. Ficção brasileira. 2. Literatura brasileira – Romance. I. Título.
CDD B869.3

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

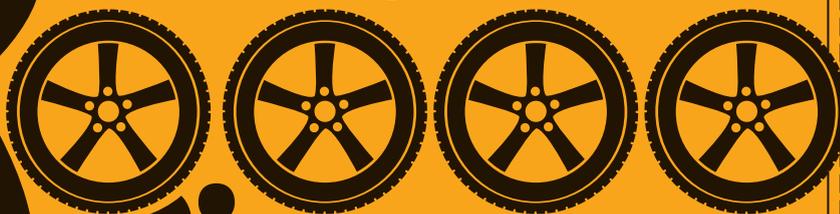
[2024]

Continental Pneus

A VOLTA AO

MUNDO

em



Sim

por ChatGPT

P R O M P T

Continental 

UMA HOMENAGEM AO TALENTO HUMANO E À TECNOLOGIA.✪

O livro a seguir foi inspirado em uma das maiores obras de ficção da literatura: A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS, de Júlio Verne. Publicado em 1873, esse romance mostra as possibilidades da exploração humana e as maravilhas da tecnologia emergente de sua época.

Essa obra empolgante narra as aventuras de Phileas Fogg, um excêntrico e meticuloso cavalheiro britânico que aposta sua fortuna na possibilidade de circunavegar o globo em apenas 80 dias, algo que parecia impossível na época. Acompanhado por seu leal ajudante francês, Passepartout, Fogg embarca em uma jornada que o leva por trem, navio e até mesmo elefante, enfrentando uma série de desafios e obstáculos ao longo do caminho.

A nova aventura que aqui apresentamos acontece em 2024 – agora pelas estradas do mundo – e é inspirada no enredo e estilo do livro original, depois de mais de 150 anos.

Além disso, “A Volta ao Mundo em 80.000 km” também é resultado da união entre o talento humano e a tecnologia mais avançada – aqui, a Inteligência Artificial foi utilizada para a produção de cada capítulo.

E é também por meio da união do talento humano com a tecnologia que a Continental Pneus consegue criar seus produtos e inovar. Uma das provas dessa capacidade é a criação do UltraContact, o pneu sinônimo de inovação, com pata-mar superior de quilometragem e durabilidade muito maior – é o único com garantia de 80 mil quilômetros.*)

O que está em suas mãos é mais que um livro: é uma grande homenagem a uma das maiores obras da literatura da história.

Boa leitura.

Obs.: todos os personagens deste livro são fictícios, qualquer semelhança é mera coincidência.

()Garantia de Quilometragem e Descontos UltraContact: válida ao adquirir pneus UltraContact entre 12/08/2024 e 12/02/2025, por meio da adesão integral gratuita aos termos e condições no ato da compra. Consulte todas as regras da garantia em www.conti.com.br/garantiaultracontact.*

*A Inteligência Artificial
foi utilizada por meio
da ferramenta ChatGPT.*

REESCREVER o livro A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS, de JÚLIO VERNE, com o início da aventura em 2024, com o nome A VOLTA AO MUNDO EM 80.000 KM — porque a viagem pelo mundo será feita em 80 mil quilômetros de carro e com um único pneu — e como se fosse JÚLIO VERNE hoje escrevendo.

Gerar o Capítulo 1 espelhado no Capítulo 1 da obra original.

O título será:

EM QUE PHILEAS FOGG V E PALACIOS RECIPROCAMENTE SE ACEITAM, UM COMO PATRÃO, OUTRO COMO AJUDANTE.

A ação:

Phileas Fogg V, tataraneto do famoso Phileas Fogg, vive em São Paulo em um luxuoso apartamento na região dos Jardins. Ele é conhecido por sua precisão e comportamento metódico, mas sua vida pessoal é envolta em mistério. Fogg está à procura de um novo ajudante, e Lionel Palacios, um uruguaio de 30 anos que vive em São Paulo, se apresenta para a entrevista. Fogg exige que Palacios atenda a seus requisitos rigorosos, como fluência em inglês e posse de visto para os Estados Unidos. Palacios, impressionado com o ambiente organizado e a seriedade de Fogg, aceita a proposta de emprego.

...

EM QUE

PHILEAS FOGG V E PALACIOS RECIPROCAMENTE SE ACEITAM, UM COMO PATRÃO, OUTRO COMO AJUDANTE. ⊕

C A P Í T U L O I

Em 2024, na região dos Jardins, na vibrante cidade de São Paulo, vivia Phileas Fogg V, tataraneto do famoso Phileas Fogg, o inglês que, em 1872,

deu a volta ao mundo em 80 dias. Fogg, como era chamado, residia em um luxuoso apartamento com vista para a Avenida Paulista, próximo ao renomado Clube Auto Paulistano. Era um

dos membros mais singulares e enigmáticos do clube, conhecido por seu comportamento metódico. Ninguém sabia ao certo de onde vinha sua fortuna ou seus recursos, mas todos reconheciam sua precisão e polidez.

Phileas Fogg V, com seu estilo moderno e casual, tênis elegantes, óculos discretos e postura sempre ereta, lembrava um gentleman da velha guarda, embora vivesse no coração de uma das maiores metrópoles do mundo. Diziam ser parecido com Santos Dumont – pois era irrepreensível quanto às ações e determinação –, mas um Santos Dumont do século XXI, e sem bigode. Homem impassível que parecia não ser afetado pelo tempo. Fogg era um cidadão do mundo, e era de conhecimento geral que exigia de seus empregados o domínio da língua inglesa e visto de entrada para os Estados Unidos, reflexo de seu estilo de vida internacional.

Ninguém na Bolsa de Valores ou nos escritórios dos grandes bancos de São Paulo conhecia Phileas Fogg V. Ele não era visto em círculos comerciais ou industriais, nem tinha participação em nenhuma das inúmeras associações culturais, científicas ou artísticas da cidade. No entanto, era membro distinto do Clube Auto Paulistano, o clube de elite que reunia os mais entusiastas amantes de carros e viagens.

E foi nesse cenário que um moço de 30 anos se apresentou para uma entrevista com Phileas Fogg V. Seu nome: Lionel Palacios. Forte, entusiasmado, uruguaio vivendo há cinco anos em São Paulo, Lionel Palacios procurava um emprego estável e desafiador. A entrevista ocorreu no apartamento de Fogg, um local decorado com mapas do mundo e relíquias de viagens, refletindo o espírito aventureiro de seu proprietário.



PHILEAS
FOGGY



Línea

PALACIOS

– É uruguaio e chama-se Lionel? – perguntou-lhe Phileas Fogg V.

– Sim, Lionel! Se não lhe desagradar – respondeu o recém-vindo –, Lionel Palacios, sobrenome que me ficou, e que justificava a minha aptidão natural para me safar de apuros. Considero-me um rapaz honesto, senhor, mas, para ser franco, já exerci muitas profissões. Fui guia turístico em Montevideú, artista de rua, danço tango com habilidade. Também aprendi capoeira e até fui voluntário dos bombeiros em Uruguaiana, cidade onde morei por alguns anos na infância, com alguns salvamentos notáveis em meu currículo. Há cinco anos, deixei o Uruguai e, desejando estabilidade, trabalhei para algumas famílias exigentes de São Paulo. E aqui me apresento em sua casa na esperança de um emprego mais estável.

– Palacios é um bom nome! Você me foi recomendado. Tenho boas referências a seu respeito. Conhece quais são as minhas condições?

– Sim, senhor.

Fogg, sentado em sua poltrona de couro, olhou para Palacios com olhos analíticos.

– Palacios, você fala inglês?

– Sim, senhor, fluentemente – respondeu Palacios, com confiança.

– E o visto para os Estados Unidos?

Palacios entregou seus documentos, mostrando que tinha tudo em ordem. Fogg examinou os papéis com cuidado, assentindo com a cabeça.

– Você parece adequado. O trabalho requer precisão, dedicação e discrição. Aceita essas condições?

– Sim, senhor Fogg – respondeu Palacios, determinado.

– Bem. Que horas tem?

– Onze e vinte e três – respondeu Palacios, olhando seu relógio de pulso.

– Está atrasado – disse Fogg.

– O senhor me desculpe, mas é impossível.

– Atrasado em um minuto. Não importa. Portanto, a partir deste momento, onze e vinte e quatro da manhã desta quarta-feira, 2 de outubro de 2024, você fica a meu serviço.

Dito isso, Phileas Fogg levantou-se, pegou a chave do carro e desapareceu sem acrescentar palavra.

Palacios ouviu a porta da rua se fechar. Ficou só no apartamento, olhando para a silhueta dos prédios da Avenida Paulista, contemplando seu novo ambiente de trabalho e já sentindo a precisão e ordem que ali reinavam.

DE QUANDO

PALACIOS SE CONVENCE
DE TER FINALMENTE
ENCONTRADO SEU IDEAL. 

CAPÍTULO II

Durante os poucos instantes em que acabava de entrever Phileas Fogg V, Palacios tinha rápida, mas cuidadosamente, examinado seu futuro patrão. Era um sujeito que parecia ter entre 35 e 40 anos, de aspecto nobre, estatura elevada, com um porte atlético e cabelo castanho levemente ondulado. Phileas Fogg V possuía um olhar tranquilo e uma

postura firme, mas relaxada, que exalava confiança. Ele parecia ter no mais alto grau o que os fisionomistas chamam de “o repouso na ação”, uma faculdade comum a todos os que fazem mais obras do que barulho.

Calmamente, fleumático, olhar límpido, Phileas Fogg V era um típico homem de sangue aparentemente frio, cuja atitude um pouco acadêmica lembrava um maestro em plena regência. Visto nos diversos atos de sua existência, esse gentleman dava a ideia de um indivíduo bem equilibrado em todas as suas partes, muito refletido, tão perfeito como um cronômetro suíço. Ele era a exatidão personificada, o que se via claramente pela “expressão dos seus pés e de suas mãos”, porque, no homem, assim como nos animais, os próprios membros são em si órgãos expressivos das paixões.

Phileas Fogg V era desses indivíduos matematicamente exatos que, jamais apressados e sempre prontos, são econômicos em seus passos e em seus movimentos. Não dava uma passada a mais, indo sempre pelo caminho mais curto. Não perdia tempo, sequer um instante, a olhar para o teto. Não se permitia um gesto supérfluo. Ninguém nunca o tinha visto comovido ou perturbado. Era o homem menos apressado do mundo, mas chegava sempre a tempo. Há de se compreender, portanto, a razão por que vivia só e, por assim dizer, fora de toda relação social. Sabia que na vida é preciso ter em conta os atritos. E, como os atritos atrasam, para os evitar, não entrava em contato com ninguém.

Quanto a Lionel Palacios, nos cinco anos que habitava São Paulo e ali exercia a profissão de ajudante, em vão procurara um patrão a quem pudesse se afeiçoar.



Palacios não era um desses ajudantes empertigados, nariz ao vento, olhar firme e olho seco. Não. Palacios era um rapaz excelente, fisionomia amável, lábios um pouco salientes, sempre prontos para degustar ou para acariciar, um ser doce, com uma dessas cabeças redondas que a gente gosta de ver sobre os ombros de um amigo. Tinha os olhos castanhos, a cor do rosto animada, uma pequena barbicha, peito amplo, talhe forte, uma musculatura vigorosa que os exercícios da sua mocidade tinham desenvolvido muito. Seus cabelos castanhos eram um pouco revoltos.

Se o caráter expansivo desse rapaz se harmonizava com o de Phileas Fogg V, é coisa que a prudência mais elementar não permitiria dizer. Seria Palacios o ajudante funcionalmente exato que convinha a seu patrão? Só o tempo diria. Depois de ter tido, como se sabe, uma juventude bastante errante, aspirava ganhar mais dinheiro em São Paulo. Mas, até então, a sorte lhe fora ingrata. Não pudera se enraizar em parte alguma. Servira em algumas casas. Em todas, os patrões eram caprichosos, extravagantes, e gostavam de correr aventuras ou países sem muito planejamento, o que nem sempre era conveniente a Palacios. Seu último patrão, um empresário jovem e inconsequente, gostava de passar suas noites em festas e voltava com muita frequência para casa de maneiras lamentáveis. Palacios, que queria acima de tudo ter respeito por seu patrão, arriscou algumas respeitosas observações, que foram mal recebidas, e foi demitido.

Nesse meio tempo, soube que Phileas Fogg V procurava um ajudante. Tirou informações a respeito desse gentleman. Apresentou-se e foi admitido nas condições que sabemos.

Palacios – ao soar onze e meia – achava-se só no apartamento com vista para a Avenida Paulista. Começou logo a inspeção. Percorreu-o de ponta a ponta. Esse apartamento limpo, arranjado, severo, puritano, bem organizado para o serviço doméstico, agradou-lhe. Produziu nele o efeito de uma bela casca de caracol, mas de uma casca iluminada por luzes amarelas e aquecida por um sistema central moderno, em que a automação inteligente cuidava de todas as necessidades de iluminação e temperatura.

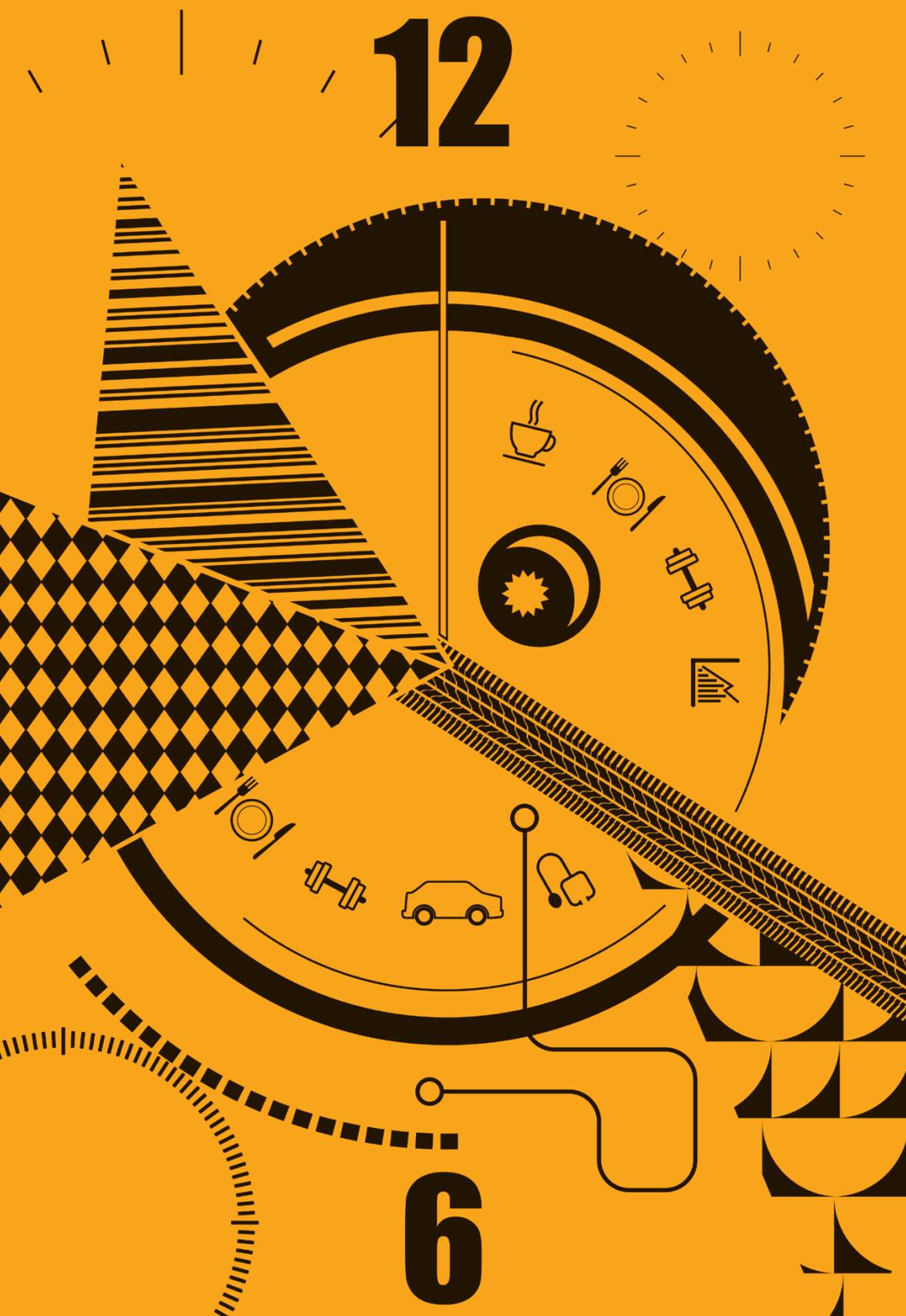
Palacios encontrou sem dificuldade o quarto que lhe fora destinado. Ele lhe convinha. Campainhas elétricas e tubos acústicos punham o quarto em comunicação com o andar de baixo e com o superior. Sobre a lareira, havia um relógio de pêndulo elétrico que estava acertado pelo do quarto de dormir de Phileas Fogg V, e os dois aparelhos marcavam o mesmo tempo, o mesmo segundo.

– Me convém – disse consigo Palacios.

Reparou também, no seu quarto, em um cartaz colocado acima do relógio. Era o programa do serviço cotidiano. Desde as oito da manhã, hora regulamentar em que Phileas Fogg V se levantava, até à meia-noite – hora em que metodicamente se deitava – tudo estava anotado, previsto, regulamentado. Palacios encontrou grande satisfação em meditar esse programa e memorizar todos os seus detalhes.

Quanto ao guarda-roupa do patrão, cada calça, camisa, camiseta, casaco ou blazer tinha um número de ordem reproduzido em um registro de entradas e de saídas, indicando a data em que, segundo a estação, essas vestimentas deveriam

12



6

ser usadas. Mesma regulamentação para os tênis e sapatos.

Em poucas palavras, nesse apartamento do Jardim Paulista, havia uma mobília confortável, anunciando um belo descanso. Uma biblioteca com livros em várias línguas, consagrados ao automobilismo, às artes e à história. No quarto de dormir, um cofre-forte de tamanho médio, cuja construção o punha a salvo tanto de incêndio quanto de roubo. Tudo ali denunciava os hábitos mais pacíficos e previsíveis.

Após ter examinado essa habitação em detalhes, Palacios esfregou as mãos, seu semblante dilatou-se, e repetiu alegremente:

— Me convém! É disso que gosto! Nos entenderemos perfeitamente, Mr. Fogg e eu! Um homem rigoroso e metuculoso! Ora, não me importo em servir a um homem tão metuculoso!

AMÉRICAS

EUROPA

ÁFRICA

ÁSIA



AMÉRICAS

EUROPA

ÁFRICA

ÁSIA

De quando

SE INICIA UMA CONVERSA QUE PODERÁ CUSTAR CARO A PHILEAS FOGG V.✪

C A P Í T U L O I I I

Phileas Fogg V saiu de seu apartamento no Jardim Paulista às onze e meia da manhã. Após caminhar pelas movimentadas calçadas, atravessando ruas e cruzamentos com precisão quase matemática, chegou ao Clube Auto Paulistano, uma edificação imponente situada na Avenida Brasil.

Dirigiu-se diretamente ao restaurante do clube, cujas grandes janelas ofereciam

uma vista espetacular dos jardins bem cuidados. Tomou lugar à mesa habitual, onde o esperava um serviço impecável. Seu almoço consistia em um filé mignon ao molho madeira, acompanhado de risoto de cogumelos, seguido por uma sobremesa de crème brûlée. Tudo isso regado a um chá gelado de alta qualidade – herdado de seu paladar inglês – especialmente selecionado pelo sommelier do clube.

Ao meio-dia e quarenta e sete minutos, Fogg levantou-se e foi para o salão principal, um ambiente luxuoso adornado com pinturas contemporâneas e mobiliário sofisticado. Um atendente entregou-lhe o jornal do dia, que Fogg desdobrou com a destreza de quem estava habituado a essa rotina. A leitura ocupou-o até às três e quarenta e cinco, momento em que trocou o jornal pelo tablet para atualizar-se com as últimas notícias. Um dos assuntos do dia era a suspeita do plano de fuga do Brasil de um chefão do contrabando, que nem mesmo a Polícia Federal sabia a identidade.

Às vinte para as seis, Fogg reapareceu no grande salão e absorveu-se na leitura do noticiário digital. Meia hora mais tarde, alguns membros do Clube Auto Paulistano começaram a chegar e se agruparam ao redor da lareira moderna, onde uma chama elétrica simulava um fogo acolhedor. Entre eles, já na mesa com toalha verde pronta para os jogos de cartas, estavam seus parceiros habituais de pôquer: o engenheiro André Silva, os banqueiros João Sampaio e Samuel Fonseca, o empresário Tomás Flanagan e Gabriel Ramos, um diretor do Banco Central do Brasil – todos homens ricos e respeitados, mesmo em um clube que contava com as figuras mais ilustres da indústria e das finanças entre seus membros.

– Ora, Gabriel – perguntou Tomás Flanagan –, a quantas anda aquele caso de contrabando?

– Nessa altura – respondeu André Silva –, a Polícia Federal pode dizer adeus ao sucesso.

– Espero, pelo contrário – disse Gabriel Ramos –, que a polícia pegue o bandido. Sei que vão enviar investigadores para

diversas partes da América Latina e Europa, e vai ser difícil para esse sujeito escapar.

– Então eles têm a descrição do contrabandista? – perguntou João Sampaio.

– Em primeiro lugar, não é apenas um contrabandista – respondeu seriamente Gabriel Ramos.

– Como assim? Um indivíduo que subtraiu milhões em mercadorias ilegais?

– Não! – respondeu Gabriel Ramos.

– É então um industrial? – disse Tomás Flanagan.

– O noticiário assegura que é um gentleman. Um cidadão acima de qualquer suspeita. Poderia até ser um de nós!

Quem deu essa resposta não foi outro senão Phileas Fogg V, cuja cabeça emergiu por entre a tela do tablet. Ao mesmo tempo, Phileas cumprimentou seus colegas que já jogavam pôquer e lhe retribuíram o cumprimento.

O fato do qual falavam, e que os diversos jornais do país discutiam com ardor, ocorrera poucos dias antes, em 29 de setembro. Uma grande quantidade de mercadorias contrabandeadas fora apreendida em um dos portos principais, mas o suposto líder da operação havia escapado.

A quem se admirasse de como tal contrabando pudesse realizar-se com tanta facilidade, Gabriel Ramos

limitou-se a responder que a rede era extremamente sofisticada e que a falta de vigilância rigorosa contribuiria para o sucesso inicial da operação ilegal. Contudo, agentes altamente treinados foram mobilizados para todas as principais rotas de fuga, com a promessa de uma substancial recompensa em caso de sucesso.

– Eu sustento – disse André Silva – que as probabilidades são a favor do contrabandista, que não pode deixar de ser um homem muito astuto!

– Ora, vamos – respondeu Gabriel Ramos –, não há mais um só país em que ele possa se refugiar.

– Não sei – respondeu André Silva –, mas, afinal, o mundo é bastante vasto.

– Era outrora... – disse a meia voz Phileas Fogg.

– Como “outrora”? O mundo diminuiu, por acaso? – replicou André.

– Sem dúvida – respondeu Gabriel Ramos. – Sou da opinião de Mr. Fogg. O mundo diminuiu, pois agora percorremos distâncias muito mais rapidamente do que há 100 anos. E isso é o que, no caso de que nos ocupamos, tornará as buscas mais rápidas.

– E tornará mais fácil também a fuga do contrabandista! – disse Phileas Fogg.

Mas o incrédulo Silva não estava convencido:

– É preciso confessar, senhor Ramos – retomou –, que achou um modo engraçado de dizer que o mundo diminuiu!

– Em 1872, meu tataravô deu a volta ao mundo em 80 dias. Hoje, de avião, juntando tempo de voo e conexões, é possível dar a volta ao mundo em menos de 80 horas – disse Phileas Fogg.

– E vou além – continuou Fogg. – Esse contrabandista pode também fugir de carro e dar a volta ao mundo sem causar suspeitas. E, pelo que conheço do mercado automobilístico, garanto que pode rodar 80 mil quilômetros pelo globo sem sequer trocar os pneus!

– Isso é impossível! – exclamou André Silva. – Viajando apenas por terra e sem trocar os pneus? Não acredito!

– Sim! Hoje, com a tecnologia, existe um pneu que consegue. Claro, é um pneu mais resistente que a média do mercado, mas consegue, sim. (*)

E Phileas continua, mostrando, ao seu modo, certo entusiasmo.

– Algumas travessias do carro seriam de barco, talvez, ou até de avião, mas, 80 mil quilômetros em terra sem trocar pneus, aposto ser possível – respondeu Phileas Fogg.

– Mesmo se houver acidentes nas estradas, tráfego intenso ou outros imprevistos? – exclamou André Silva.

– Tudo incluído – respondeu Phileas Fogg.

(*) Nota: há apenas um pneu no mercado que dura 80 mil quilômetros ou mais: UltraContact da Continental.

André Silva, a quem tocava a vez de “dar as cartas”, interrompeu seu momento de embaralhar para dizer:

– Teoricamente, tem razão, senhor Fogg, mas na prática...

– Na prática também, Silva – retrucou Fogg. – Aliás, esse sempre foi um sonho meu. Acho que está no meu DNA, meu tataravô deve ter passado para mim. E já planejei essa volta ao mundo de carro várias vezes – continuou, agora ainda mais entusiasmado. – E digo mais: como sempre tive isso na cabeça, posso fazer a loucura de sair daqui amanhã mesmo, rodar quilômetros pelo Brasil, subir até o Nordeste, passar pelo Norte, descer até a Patagônia, subir toda a Costa do Pacífico até o Canal do Panamá, atravessar América Central, México, Estados Unidos pela Costa Oeste, seguir até a Costa Leste, descer até Miami, enfiar o carro em um barco para atravessar o Atlântico, retomar a viagem na Europa, passar pela África e chegar à Ásia. E dar um jeito de voltar ao Brasil com o mesmo carro e os mesmos pneus, tudo documentado!

– Bem que gostaria de ver.

– Depende só de você. Partamos juntos.

– Deus me livre! – exclamou Silva. – Mas bem que apostaria o conversível que tenho na garagem para dizer que esse feito seria impossível.

– Muito possível, pelo contrário – respondeu Fogg.

Depois, voltando-se para os seus colegas, concluiu:

– Tenho também um conversível na minha garagem. E um bom jogador não brinca jamais quando se trata de uma coisa tão séria quanto uma aposta – respondeu Phileas Fogg V. – Eu aposto o meu conversível contra quem quiser que percorrerei 80 mil quilômetros de carro, passando por diversos continentes e sem trocar os pneus. Aceitam?

– Aceitamos! – responderam Silva, Sampaio, Fonseca, Flanagan e Ramos, após terem se consultado.

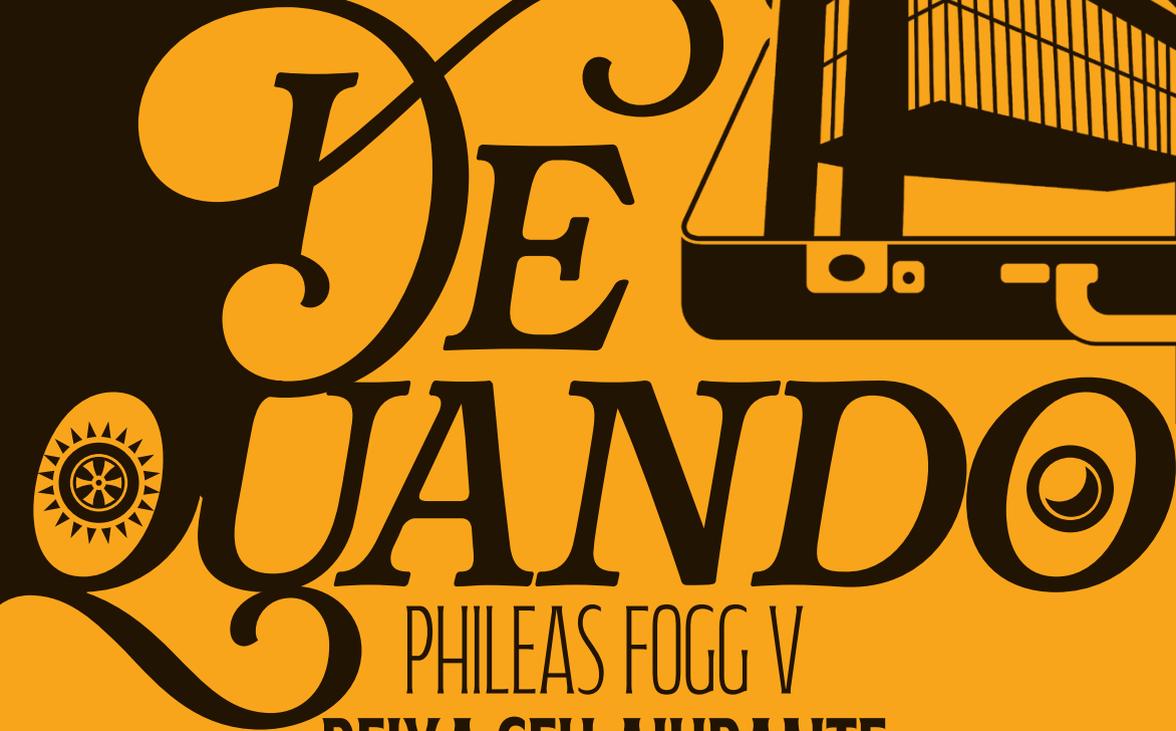
– Feito. Meu conversível contra um carro da coleção de vocês. Eu escolho. Partirei amanhã de manhã – disse Fogg.

– Amanhã mesmo? – perguntou Silva.

– Amanhã mesmo – respondeu Phileas Fogg V. – Portanto – acrescentou ele consultando um calendário no tablet –, já que hoje é quarta-feira, 2 de outubro de 2024, deverei estar de volta a este clube pressuponho que em menos de nove meses, após rodar 80 mil quilômetros pelo mundo com o mesmo carro e sem trocar os pneus. Caso contrário, o meu conversível pertencerá de direito a vocês.

Um contrato particular de aposta foi feito e assinado na hora pelos seis interessados. Phileas Fogg tinha permanecido frio. Não tinha certamente apostado para ganhar, e só arriscava um carro de sua vasta coleção porque previa muita diversão na realização desse difícil, para não dizer inexecutável, projeto. Quanto aos seus adversários, eles pareciam comovidos, não por causa do automóvel em jogo, mas porque tinham certo escrúpulo de lutar em tais condições.

DE QUANDO



PHILEAS FOGG V DEIXA SEU AJUDANTE PALACIOS ESTUPEFATO.

C A P Í T U L O I V

Às sete e vinte e cinco, Phileas Fogg V, após ter ganhado várias rodadas de pôquer, despediu-se dos seus nobres colegas e deixou o Clube Auto Paulistano. Às sete e cinquenta, ele abriu a porta de seu apartamento nos Jardins.

Palacios, que tinha conscienciosamente estudado seu programa, ficou bastante surpreso ao ver Mr. Fogg, culpável de inexactidão, aparecer a essa hora insólita. Segundo o cronograma, Fogg não deveria recolher-se senão à meia-noite em ponto.

Phileas Fogg, assim que chegou, subiu ao seu quarto e chamou:

– Palacios!

Palacios não respondeu. Esse chamado não poderia ser dirigido a ele. Não era ainda a hora.

– Palacios! – repetiu Mr. Fogg sem elevar a voz.

Palacios apareceu.

– É a segunda vez que chamo – disse Mr. Fogg.

– Mas não é meia-noite – respondeu Palacios, olhando para seu relógio.

– Eu sei – retomou Phileas Fogg. – E vamos precisar ajustar o cronograma. Partiremos amanhã de manhã para uma viagem pelo mundo.

Uma espécie de careta esboçou-se sobre a face do uruguaio. Era evidente que ele havia ouvido mal.

– O meu trabalho começou hoje, e o senhor disse que vamos viajar amanhã? – perguntou ele.

– Sim – respondeu Phileas Fogg. – Vamos fazer uma viagem de 80 mil quilômetros de carro. Uma volta ao mundo!

Palacios, com os olhos arregalados, as sobrancelhas levantadas, os braços caídos, o corpo encurvado, apresentava todos

os sintomas de um espanto levado à estupefação.

– Uma viagem de 80 mil quilômetros! – murmurou ele.

– Sim – respondeu Mr. Fogg. – Por isso, não temos um instante a perder.

– Mas... e as malas? – disse Palacios, balançando a cabeça de um lado para o outro.

– Poucas roupas. Uma mala pequena para cada um. Dentro, algumas mudas de roupa, produtos de higiene, protetores solares, trajes de banho e uns bons pares de calçados confortáveis. Também meu casaco. O mesmo para você. E, quando encontrarmos frio extremo, fazemos compras pelo caminho. Vá com bons calçados, mas a gente vai caminhar pouco.

Palacios teria desejado responder, mas não pôde. Saiu do quarto de Fogg, subiu ao seu, tombou sobre uma cadeira e, empregando uma frase bem vulgar de seu país, disse consigo mesmo:

– ¡Hacé lo que te dije! E eu que queria descansar tranquilo...

E, maquinalmente, fez seus preparativos de partida. Uma viagem de 80 mil quilômetros! Estaria lidando com um doido? Não... Seria uma piada? Palacios tentou entender a seriedade do patrão. Talvez fossem viajar só pelo Brasil. Afinal, isso não poderia desgostar o bravo rapaz, que, há cinco anos, não viajava de verdade!

Às sete horas da manhã do dia seguinte, uma quinta-feira, 3 de outubro de 2024, Palacios tinha preparado as modestas malas que continham seu guarda-roupa e o de seu patrão. Depois, com o espírito ainda perturbado, deixou seu quarto, fechou a porta cuidadosamente e encontrou Fogg.

Fogg estava pronto. Levava sob o braço um guia completo das estradas internacionais, que deveria fornecer-lhe todas as informações necessárias à viagem. Precavido, sabia que em alguns locais remotos do mundo a internet poderia faltar. Tomou uma sacola das mãos de Palacios, abriu-a e deixou cair dentro um pequeno maço de dólares e euros para emergências.

– Não se esqueceu de nada? – perguntou ele.

– De nada, senhor.

– O casaco?

– Está aqui.

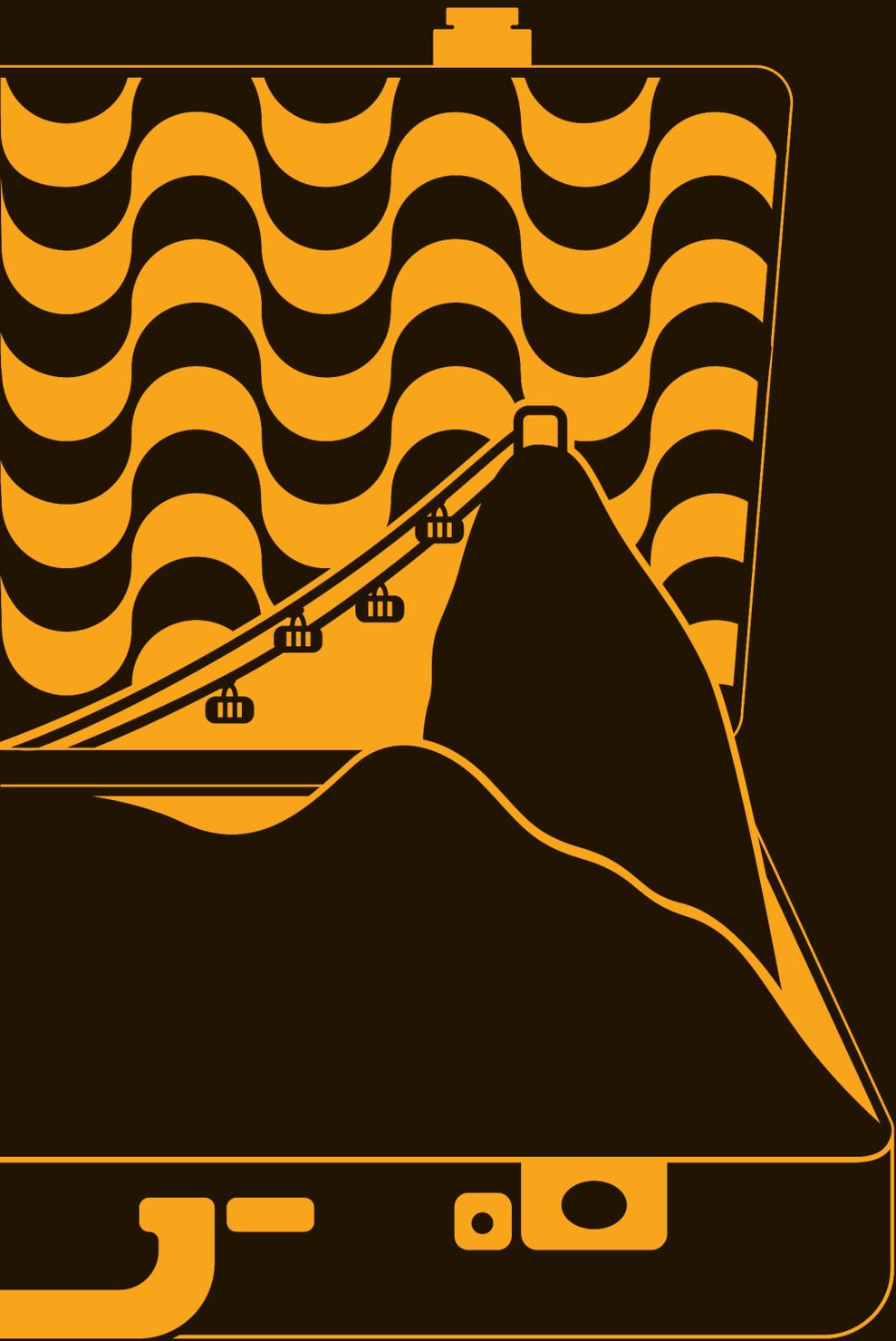
– Bem, pegue a sacola – Mr. Fogg entregou a sacola a Palacios.

– Cuidado com ela – acrescentou Mr. Fogg.

O patrão e o ajudante desceram e a porta do apartamento foi fechada com duas voltas de chave. No estacionamento do prédio, Phileas Fogg e Lionel Palacios subiram em um SUV para iniciar a longa jornada.

A primeira parada foi para trocar os pneus. Fogg, conhecedor do assunto, equipou seu SUV com pneus UltraContact





da Continental, que tem durabilidade muito acima da média. A promessa dos 80 mil quilômetros só poderia ser cumprida com esse compromisso tecnológico em forma de pneus.

Ao sair da loja de pneus, logo no primeiro semáforo, uma pobre mendicante, levando uma criança pela mão, pés nus na calçada, com um boné velho e estragado, um xale esfarrapado sobre os ombros, aproximou-se de Fogg e pediu-lhe esmola.

Fogg tirou de seu bolso uma nota de cem reais, e, dando-a à mendiga, disse:

– Tome lá, boa mulher, estou feliz por poder te ajudar!

Depois foi em frente.

Palacios teve uma sensação de umidade nos olhos. O patrão acabara de conquistar seu coração.

De lá, passou no Clube Auto Paulistano. Seus cinco colegas vieram para se despedir e testemunhar o início da aventura.

– Senhores, parto – disse ele –, e os registros eletrônicos dos postos de controle nas fronteiras permitirão, na volta, verificar minha jornada.

– Oh! Caríssimo Fogg – respondeu polidamente Gabriel Ramos –, não é preciso. Confiamos em sua honra de gentleman!

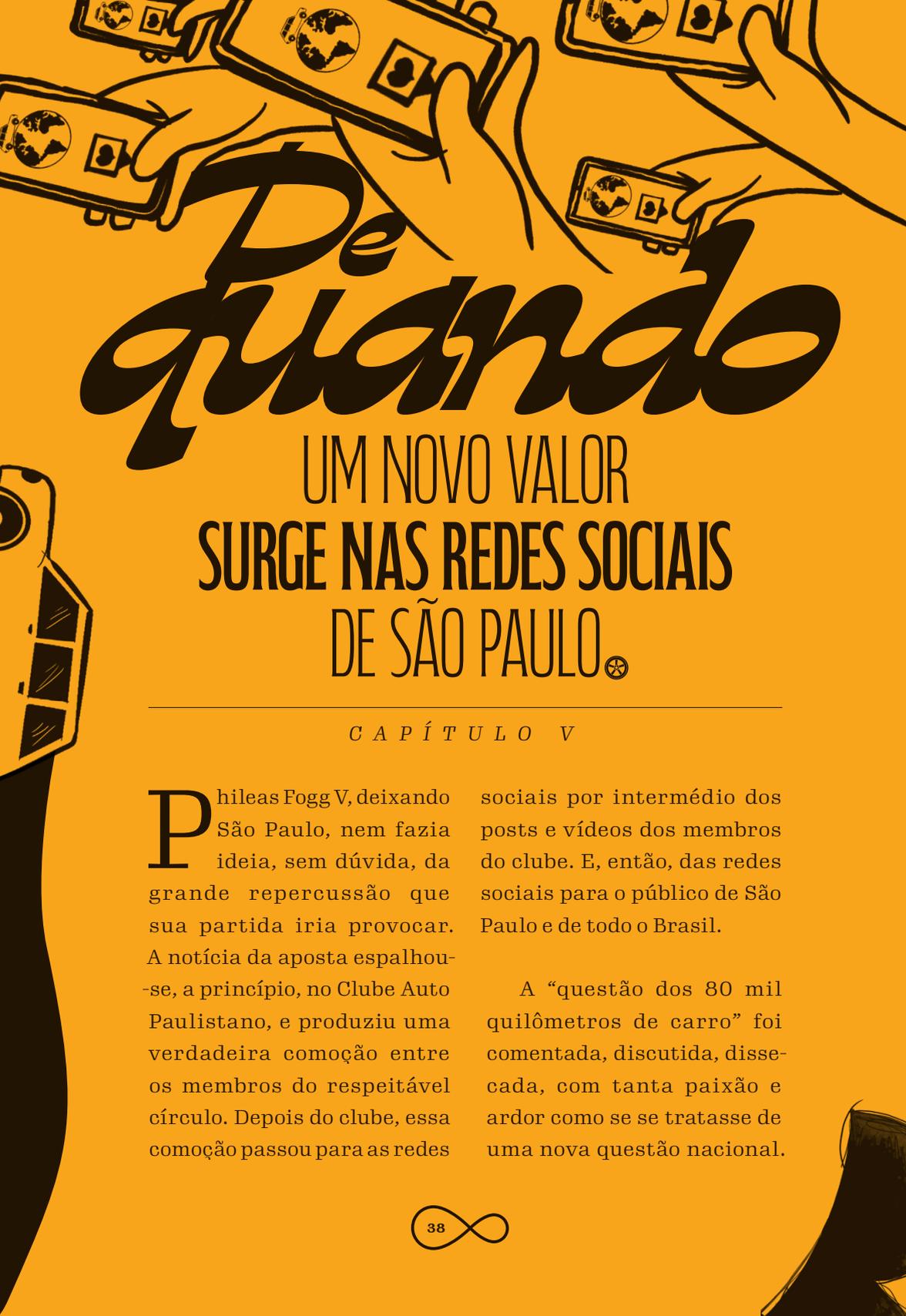
– É melhor assim – disse Fogg.

– Não se esqueça de que deve voltar após completar os 80 mil quilômetros – observou André Silva.

– Certamente – respondeu Fogg –, e voltarei antes que possam sentir tanto minha ausência. Até a volta, meus senhores.

Às oito e quarenta, Phileas Fogg e seu ajudante aceleravam para a Ayrton Senna, Carvalho Pinto e Via Dutra, rota que os levaria ao Rio de Janeiro, os primeiros 500 quilômetros da longa jornada. Palacios, ainda estonteado, murmurava para si mesmo:

– Será que estou lidando com um gênio ou com um louco? Só o tempo dirá.



De quando

UM NOVO VALOR SURGE NAS REDES SOCIAIS DE SÃO PAULO.

CAPÍTULO V

Phileas Fogg V, deixando São Paulo, nem fazia ideia, sem dúvida, da grande repercussão que sua partida iria provocar. A notícia da aposta espalhou-se, a princípio, no Clube Auto Paulistano, e produziu uma verdadeira comoção entre os membros do respeitável círculo. Depois do clube, essa comoção passou para as redes

sociais por intermédio dos posts e vídeos dos membros do clube. E, então, das redes sociais para o público de São Paulo e de todo o Brasil.

A “questão dos 80 mil quilômetros de carro” foi comentada, discutida, dissecada, com tanta paixão e ardor como se se tratasse de uma nova questão nacional.

Uns tomaram o partido de Phileas Fogg, outros – e formaram logo uma maioria considerável – pronunciaram-se contra ele. Essa viagem de 80 mil quilômetros a ser realizada, não em teoria e no papel, mas na prática, de carro e até o fim com os mesmos pneus(*), não era apenas impossível, era insensata!

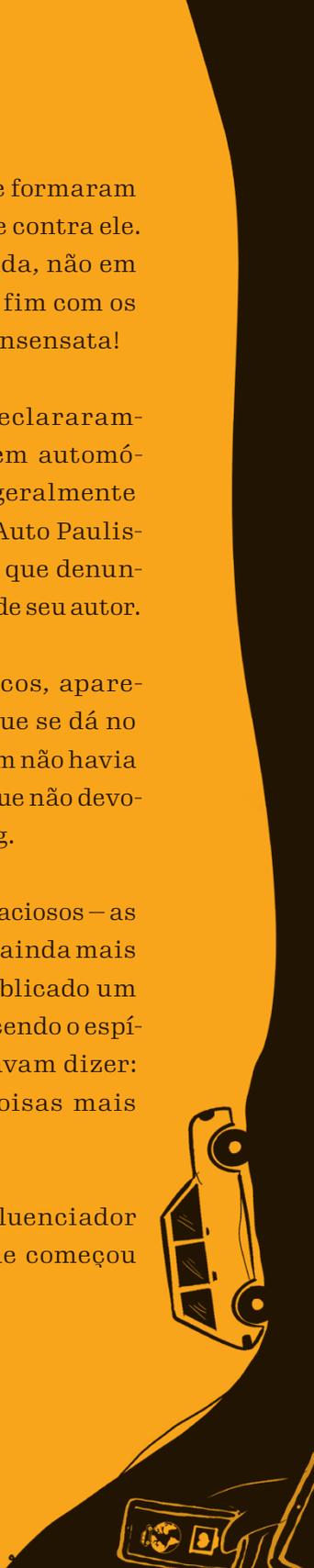
Os principais blogs e portais de notícia declararam-se contra Mr. Fogg. Só um site especializado em automóveis o apoiou em certa medida. Phileas Fogg foi geralmente tratado como excêntrico, e seus colegas do Clube Auto Paulistano censurados por terem aceitado essa aposta, que denunciava um enfraquecimento nas faculdades mentais de seu autor.

Artigos extremamente passionais, mas lógicos, apareceram sobre a questão. É conhecido o interesse que se dá no Brasil a tudo que tange a desafios e aventuras. Assim não havia sequer um internauta, não importa de que classe, que não devorasse as colunas consagradas ao caso Phileas Fogg.

Durante os primeiros dias, alguns espíritos audaciosos – as mulheres principalmente – estiveram a seu favor, ainda mais depois de um influenciador digital famoso ter publicado um vídeo discutindo a viabilidade da jornada e enaltecendo o espírito aventureiro de Fogg. Certos seguidores ousavam dizer: “Ora! Ora! Afinal, por que não? Têm-se visto coisas mais extraordinárias!”.

Eram principalmente os seguidores do influenciador digital. Mas se percebeu logo que até mesmo ele começou a fraquejar.

(*)Nota: pneus UltraContact da Continental.







Com efeito, um longo artigo apareceu no blog de um especialista em viagens e automobilismo. Ele examinou a questão sob todos os pontos de vista e demonstrou claramente a loucura da empreitada. Segundo esse artigo, tudo estava contra o viajante: obstáculos humanos, obstáculos naturais. Para ter êxito nesse projeto, seria preciso admitir uma concordância miraculosa de condições favoráveis em todas as etapas da viagem, concordância que não existiria, que não poderia existir. A rigor, nas estradas brasileiras, trecho relativamente ínfimo do percurso total, pode-se contar com a chegada aos destinos sem muitos perrengues. Mas, quando gastarem dias para atravessar a América do Sul, semanas para cruzar a América do Norte e a Europa, poderia-se confiar na exatidão dos elementos de tal problema? E os acidentes de carro, os congestionamentos, as colisões, o mau tempo, tudo isso não estava contra Phileas Fogg? Nos trechos remotos, não se encontraria ele, durante a viagem, à mercê dos imprevistos? Seria por acaso tão raro os carros mais robustos sofrerem quebras? Ora, bastaria um rasgo no pneu, um só, para que a cadeia de planejamento fosse irreparavelmente comprometida. O artigo teve muita repercussão. Quase todos os portais de notícia o reproduziram, e a confiança em Phileas Fogg baixou singularmente.

Nos primeiros dias que se seguiram à partida do gentleman, importantes apostas se ligaram à sorte de sua empreitada. Sabe-se como é o mundo dos apostadores no Brasil, mundo mais intuitivo, mais entusiástico que o dos jogadores comuns. Apostar está no temperamento brasileiro. Assim, não só os diversos membros do Clube Auto Paulistano fizeram apostas consideráveis a favor ou contra Phileas Fogg, mas o público em geral entrou no movimento. Phileas Fogg foi inscrito,

como um piloto de rally, em uma espécie de bolsa de apostas. É como se fizessem dele uma ação de mercado, que foi imediatamente cotada na Bolsa de Valores de São Paulo. Procurava-se e oferecia-se “Phileas Fogg” a preço fixo ou com ágio. Mas, cinco dias após sua partida, depois do artigo do especialista em viagens, as ofertas começaram a afluir. A “ação Phileas Fogg” baixou.

Só um partidário lhe restou. Foi um velho empresário, admirador de grandes desafios. O digno gentleman, aficionado por aventuras, teria dado a fortuna para fazer uma viagem assim, mesmo que fosse em dez anos! E apostou em Phileas Fogg. Quando, ao mesmo tempo em que lhe demonstravam a insensatez do projeto, mostravam-lhe sua inutilidade, contentava-se em responder:

– Se a coisa é factível, convém que seja um brasileiro o primeiro a fazê-la!

Ora, as coisas estavam assim, os partidários de Phileas Fogg ficavam cada vez mais raros. Já não tomavam apostas senão a 150, a 200 contra um, quando, menos de quatro dias após sua partida, um incidente, completamente inesperado, fez com que já as não tomassem de modo algum.

Com efeito, nesse dia, por volta das nove da noite, um investigador chamado Alfredo Freitas havia recebido uma denúncia anônima que dizia:

Phileas Fogg suspeito de ser chefe do contrabando. Siga seus passos. Provável encontrar evidências.

O efeito dessa denúncia foi imediato na mente de Alfredo Freitas. O respeitável gentleman desapareceu para dar lugar ao suspeito de contrabando. Sua fotografia, arquivada nas redes sociais do Clube Auto Paulistano, foi examinada. Na foto, vários traços eram semelhantes aos do homem cuja descrição tinha sido fornecida pelo inquérito. Lembraram-se do que a existência de Phileas Fogg V tinha de misteriosa, seu isolamento, sua partida súbita, e pareceu evidente que esse personagem, pretextando uma viagem pelo mundo e apoiando-a em uma aposta insensata, tinha tido por fim único despistar os agentes da polícia.

Alfredo Freitas estava determinado a seguir cada movimento de Fogg, certo de que, eventualmente, revelaria a verdadeira identidade do suposto contrabandista.

A stylized black silhouette of a car, shown from a top-down perspective, positioned at the top right of the page. The car's wheels and body are clearly defined against the yellow background.

De quando

O INVESTIGADOR FREITAS
DEMONSTRA UMA **IMPACIÊNCIA**
BASTANTE LEGÍTIMA.⊕

C A P Í T U L O V I

Phileas Fogg e seu ajudante seguiam rumo ao Nordeste em sua jornada de 80 mil quilômetros pelo mundo. Depois de deixarem São Paulo, o entusiasmo de Palacios pela viagem começava a crescer. Justo ele que, de Brasil, só conhecia mesmo a capital paulista.

A passagem pelo Rio de Janeiro deixou Palacios deslumbrado. Ele nunca havia visitado a Cidade Maravilhosa, e seus olhos brilhavam de excitação ao ver a beleza ao redor. Ao passar pela icônica Praia de Copacabana, ele não conseguiu conter sua admiração.





– Senhor Fogg, esta cidade é realmente incrível! As praias, o Cristo Redentor, o Pão de Açúcar... nunca vi nada assim! – exclamou Palacios.

– Sim, é uma cidade impressionante – respondeu Fogg, com seu tom habitual de calma.

Eles almoçaram em um restaurante árabe na Praça do Lido, onde Palacios saboreou pratos típicos enquanto observava o movimento das pessoas. Depois, passaram por pontos icônicos da cidade, maravilhando-se com o contraste entre a cidade, os morros e o mar.

– Olha, senhor Fogg, o Maracanã! – disse Palacios, excitado, enquanto passavam em frente ao estádio.

– Sim, o Maracanã...

– Ah, Obdulio Varela! O capitão uruguaio que derrotou o Brasil em 1950! – Palacios continuou, sem perceber a mudança de humor de seu patrão.

Fogg preferiu não prolongar a conversa, focando-se na viagem. Após o Rio, dirigiram-se a Búzios, onde a beleza natural e a tranquilidade da cidade fora de temporada os encantaram. Pernoitaram lá. Búzios tomou-lhes um dia. Fogg fez questão de apresentar ao gentil Lionel as praias de águas cristalinas, as penínsulas e trilhas, o charme da Rua das Pedras, que criou o mito internacional da Saint-Tropez brasileira.

De Búzios, seguiram para Vitória, no Espírito Santo. Durante o trajeto, as palmeiras inclinadas pelo vento forte



na região de Marataízes chamaram a atenção de Palacios. Mas Fogg se preocupava mesmo é com sua aposta. Será que fez o certo? Questionou-se neste momento, ao notar o tráfego extremamente pesado da BR-101, rota de transporte de carga em caminhões, gerando o desgaste natural do asfalto, irregular em alguns trechos. Mas os 422 quilômetros entre Búzios e Vitória transcorreram sem maiores percalços, e pernoitaram rapidamente em Vitória antes de continuar a jornada.

Ao amanhecer, já a caminho da Bahia, fizeram uma parada nas dunas de Itaúnas, uma praia paradisíaca com areia branca e fina. A beleza intocada do local proporcionou um breve momento de paz antes de saírem do Espírito Santo.

Trancoso os acolheu com suas falésias impressionantes e a mágica do Quadrado, uma ampla praça cercada por casas coloridas e uma igreja histórica ao fundo. Palacios estava encantado com a Bahia e suas maravilhas naturais, enquanto Fogg mantinha seu foco na meta.

Enquanto a jornada da dupla avançava, eis que o detetive Alfredo Freitas começava a agir. Ele era um homem de estatura mediana, magro, com um aspecto bastante inteligente e nervoso. Seus olhos, por trás de longos cílios, brilhavam com uma intensidade controlada. Sua sobrelanceira esquerda apresentava uma falha, fruto de uma pequena cicatriz. Freitas era daqueles que contraíam os músculos superciliares com persistência, especialmente quando impaciente. E impaciência era exatamente o que sentia após receber aquela mensagem anônima que mudaria o curso dos seus próximos meses e que lhe martelava a cabeça.



Freitas era um desses detetives incansáveis, conhecidos por sua habilidade em observar detalhes e seguir pistas quase invisíveis. A notícia de que Fogg poderia ser o chefe de uma rede de contrabando mexeu profundamente com seus brios. Estava determinado a não deixar Fogg escapar. Sabia que o Brasil era um país vasto, mas estava confiante em suas habilidades.

Freitas usou seus contatos para montar uma armadilha. Descobriu que Fogg estava a caminho de Salvador, então, orquestrou uma blitz policial na BR-101, na tentativa de atrasar a dupla e verificar qualquer irregularidade que pudesse comprometer Fogg.

Perto de Salvador, o SUV de Fogg foi sinalizado para parar por um policial rodoviário.

– Documentos, por favor – pediu o policial, com um olhar sério.

Fogg, sempre meticuloso, entregou todos os documentos do veículo e pessoais. O policial, seguindo as instruções de Freitas, fez uma inspeção minuciosa no carro, verificando os pneus, o porta-malas e o interior do veículo.

Palacios, embora curioso, estava tranquilo. Ele confiava na preparação de Fogg.

– Tudo em ordem, senhor Fogg – disse o policial após uma longa inspeção. – Pode seguir viagem.

– Obrigado, oficial – respondeu Fogg, retomando a estrada com a mesma calma de sempre.

A blitz havia atrasado a dupla por quase uma hora, mas Fogg não se deixava abalar por pequenos contratempos. Continuaram rumo a Salvador, onde ficariam o tempo necessário para aproveitarem a cidade.



De quando

PALACIOS DESEJOU TRÊS VEZES QUE A VIAGEM FOSSE UM SUCESSO.

CAPÍTULO VII

Phileas Fogg e Palacios chegaram a Salvador.

A vibrante capital da Bahia exibia um caleidoscópio de cores e culturas, onde o sincretismo religioso se manifestava na fusão das tradições católicas e afro-brasileiras. A arquitetura colonial, com suas igrejas barrocas e casarões seculares, contrastava harmoniosamente com as modernas

edificações da cidade. O som contagiante do axé e do samba de roda ecoava pelas ruas, enquanto o aroma tentador de acarajé, vatapá e moqueca emanava das barracas de comida, convidando tanto moradores quanto visitantes a se deliciarem com as iguarias locais. Salvador era, sem dúvida, um lugar onde a história, a fé, a música e a gastronomia se entrelaçavam em uma celebração incessante



da vida, da cultura e do sincretismo religioso. Fogg, sempre metódico, dirigiu-se imediatamente à famosa Igreja do Senhor do Bonfim, enquanto Palacios seguia ao seu lado, encantado com as cores e a vibração da cidade.

Ao entrarem na igreja, Fogg observou a arquitetura barroca, enquanto Palacios foi atraído pelas fitinhas coloridas que enfeitavam as grades do santuário.

– Senhor Fogg, o que são estas fitinhas? – perguntou Palacios, curioso.

– São fitas do Senhor do Bonfim, Palacios. Dizem que, ao amarrar uma fita no pulso e fazer três nós, você deve fazer um desejo para cada nó. Quando a fita se desgasta e cai naturalmente, seus desejos se realizam – explicou Fogg, com seu habitual tom calmo.

– Interessante... Posso amarrar uma, senhor Fogg? – pediu Palacios, com olhos brilhando de expectativa.

– Claro, Palacios. Faça seus desejos. – Fogg consentiu, acenando com a cabeça.

Palacios escolheu uma fita azul e, enquanto a amarrava no pulso, fez seus três desejos em voz baixa, mas com fervor.

– Primeiro nó: desejo que nossa viagem de 80 mil quilômetros seja um sucesso e que possamos completá-la sem nenhum problema. – Palacios apertou o primeiro nó com determinação.

– Segundo nó: desejo que o senhor Fogg consiga provar sua



Lembrança do Senhor do Bonfim

Lembrança do Senhor do



Bonfim



aposta e ganhar o desafio, mostrando a todos que ele é um verdadeiro gentleman. – Palacios fez o segundo nó, olhando para Fogg com admiração.

– Terceiro nó: desejo que eu possa ser fundamental para o sucesso desta viagem. – Palacios finalizou o terceiro nó com um sorriso sonhador.

Fogg, observando a seriedade com que Palacios fazia seus desejos, esboçou um leve sorriso, uma raridade em seu semblante sempre calmo e controlado.

– Vamos, Palacios. Ainda temos muito caminho pela frente – disse Fogg, colocando uma mão no ombro de seu ajudante.

Enquanto saíam da igreja, Palacios olhava para a fita em seu pulso com esperança, sentindo-se renovado e confiante. Fogg, por sua vez, mantinha seu olhar firme e focado, determinado a seguir com sua jornada e provar a todos que seu desafio era possível.

A cidade de Salvador, com suas ruas cheias de história e tradição, tornava-se uma etapa memorável na longa viagem que os dois aventureiros ainda teriam pela frente. Cada momento, cada desejo, fortalecia a amizade e o respeito mútuo entre Fogg e Palacios.

A viagem seguiria pelo Nordeste, e capitais foram ficando para trás: Aracaju, Maceió, Recife, João Pessoa e Natal. Em cada uma, memórias do belo litoral brasileiro, de suas paisagens, seu povo, sua cultura.

Enquanto isso, Freitas, frustrado com o fracasso de sua primeira tentativa de pegar algo suspeito no carro de Fogg, planejava seus próximos passos. Ele sabia que precisava ser mais astuto para não ser descoberto e manter-se à frente da dupla.

A perseguição silenciosa continuava, e cada quilômetro percorrido aumentava a determinação de Freitas em desvendar os segredos de Fogg. O Brasil se tornava o palco de uma jornada repleta de desafios, beleza e mistério, em que cada quilômetro percorrido revelava novas aventuras e obstáculos.



DE QUANDO



PALACIOS TALVEZ FALE UM POUCO MAIS DO QUE CONVÉM.

C A P Í T U L O V I I I



No domingo, 13 de outubro de 2024, Alfredo Freitas, investigador determinado, estava em alerta na cidade de Fortaleza. Ele havia seguido uma pista importante sobre o itinerário de Phileas Fogg V. A viagem de Fogg tinha gerado um alvoroço nas redes sociais e Freitas estava decidido a segui-lo de perto, acreditando que poderia desvendar uma rede de contrabando.

Com seu olhar penetrante e uma paciência nata, Freitas aguardava informações sobre o paradeiro de Fogg. Após a denúncia anônima, ele havia rastreado os movimentos de



Salvador

Fortaleza

Rio

Fogg desde o Rio de Janeiro, passando por Búzios, Vitória, Trancoso e Salvador. A última informação indicava que Fogg estava a caminho de Fortaleza.

Ao chegar a Fortaleza, Freitas percorreu os principais pontos turísticos e locais movimentados da cidade. Sabia que precisava agir com discrição para não levantar suspeitas. Durante sua busca, soube que uma feira de artesanato na Avenida Atlântica era um local popular entre turistas.

À noite, Freitas dirigiu-se à feira. Examinava escrupulosamente cada novo rosto masculino que surgia na multidão. Entre barracas de artesanato e vendedores ambulantes, avistou um com características similares às da foto 5x7 que recebera da Polícia Federal e que estamparia o passaporte do uruguaio Lionel Palacios, naquele instante, entretido com uma banca de lembranças.

Freitas aproximou-se cautelosamente, tentando parecer um visitante comum. Ele sabia que precisava iniciar uma conversa sem levantar suspeitas. Aproximou-se de Palacios, que examinava um colar de conchas.

– Boa noite, meu amigo! Belo colar, não acha? – disse Freitas, com um sorriso amigável.

Palacios, surpreso com a abordagem, respondeu educadamente:

– Sim, é muito bonito. Os artesãos aqui têm um talento incrível.

Freitas, mantendo o tom casual, continuou:

– Você tem sotaque latino. Parece estar longe de casa e ser um homem que aprecia uma boa aventura. Está viajando a negócios ou a lazer?

Palacios, ainda desconfiado e sem conseguir tirar os olhos da visível cicatriz na sobrancelha do estranho, respondeu com um sorriso forçado:

– Estamos em uma longa viagem. Meu patrão tem um espírito aventureiro.

Freitas, percebendo a oportunidade, insistiu:

– Deve ser fascinante! E para onde estão indo agora?

– Seguiremos até Belém – respondeu Palacios, evitando dar muitos detalhes.

– Interessante, interessante... – murmurou Freitas.
– E essa viagem tem algum propósito especial?

Palacios, hesitante, mencionou apenas que era uma aposta entre amigos. Freitas sorriu, mas, em seu interior, estava mais determinado do que nunca a seguir cada movimento de Fogg.

Após a breve conversa, Freitas decidiu que precisava manter-se próximo, mas sem ser notado. Ele sabia que não poderia seguir de carro o tempo todo sem levantar suspeitas. Planejou alternar entre carro e avião, dependendo da situação. Não podia arriscar perder Fogg de vista.

A viagem de Fogg continuaria. Após Fortaleza, ele e Palacios seguiram rumo ao Norte, passando por cidades pitorescas e estradas desafiadoras. Entre Fortaleza e Belém estariam os Lençóis Maranhenses, e uma paisagem única como essa não poderia ser desperdiçada, pensava Fogg. Mas ele, com razão, tinha uma preocupação: o calor intenso, o piso acidentado das estradas e as longas distâncias começariam a testar a resistência dos pneus.

– Deixa para lá – sussurrou Fogg consigo mesmo, esse pneu UltraContact foi uma escolha certa e confiável.

Freitas, sempre à espreita, observava de perto. Ele mantinha distância suficiente para não ser detectado, mas próxima o bastante para intervir se necessário. Sua missão era clara: descobrir a verdade sobre Fogg e seu suposto envolvimento com o contrabando.

Em Fortaleza, Fogg e Palacios se hospedaram em um hotel na Avenida Beira Mar. Freitas, por sua vez, optou por um hotel discreto nas redondezas. Ele sabia que a próxima etapa da jornada seria crucial e estava preparado para qualquer eventualidade.

Phileas Fogg V, alheio à sombra constante de Freitas, mantinha seu foco na viagem. Cada quilômetro rodado era um passo a mais para vencer a aposta e provar a todos que era possível completar 80 mil quilômetros pelo mundo com os mesmos pneus. Palacios, por sua vez, começava a entender a grandeza do desafio e a se admirar ainda mais com a determinação de seu patrão.

O encontro entre Freitas e Palacios na Feirinha da Beira Mar marcara uma nova etapa nessa perseguição silenciosa. A cada cidade, a cada estrada, Freitas estaria lá, observando, esperando o momento certo para agir.

De quando

O LITORAL DO NORDESTE E A AMAZÔNIA SE MOSTRAM PROPÍCIOS AOS DESÍGNIOS DE PHILEAS FOGG V. Ⓜ

CAPÍTULO IX

Às sete horas em ponto da segunda-feira, 14 de outubro, após um farto café da manhã, Fogg acelerava seu SUV com destino aos Lençóis Maranhenses. Seriam 650 quilômetros até Barreirinhas, uma pequena cidade com pouco mais de 60 mil habitantes, mas a com mais estrutura no local.

Essa parte da viagem marcaria uma série de paisagens inesquecíveis, passando por praias paradisíacas, coqueiros, natureza preservada, revoada de guarás e até comunidades

ribeirinhas no delta do Rio Parnaíba. A gastronomia, com pratos à base de camarão e caranguejo, também tocava o paladar dos aventureiros.

Deixando para trás a agitação de Fortaleza, seguiram rumo ao oeste, entrando no Piauí, onde os ventos constantes transformavam a costa em um paraíso para o kitesurf.

– Olhe, senhor Fogg! – exclamou Palacios, apontando para as pipas coloridas que salpicavam o céu azul. – Nunca vi nada igual! Esses praticantes parecem voar sobre as águas!

– Realmente impressionante, Palacios – respondeu Fogg, mantendo sua expressão impassível enquanto dirigia pela estrada.

Cada pipa estava presa a um kitesurista, puxando seus protagonistas em curvas suaves e saltos acrobáticos. A combinação de vento, ondas e pipas criava uma cena fascinante, como se o mar estivesse repleto de borboletas gigantes e multicoloridas.

Chegaram a Barreirinhas, uma das portas de entrada dos Lençóis Maranhenses, perto do pôr do sol. Descansaram e descobriram que em outubro as lagoas próximas a essa cidade já não estão com toda sua beleza.

Na manhã seguinte, o SUV seguiu pela estrada até a pequena Santo Amaro, a cidade mais próxima às lagoas.

Os Lençóis Maranhenses são uma paisagem única no mundo, e um dos mais impressionantes fenômenos naturais



do Brasil. Mais de 1.500 quilômetros quadrados de dunas de areia branca são intercalados por lagoas de águas cristalinas azul-turquesa, formadas pelo acúmulo das chuvas que ocorrem de fevereiro a maio.

– Senhor Fogg, estas dunas parecem um deserto, mas com oásis! – comentou Palacios, maravilhado com a vista.
– Milhares de oásis!

– É um fenômeno único, Palacios. As chuvas enchem as depressões entre as dunas, formando essas lagoas que desaparecem na estação seca – explicou Fogg, demonstrando seu conhecimento enciclopédico.

Fogg temia viajar por essa região. Temia que o vento pudesse levar muita areia para o asfalto e causar algum acidente. Mas, com sua cautela e perícia, tudo saiu como o planejado.

Saíram cedo de Santo Amaro, passaram por São Luís e seguiram até a balsa que encurta o caminho rodoviário até Belém do Pará. Perderam mais de uma hora e meia na travessia. A estrada a partir de lá era como um campo minado. Trechos em bom estado se alternavam com outros esburacados. Havia tráfego pesado de caminhões, que muitas vezes tomavam o meio da pista para evitar buracos. Jegues no caminho também não era uma visão incomum. Tudo isso com o sol forte fez Phileas Fogg V pensar em uma parada estratégica para não precisar guiar à noite. Escolheram, em Boa Vista do Gurupi, um pequeno hotel que ficava a 500 metros da ponte sobre o Rio Gurupi, divisa entre Maranhão e Pará. Sairiam na manhã do dia seguinte para percorrer os quase 300 quilômetros que faltavam até Belém.

A BR-316, próxima a Belém, é predominantemente cercada pela Floresta Amazônica. Ao lado da estrada, é possível observar uma vegetação densa, alta e biodiversa. Árvores altas como castanheiras, seringueiras e diversas espécies de palmeiras podem ser vistas.

– Senhor Fogg, estamos realmente entrando na Amazônia!
– exclamou Palacios, fascinado com a mudança de paisagem.

– Sim, Palacios. Esta é uma das regiões mais ricas em biodiversidade do mundo – respondeu Fogg, com um raro toque de entusiasmo em sua voz calma.

Finalmente, ao chegarem a Belém, foram recebidos pela exuberância da cidade amazônica. Belém, com suas mangueiras centenárias e seu clima úmido, era uma cidade rica em cultura e história. A primeira parada foi o Mercado Ver-o-Peso. Sua construção, toda de ferro, datava de 1899, e suas torres com estilo Art Nouveau foram cobertas com escamas de zinco. Seu complexo arquitetônico e paisagístico tem 25 mil metros quadrados, com uma série de construções históricas, como o Boulevard Castilhos França, o Mercado de Carne e o Mercado de Peixe, o casario, as praças do Relógio e Dom Pedro II, a doca de embarcações, a Feira do Açaí e a Ladeira do Castelo. Mas o Ver-o-Peso, na doca das embarcações, tem uma característica: urubus atraídos por vísceras de peixes em lixeiras a céu aberto. De certa forma, essas aves fazem um serviço de limpeza para o mercado.

– Este mercado é incrível, senhor Fogg! – disse Palacios, enquanto exploravam o Ver-o-Peso. – Tantos cheiros e sabores diferentes!



– Sim, é uma verdadeira amostra da riqueza cultural e natural da região – concordou Fogg, observando atentamente as barracas.

Caminharam pelas barracas de artesanato do mercado, onde Palacios se encantou especialmente com as esculturas de madeira dos búfalos da Ilha do Marajó. Seguiram a pé até a moderníssima Estação das Docas, mas precisaram correr da chuva que bateu ponto às cinco horas. No início da noite, visitaram o imponente Teatro da Paz e se maravilharam com a arquitetura, as pinturas no teto e as cortinas.

Belém trouxe uma surpresa inesperada: chegaram lá apenas quatro dias após a procissão do Círio de Nazaré, a maior festa religiosa do Brasil, e tiveram a oportunidade de conhecer



a fé paraense ao visitar a imagem de Nossa Senhora de Nazaré na Praça Santuário de Nazaré.

Reservaram mais um dia de descanso na cidade antes de seguir, que foi muito bem aproveitado na Ilha do Combu. Nessa área de proteção ambiental separada de Belém pela largura do caudaloso Rio Amazonas, que se assemelha a um mar, só se chega de barco. Lá, além da deliciosa culinária paraense, é possível passear pelos igarapés, vivenciar restaurantes sobre palafitas e se sentir dentro da vegetação amazônica. Foi lá que Palacios, ao encontrar uma samaúma de 60 metros de altura, observou:

– Senhor Fogg, vou adotar um novo termo ao meu vocabulário: dimensões amazônicas. Aqui, as árvores parecem prédios e o rio parece mar!

Os 5.380 quilômetros rodados até então foram um testemunho da resistência dos pneus(*) e da determinação inabalável de Fogg. Belém marcou o fim de uma etapa significativa da viagem, mas praticamente 75 mil quilômetros ainda aguardavam a dupla.

Enquanto isso, o determinado Alfredo Freitas continuava a farejar a dupla. Sua primeira tentativa de deter Fogg tinha falhado, mas ele estava longe de desistir.

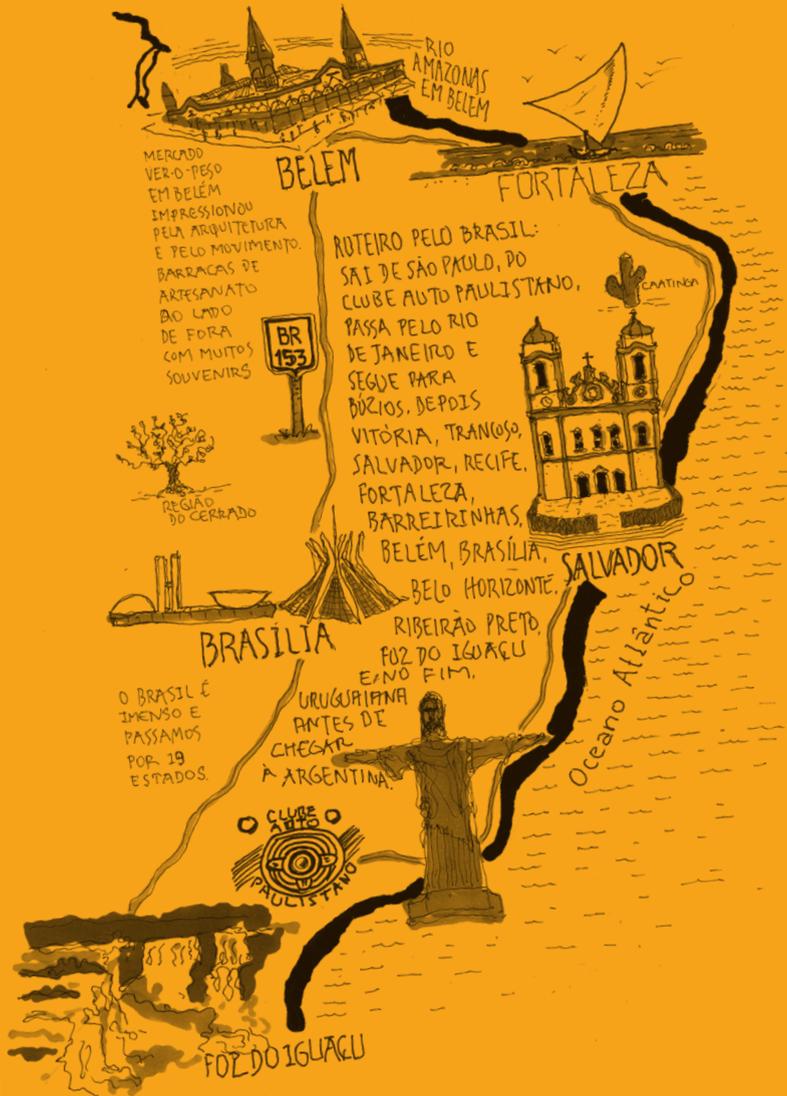
– Preciso descobrir mais sobre o paradeiro desses dois – murmurou Freitas, planejando seus próximos passos. E manteve constante contato com a Polícia Rodoviária para saber por quais estradas o SUV de Fogg passara.

Fogg, alheio à perseguição, estava focado em sua jornada. Cada quilômetro rodado era um passo a mais para vencer a aposta e provar a todos que seu desafio era possível.

– Nosso próximo destino é Brasília, Palacios – anunciou Fogg, enquanto preparavam-se para deixar Belém.

– Estou pronto, senhor Fogg – respondeu Palacios, determinado a continuar a épica aventura ao lado do patrão.

(*)Nota: pneus UltraContact da Continental.





DE QUANDO

FREITAS TENTA NÃO SE EXPOR,
E PHILEAS E PALACIOS
VIAJAM TRANQUILOS
PELO **CENTRO DO BRASIL**⊛

C A P Í T U L O X

Os quase dois mil quilômetros entre Belém e Brasília foram vencidos em três dias intensos na estrada, com paradas para dormir em Imperatriz e Palmas. Em Palmas, Fogg até pensou em conhecer o Jalapão, mas seria desviar muito o caminho e preferiu não sair da rota na manhã seguinte.

Após uma breve parada em Brasília, onde aproveitaram para descansar e explorar alguns pontos turísticos da capital federal, como a Esplanada dos Ministérios e a Catedral Metropolitana, Phileas Fogg e Lionel Palacios retomaram sua jornada. A próxima etapa os levaria a Belo Horizonte, capital de Minas Gerais.

Durante o trajeto, Palacios, sempre curioso, admirava as paisagens que se desdobravam à sua frente.

– Senhor Fogg, estas montanhas são magníficas! – exclamou Palacios enquanto o SUV deslizava pelas sinuosas estradas mineiras.

Ao chegarem a Belo Horizonte, planejaram passar apenas a noite e a manhã do dia seguinte na cidade para descansar e reabastecer. Fogg, metuculoso como sempre, escolheu um hotel próximo ao centro da cidade, permitindo fácil acesso às principais vias de saída.

Enquanto Phileas Fogg verificava detalhes do carro, Palacios aproveitou para explorar um pouco a cidade. Caminhando pelas ruas movimentadas, admirou a arquitetura moderna e a belíssima Praça da Liberdade. Foi também ao Mercado Central, onde se encantou com a variedade de produtos e sabores. Ligou para seu patrão, avisou seu paradeiro, e Fogg foi encontrá-lo para comerem um prato típico mineiro antes de pegarem a estrada.

– Senhor Fogg, esta cidade é encantadora!

– Sem dúvida, Palacios. Mas precisamos continuar. Nosso objetivo é cobrir a maior distância possível hoje – respondeu Fogg, sem desviar seu foco da jornada.

Enquanto isso, o investigador Alfredo Freitas, que os seguia discretamente, decidiu não se expor. Ele continuava em contato constante com a Polícia Rodoviária para monitorar os movimentos de Fogg. Sabia que qualquer erro poderia comprometer

sua missão de descobrir a verdade sobre o suposto envolvimento de Fogg com o contrabando.

Deixando Belo Horizonte, Fogg tinha por destino Buenos Aires, com várias paradas programadas no caminho. As montanhas de Minas Gerais deram lugar às paisagens instagramáveis que ladeiam a estrada nas regiões de Capitólio e Furnas, com as águas do Rio Grande correndo ao lado do asfalto. A cada quilômetro percorrido, a determinação de Fogg e o entusiasmo de Palacios aumentavam.

Pernoitaram em Ribeirão Preto, depois Maringá, e continuaram sua jornada até Foz do Iguaçu, onde o majestoso Parque Nacional do Iguaçu os aguardava com suas famosas Cataratas. A visão das gigantescas quedas d'água deixou Palacios boquiaberto.

– Senhor Fogg, estas Cataratas são uma maravilha da natureza! – exclamou Palacios, enquanto se maravilhava com a vista. Têm dimensões amazônicas.

– Concordo, Palacios. Este é um dos lugares mais impressionantes que já vimos – respondeu Fogg.

De Foz do Iguaçu, seguiram pela Ruta Nacional 12 e 14, entrando na Argentina e passando pela província de Misiones. Ali, conheceram as ruínas das “Misiones Jesuíticas” mais famosas, próximas às cidades de San Ignacio, Candelaria, Concepción, Santa Ana e Loreto. As ruínas, testemunhas de um passado colonial e missionário, impressionaram a dupla.

– Senhor Fogg, estas ruínas são fascinantes. A história que

carregam é palpável – comentou Palacios, enquanto caminhavam entre as antigas construções.

– De fato, Palacios. É importante conhecermos e respeitarmos a história dos lugares por onde passamos – respondeu Fogg, com seu habitual tom ponderado.

No dia seguinte, viria a surpresa que faria Palacios acreditar ter encontrado o melhor patrão do mundo. Guardando segredo até o último instante, Fogg seguia pela estrada até que uma placa no acostamento sinaliza: Uruguiana 50 km.

Sim, a cidade que Palacios morou em sua infância. Fogg planejava seguir até Buenos Aires passando pelo local que talvez mais tocasse o coração de seu ajudante em toda a viagem. Ao entrarem na cidade, Palacios não pôde conter sua emoção.

– Senhor Fogg, quando eu era criança, costumava jogar futebol naquele campinho! – disse Palacios, apontando para um campo de futebol que ainda persistia com a grama muito desgastada. – Sempre eu e meu primo Ariel. A gente jogava todos os dias. Hoje ele é piloto de avião, mas não o vejo há muito tempo. Fico feliz em passar por aqui e recordar.

– É bom ver que tem boas lembranças daqui, Palacios. Essas memórias são preciosas – respondeu Fogg, com um raro sorriso.

Fogg encontrou um hotel e liberou Palacios para matar as saudades de sua terra natal. Sairiam na manhã seguinte para Buenos Aires.



A cosmopolita Buenos Aires, conhecida por sua arquitetura europeia e imensos jardins, os recebeu com seu tráfego intenso. Fogg e Palacios aproveitaram para explorar pontos turísticos como o Obelisco, a Casa Rosada e o famoso bairro de San Telmo.

– Senhor Fogg, Buenos Aires é uma cidade vibrante! – exclamou Palacios, enquanto caminhavam pelas ruas movimentadas.

– Sim, Palacios. É uma cidade rica em cultura e história. Vamos aproveitar nosso tempo aqui antes de continuar nossa jornada – respondeu Fogg, mantendo seu olhar focado no próximo destino. – Mas, antes, vamos comer a melhor parrilla do mundo.

RUÍNAS DA MISSÃO DE
SAN IGNACIO MINI

FUNDADA EM 1610
POR JESUÍTAS NO NORTE
DO PARANÁ. REFUNDADA
EM 1632 POR JESUÍTAS
NA ARGENTINA.

CONSTRUÍDA NO ESTILO
BARROCO GUARANI, É
O MAIS BELO EXEMPLO
DAS 30 MISSÕES CONSTRUÍDAS
PELOS JESUÍTAS NA ARGENTINA,
NO BRASIL E NO PARAGUAI.



De quando

FOGG E PALACIOS ENCONTRAM PROBLEMAS MECÂNICOS EM BUENOS AIRES. ⚙️

CAPÍTULO XI

A quinta-feira de 31 de outubro os recebeu com um sinal de alerta: uma luz de advertência no painel do SUV, algo que Fogg, sempre meticoloso, não podia ignorar.

— Senhor Fogg, parece que temos um problema — disse Palacios, olhando preocupado para o painel.

— Sim, Palacios. Hoje é o Dia das Bruxas e parece que a bruxa está solta. É provável que seja a troca de óleo. Rodamos quase 900 quilômetros a mais do que o recomendado sem nenhuma troca. Vamos encontrar uma



oficina imediatamente – respondeu Fogg, mantendo a calma habitual.

Ao chegarem a uma renomada oficina no bairro de Palermo, foram recebidos por um mecânico experiente, que prontamente diagnosticou o problema.

– Precisamos fazer a troca de óleo e uma revisão completa. O motor pode ter danos maiores se não cuidarmos disso agora – explicou o mecânico, com um olhar sério.

Fogg observou a oficina com atenção. A parede estava coberta de pôsteres de Juan Manuel Fangio e Carlos Reutemann, ao lado de vários do Boca Juniors. Mas Fogg não conseguia tirar os olhos de um Kaiser Carabela 1961, talvez o mais icônico automóvel já produzido no país, com seus extensos 5,47 metros de comprimento. Um homem aparentemente de 50 anos, bem vestido, estava ao lado do carro. Fogg desconfiou que fosse o dono.

– É uma beleza, não acha? – disse o proprietário do automóvel, em castelhano. – Hernán Sosa! Muito prazer.

– Phileas Fogg!

Seguiu-se um sincero aperto de mãos, e Fogg continuou:

– É uma verdadeira relíquia. O entusiasmo argentino por carros clássicos é algo impressionante.

– Somos um povo apaixonado! Não só por carros – disse Sosa, apontando com orgulho para os pôsteres na parede.

– Aqui adoramos nossos pilotos de corrida. Fangio, Reutemann... verdadeiras lendas!

– Fangio é conhecido mundialmente – complementa Fogg. – Vocês têm orgulho enorme dos seus esportistas, são como deuses, pelo que sei. E tanto pôster do Boca Juniors... futebol é outra paixão nacional, certo?

– Com certeza! – diz Sosa. – Nada supera a emoção de um bom jogo de futebol. E hoje tem Boca e River, o maior clássico de todos! Você é fã de futebol, Phileas?

– Sou descendente de ingleses, nasci e moro no Brasil. Isso responde tudo! Mas nunca tive a chance de assistir a um clássico argentino ao vivo.

Sosa, animado, responde:

– Então, você está com sorte! Como é descendente de ingleses, eu gostaria de retribuir o que “La Mano de Dios” causou a vocês em 1986. Tenho um ingresso sobrando para o jogo de hoje à noite. Gostaria de ir?

– Sério? Isso seria incrível! Seria um privilégio assistir ao maior clássico argentino dentro da Bombonera.

À noite, após retirar da revisão o SUV, Phileas Fogg encontrou-se com Hernán Sosa no local combinado e caminharam até o estádio. A chegada à Bombonera impressionou Fogg. O Caminito, rua de paredes azuis e amarelas que leva ao estádio, é como um organismo vivo e pulsante. Casas com janelas coloridas, estátuas de antigos ídolos do Boca

Juniors, bares deixando escapar o som do tango. "Estou vivendo uma experiência antropológica", pensou Fogg.

Durante o jogo, a torcida do Boca Juniors não parou um instante sequer de cantar. Hernán Sosa perguntou a Fogg se ele conhecia o cinema argentino.

Fogg respondeu:

— O mundo todo conhece! Aliás, um dos melhores filmes argentinos de todos os tempos retrata como poucos a paixão argentina por futebol.

Enquanto Phileas Fogg esteve no estádio, Palacios aproveitou o tempo livre para explorar Buenos Aires. No Mercado de San Telmo, comprou novos suprimentos e provou delícias locais.

De volta do estádio, Fogg ainda estava imerso no jogo. As jogadas emocionantes e a energia da torcida criaram uma experiência inesquecível.

— O futebol aqui é uma verdadeira paixão, Phileas. Nunca vi algo assim! — exclamou Sosa, enquanto observava a reação entusiástica do novo amigo.

Após o jogo, passaram em uma pizzaria e Fogg foi deixado por Sosa na porta de seu hotel. Embora ele não percebesse, era observado do outro lado da rua.

Freitas, sempre à espreita, descobriu que chegariam a Buenos Aires, conseguiu o endereço de onde se hospedaram

e passou a seguir a dupla de longe, sem ser notado. Sabia que qualquer movimento precipitado poderia comprometer sua missão. Determinado a descobrir a verdade sobre Fogg, manteve sua vigilância constante.

– Preciso ser cuidadoso. Eles não podem suspeitar de nada – murmurou para si mesmo.

Fogg e Palacios estavam prontos para continuar sua jornada. Com novos suprimentos a bordo do carro já revisado, com alinhamento e balanceamento em dia, verificaram, claro, os pneus(*), assunto da grande aposta. Calibraram apenas para mantê-los em perfeito estado, como orientam as instruções do fabricante. Buenos Aires havia sido uma parada que se resumiria em uma palavra: paixão. Agora, com o veículo em perfeito estado, seguiriam rumo ao próximo destino.

– Pronto para continuar, Palacios? – perguntou Fogg, ao ligar o carro.

– Sempre, senhor Fogg. Vamos em frente! – respondeu Palacios, com um sorriso confiante.

(*)Nota: pneus UltraContact da Continental.

De quando

FOGG E PALACIOS ENFRENTAM DESAFIOS NA ESTRADA PARA EL CALAFATE

CAPÍTULO XII

Após os reparos no carro, Fogg e Palacios deixaram Buenos Aires na manhã de 1º de novembro, com o motor do SUV ronronando suavemente após a troca de óleo e a revisão completa. A capital argentina ficou para trás, dando lugar às vastas paisagens da Ruta Nacional 3, uma estrada que os levaria até El Calafate, na Patagônia argentina. Uma empreitada que lhes tomaria, pelo GPS, 32 horas para percorrer a distância de 2.750 quilômetros.

As primeiras horas da viagem incomodaram Palacios com a linha reta que se estendia até o horizonte, com uma



paisagem sempre parecida. Para controlar a impaciência de seu ajudante, Fogg comentou:

– A Patagônia é conhecida por suas vastas planícies e paisagens deslumbrantes, Palacios. Temos uma longa viagem pela frente. – E manteve seu olhar fixo na estrada.

Fogg notou que seria melhor dividir a jornada em cinco dias. Não considerava saudável dirigir mais de oito horas diárias. A primeira parada foi Bahía Blanca, trecho feito em sete horas e meia com um pit stop em Azul para abastecer o carro “até o automático”, como gostava de frisar Fogg, e também o estômago.

Bahía Blanca não tinha nada de turística, mas oferecia um bom ponto para descansar, jantar, dormir e seguir viagem.

Na manhã seguinte, partiram com o nascer do sol para Puerto Madryn, chegando por volta das duas da tarde. Fogg, entusiasta da vida animal, sabia que era o período para ver a majestosa baleia-franca-austral em seu ambiente natural. Pegaram a estrada de terra até a Praia El Doradillo, e Palacios parecia um fotógrafo caçador da vida selvagem registrando em seu celular os saltos do magnífico cetáceo.

No terceiro dia, pernovernaram em Comodoro Rivadavia. De lá, mais 800 quilômetros até Río Gallegos, em trechos com poucos postos de gasolina, sem acostamento e asfalto intercalado com pedriscos. Tudo era um desafio para o carro, para os pneus(*) e também para

(*)Nota: pneus UltraContact da Continental.

2.750 KM



ARGENTINA

Fogg e Palacios, porque a paisagem de planícies áridas era cansativa. A alegria era ver alguns guanacos na estrada. Mas uma alegria perigosa, porque eles poderiam atravessar a pista.

Chegaram a Río Gallegos no fim da tarde, aproveitando para descansar antes do último trecho até El Calafate.

Os últimos 300 quilômetros que os separavam de El Calafate foram feitos na manhã do dia seguinte. Vastas planícies e montanhas ao longe parcialmente cobertas de neve criavam uma paisagem de sonhos.

Ao chegarem a El Calafate, foram recebidos por Alejandro, um guia local simpático, que Fogg contatara ainda em Comodoro Rivadavia, recomendado por seu conhecimento profundo da região.

– Bem-vindos a El Calafate, senhores! – saudou Alejandro, com um sorriso caloroso. – Espero que estejam prontos para explorar as maravilhas da Patagônia.

– Estamos ansiosos para conhecer o Glaciar Perito Moreno e as belezas da região, Alejandro – respondeu Fogg, apertando a mão do guia.

– Excelente! Vamos começar agora após o almoço e continuar amanhã bem cedo. Há muito para ver e experimentar – disse Alejandro, entusiasmado.

No dia seguinte, Alejandro os conduziu até o famoso Glaciar Perito Moreno. O imenso bloco de gelo, com suas

tonalidades azuladas e formações majestosas, deixou Fogg e Palacios maravilhados. O guia explicou detalhes sobre a formação das geleiras e a importância do glaciário para a região.

Os quase três dias em El Calafate foram repletos de aventuras e descobertas. Fogg e Palacios aproveitaram cada momento para explorar a região, navegando pelo Lago Argentino até os glaciares Upsala e Spegazzini, onde Alejandro mostrou seu conhecimento profundo sobre a geologia e a história da Patagônia.

Apesar dos desafios enfrentados na estrada e das condições climáticas adversas, Fogg e Palacios sentiram-se revigorados pela experiência em El Calafate. Seguiriam em frente. Em frente também seguiria Freitas, a sombra que discretamente espreitava a dupla. Freitas contratou um motorista, perdeu a dupla no meio do caminho, intuiu que El Calafate poderia ser o destino, chegou até lá e seu faro de detetive estava certo.

– A viagem está cheia de mistérios, mas ainda vou descobrir a verdade sobre Phileas Fogg V – pensou em voz alta, enquanto tomava notas detalhadas sobre cada movimento da dupla.

A VOLTA AO MUNDO EM 80.000 km



DEFOVADO

FOGG E PALACIOS ENFRENTAM OS ANDES EM DIREÇÃO A SANTIAGO.⊛

CAPÍTULO XIII

Acordaram cedo naquele 8 de novembro em El Calafate. O frio matinal, com seus 2°C, fazia o vapor de suas respirações parecer neblina. Após um último café da manhã com Alejandro, Fogg e Palacios se despediram. Alejandro deu algumas instruções finais sobre as estradas e os cuidados necessários para a jornada até Santiago.

– Boa sorte, senhores. Se cuidem nas estradas, especialmente com o vento forte da Patagônia – recomendou com um sorriso caloroso.

– E lembrem-se, a paisagem é deslumbrante, mas também traiçoeira.

– Obrigado, Alejandro. Sua orientação fez El Calafate ser inesquecível. Esperamos voltar um dia – disse Fogg, apertando a mão do guia.

Palacios também se despediu, agradecendo por todas as experiências vividas.

Com o SUV abastecido, Fogg e Palacios seguiram pela Ruta Nacional 40 em direção ao Chile. O vento forte balançava o carro levemente, mas a habilidade de Fogg ao volante mantinha a direção segura. A paisagem vastamente desértica da Patagônia se estendia a perder de vista, com montanhas ao longe. Havia aquela sensação de plenitude, de controle, quando você olha para a frente e para o retrovisor e não vê carros, só a estrada. As únicas almas vivas que encontravam em alguns trechos eram ocasionalmente alguns guanacos atravessando a estrada.

A primeira etapa da viagem foi tranquila. Após oito horas, chegaram à pequena cidade de Perito Moreno. Simples e acolhedora, oferecia o descanso necessário para continuarem no dia seguinte.

Partiram cedo, continuando pela RN-40. O segundo dia os levaria até Esquel, uma cidade charmosa situada no sopé da Cordilheira dos Andes. A viagem foi marcada por paisagens de tirar o fôlego, com montanhas majestosas e lagos cristalinos.

Palacios observava com atenção a Cordilheira dos Andes e como pareciam tocar o céu. Divertia Fogg ao dizer que essas cordilheiras tinham dimensões amazônicas.

– A grandiosidade da natureza é algo que sempre me impressiona, Palacios – respondia Fogg.

Após uma noite tranquila em Esquel, seguiram em direção a Bariloche. Quatro encantadoras horas, passando por florestas de alerces e lagos de águas azul-turquesa. Chegaram a Bariloche antes do meio-dia, com a cidade proporcionando uma vista deslumbrante do Lago Nahuel Huapi.

– Parece uma cidade saída de conto de fadas – comentou Palacios, encantado.

– É realmente um lugar especial. Vamos almoçar aqui e seguiremos nossa viagem – respondeu Fogg.

Bem alimentados depois de um delicioso cordeiro, prato bem típico da região, e com o carro abastecido, seguiram para Osorno, no Chile. Chegaram ao entardecer de um dia bastante claro que permitiu avistarem o cartão-postal da região: o imponente Vulcão Osorno, com seu pico coberto de neve. Ver aquela silhueta cônica perfeita cortando o céu com elegância natural inspira admiração e reverência. Localizado próximo às margens do Lago Llanquihue, o Osorno é frequentemente comparado ao Monte Fuji pela simetria de sua forma e pela beleza icônica que exala.

– Senhor Fogg, o vulcão é uma visão e tanto. Parece um guardião desta região – comentou Palacios, encantado com a vista.



No dia seguinte, seguiram pela Carretera Pan-Americana até Chillán, a 400 quilômetros de Santiago, última parada para descanso antes da capital chilena.

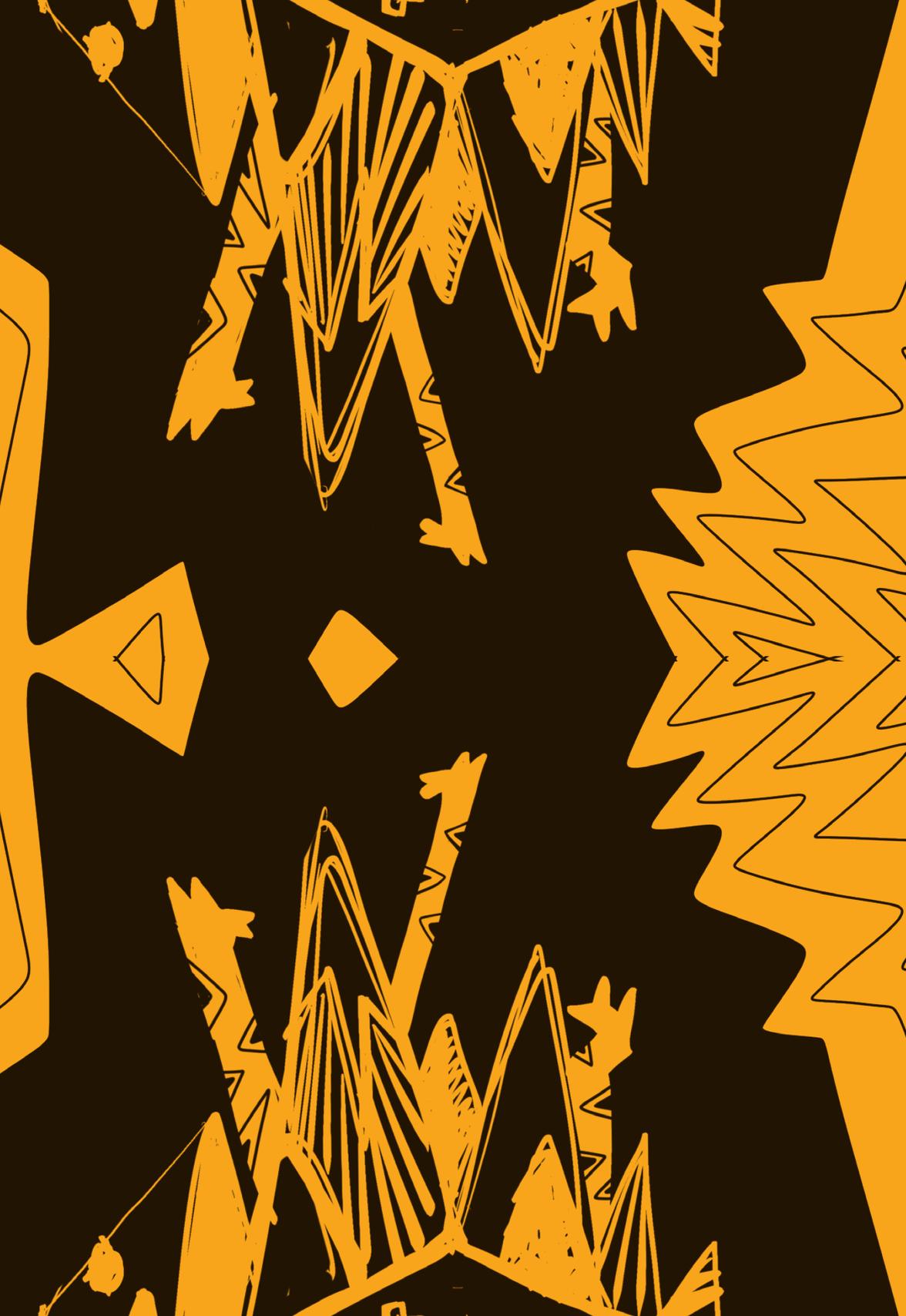
Finalmente, em 11 de novembro, partiram para Santiago. Mais um trecho de paisagens deslumbrantes com os Andes se erguendo majestosos ao longe. Chegaram ao entardecer a uma capital vibrante e cheia de vida, capaz de oferecer modernidade, história, vistas incríveis, bons vinhos e um detetive que parecia carrapato no encaicho da dupla.

Sim, enquanto Fogg e Palacios começavam sua travessia por Argentina e Chile até Santiago, o detetive Alfredo Freitas, ainda em El Calafate, abordou o guia Alejandro alegando ser amigo de longa data de Fogg.

– Alejandro, sou um velho amigo do Phileas. Ele me avisou que estaria aqui e recomendou você como guia. Ele saiu ontem, correto? – disse Freitas, com um sorriso convincente.

Alejandro, sem suspeitar, revelou que, sim, Fogg havia partido para Santiago. Freitas agradeceu, aproveitou para usar Alejandro um dia como seu guia e, rapidamente, fez seus planos. Pegou no dia seguinte o próximo voo para Santiago, descobriu com suas conexões policiais em qual hotel Fogg se hospedaria e já estava em Santiago na chegada da dupla.

Fogg e Palacios, alheios à perseguição, estavam focados em sua jornada. Santiago era apenas mais uma parada em sua épica aventura ao redor do mundo.



DE QUANDO

FOGG E PALACIOS DESCOBREM MARAVILHAS NOS ANDES E OS DESAFIOS DO TRÂNSITO EM LIMA.®

C A P Í T U L O X I V

Santiago é fascinante. Começaram a exploração no dia seguinte pelos cerros – as colinas e montanhas que formam parte importante da paisagem urbana da capital chilena. Primeiro, o Cerro San Cristóbal ofereceu uma vista panorâmica da cidade e dos Andes ao fundo. Depois,

foram ao Cerro Santa Lucía, um parque histórico com jardins, fontes e vistas também encantadoras.

No dia seguinte, decidiram visitar uma vinícola nos arredores de Santiago, famosa por seus vinhos de alta qualidade. Durante o tour pela vinícola,

aprenderam sobre o processo de produção do vinho e ouviram uma história intrigante sobre um diabo que aparecia à noite para proteger dos ladrões os vinhos mais preciosos. Palacios, um tanto supersticioso, ficou um pouco assustado.

Houve tempo para explorar o centro histórico da cidade antes de partir para La Paz ao romper da alvorada no dia seguinte. A viagem levou quatro dias, com três paradas para dormir.

A Rodovia Pan-Americana, esse emblemático fio de asfalto que conecta as Américas, guiou o caminho. No início, a estrada bem pavimentada, de tráfego moderado, passou por vales férteis e colinas suaves. Fogg e Palacios testemunharam vinhedos e plantações na rica agricultura chilena. Após o acolhedor oásis que foi Vallenar, a paisagem se transformou drasticamente, com vastas extensões de areia e rochas, pontilhadas ocasionalmente por cactos e formações rochosas impressionantes.

– Já é o deserto do Atacama – pontuou Fogg. – E, antes que você me fale, ele tem dimensões amazônicas! Não passaremos na sua porção mais bela, próximo a San Pedro de Atacama, ou sairemos muito de nossa rota.

Apesar do isolamento, o asfalto estava em boas condições, mesmo com tráfego mais intenso de caminhões devido ao transporte de minerais. A cidade portuária de Antofagasta trouxe um pouco de descanso e saborosa culinária. Palacios se esbaldou com sua chorrillana de mariscos, uma combinação de frutos do mar sobre batatas fritas, cebolas e ovos fritos.

Phileas Fogg V, sempre comedido, pediu uma corvina acompanhada de salada chilena e batatas.

O dia seguinte foi pesado na estrada, mais de nove horas até Oruro em meio ao altiplano boliviano. Chegaram a La Paz no domingo, 17 de novembro, e se impressionaram com a cidade situada a mais de 3.500 metros de altitude, seus mercados coloridos e ruas cheias de vida.

La Paz é uma tapeçaria viva de influências indígenas e coloniais. As etnias aimará e quíchua constituem uma grande parte da população, trazendo consigo uma riqueza de tradições ancestrais que permeiam todos os aspectos da vida cotidiana. O Mercado de las Brujas, com suas ervas medicinais e amuletos, é um testemunho das práticas espirituais que ainda são profundamente respeitadas.

Presentearam-se com um dia inteiro de descanso na capital boliviana para enfrentarem de uma só vez os mais de 600 quilômetros até Cusco. Foram mais de dez horas, algumas causadas pela demora na travessia da fronteira com o Peru. Já era o dedo de Freitas no meio do caminho, sempre em parceria com autoridades de outros países, monitorando o caminho da dupla.

Chegaram a Cusco, no Peru, antiga capital do Império Inca. Cusco os recebeu com sua história e arquitetura impressionantes. Visitaram a belíssima Plaza de Armas e suas igrejas. Visitaram o Templo de Qorikancha, as ruínas de Sacsayhuaman e o pitoresco Mercado Central de San Pedro.

Após um dia completo explorando a cidade, seguiriam para Ollantaytambo, de onde pegariam o trem até Aguas Calientes,

aos pés de Machu Picchu. Saíram pela manhã. A primeira parada foi Chinchero, local turístico onde visitaram uma tradicional tecelagem andina e aprenderam com as artesãs a diferenciar lhamas, alpacas e vicunhas.

A viagem seguiu por estradas de terra que desafiavam os pneus(*), mas Fogg estava tranquilo. Passaram pelas Salinas de Maras, um conjunto de piscinas brancas que se avista do alto da colina. Quando Fogg lhe contou que eram piscinas de sal, Palacios se espantou.

– Essas salinas no meio da montanha indicam que antes dos Andes surgirem, isso aqui era um mar – disse Fogg.

Na sequência, chegaram a Moray, outro sítio arqueológico que demonstrava a astúcia inca, utilizado pelos nativos como laboratório agrícola, e viveram uma experiência gastronômica em um restaurante próximo ao local, com vista para os picos nevados.

Ao entardecer, Ollantaytambo os recebeu com luzes amareladas em sua pequena praça principal, onde *tuc tucs* circulavam por ruas estreitas, de difícil acesso para carros. Viram como a cidade é um museu a céu aberto para entender como a engenharia inca também era evoluída, ao construírem uma série de canais e aquedutos para direcionar a água das montanhas até a cidade.

Foi em Ollantaytambo que Palacios, curioso, entrou em um quintal e se apaixonou pelos belos ratinhos que corriam no chão. Ao saber que eram porquinhos-da-índia, ficou surpreso: foi a iguaria da noite anterior em Cusco.

(*)Nota: pneus *UltraContact* da *Continental*.



No dia seguinte, seguiram no trem das seis e quarenta até Aguas Calientes e visitaram Machu Picchu. Foi o ponto alto, e de bônus um carimbo simbólico no passaporte. A cidade perdida dos incas os deixou sem fôlego com sua grandiosidade e mistério. Fogg e Palacios exploraram cada canto das ruínas, absorvendo a história e a energia do lugar.

– Como carregavam essas pedras? – perguntava Palacios. Fascinado por bichos, identificou como lhamas os animais que pastavam no local e ouviu de um guia sobre a importância da serpente, do puma e do condor na espiritualidade local. A serpente simbolizava o mundo inferior e os mistérios da vida e da morte. O puma era o mundo terrestre, a vida, a realidade física. E o condor, o mundo superior, o divino, a liberdade espiritual.

Voltaram a Ollantaytambo no fim da tarde, carregando as memórias de um local inesquecível. Assim que Fogg disse:

– Merecemos um excelente jantar, Palacios!

O uruguaio respondeu:

– Nada de porquinhos-da-índia, senhor Fogg!

Comeram uma pizza e foram descansar.

Os três próximos dias reservaram uma longa viagem até Lima por estradas complicadas, estreitas, trechos sem acostamento e falhas no asfalto. E Fogg se aliviava com o heroísmo de seus pneus. Em nenhum instante, naquelas rodovias, temeu perder a aposta. E mesmo com um excelente motorista como

Phileas Fogg V, os 1.100 quilômetros até Lima levaram 19 horas ao volante, distribuídos por três dias viajando por montanhas e curvas sinuosas no início, até costear o Pacífico no final.

Chegaram a Lima e enfrentaram o caótico trânsito da cidade. Palacios perguntou a Fogg se buzinar seria o esporte nacional peruano. Em meio a uma confusão, Fogg demonstrou sua habilidade de manter a calma e resolver a situação com muita educação, impressionando seu ajudante.

Tiveram um dia inteiro em Lima, onde Fogg, sempre precavido, deixou o carro em uma oficina para revisar, trocar óleo e filtros, alinhar, balancear e calibrar os pneus. Vinte mil quilômetros já se passaram desde que o hodômetro foi zerado na saída do Clube Auto Paulistano, há 55 dias.

– Um quarto da viagem já cumprida – vibrou Fogg, entusiasmado pelos pneus ainda parecerem novos.

Aproveitaram o tempo que restava para explorar a pé o centro histórico, o bairro de Miraflores, o Museu Larco – onde reviram toda a história inca – e Barranco, com sua estonteante vista para o Oceano Pacífico no pôr do sol.



De Guarando

FOGG E PALACIOS EXPLORAM
AS MARAVILHAS DO **EQUADOR**,
E FREITAS ENCONTRA INSPIRAÇÃO
NAS **ILHAS GALÁPAGOS**⊗

C A P Í T U L O X V

Fogg e Palacios deixaram Lima na manhã de 27 de novembro. O destino seria o Equador. O caminho serpenteava pela costa peruana, com vistas deslumbrantes do Oceano Pacífico de um lado e colinas áridas do outro. Seguiram pela Rodovia Pan-Americana, conhecida por suas paisagens cênicas e também por seus trechos desafiadores.

A primeira etapa os levou a Trujillo, onde passaram a noite. Com sua rica história e arquitetura colonial, Trujillo é conhecida por suas ruínas, como Chan Chan – a maior cidade de adobe da América e um dos mais preciosos sítios

arqueológicos do mundo – e também como as Huacas del Sol y de la Luna, tudo devidamente visitado na manhã seguinte. Mas a principal razão para Fogg pernoitar lá foram as várias opções de hospedagem e restaurantes da cidade.

No dia seguinte, rodaram mais 475 quilômetros até Piura, uma cidade vibrante e acolhedora. O calor do deserto norte peruano os acompanhava, e Palacios se deliciou com a culinária local, especialmente os ceviches frescos.

Após uma boa noite de descanso em Piura, cruzaram em Huaquillas, sem maiores problemas, a fronteira do Equador. Chegavam a um novo país, exatamente no centro do mundo. Ao conquistar sua independência da Grã-Colômbia em 1830, o país adotou o nome República del Ecuador (República do Equador) em referência à linha equatorial que passa por seu território, fatiando o mundo em norte e sul. Não foi de estranhar a vegetação se tornar mais densa e tropical à medida que avançavam.

Chegaram a Guayaquil, a primeira grande cidade no Equador, pouco depois das duas da tarde. A Pérola do Pacífico, cidade mais populosa, principal porto e o coração econômico do Equador se estendia majestosa às margens do Rio Guayas.

Os guayaquilenhos, com sua natureza vibrante, são um verdadeiro tesouro da cidade. Sua cultura é um rico mosaico feito de música, dança e festividades que celebram tanto as raízes indígenas quanto as influências coloniais. As festas locais, repletas de cores e ritmos, são uma expressão do orgulho e identidade dessa gente.

– Me parece uma metrópole vibrante que mistura modernidade com tradição, Palacios! A vida aqui pulsa com muita energia – disse Fogg.

Passearam pelo Malecón 2000, um calçadão à beira do Rio Guayas, onde Fogg aproveitou para fazer anotações detalhadas sobre a infraestrutura das estradas que ainda teriam que percorrer. Palacios explorou as feiras de artesanato e os mercados locais, maravilhado com a riqueza cultural do lugar.

Antes do nascer do sol no dia seguinte, a cidade portuária, com suas movimentadas docas e o constante tráfego de embarcações no Rio Guayas, é deixada para trás. Os pneus do SUV tocam novamente o asfalto da Pan-Americana, avançando para o norte. O ar úmido e os primeiros raios do sol revelam a paisagem verdejante e toda a fertilidade da região. Campos de cultivo de banana, cacau e arroz pontuam a vista, com trabalhadores dedicados colhendo os frutos da terra. A estrada, bem pavimentada e fluida, permite a Fogg uma condução suave, acompanhada pelo zumbido constante do motor e pelo canto dos pássaros tropicais que habitam os arredores. Gradualmente, a estrada começa a subir, e a mudança na paisagem é notável. As planícies dão lugar a colinas ondulantes e, eventualmente, a montanhas imponentes. A Pan-Americana serpenteia pelas encostas dos Andes, revelando vistas panorâmicas a cada curva. As temperaturas começam a cair, o ar se torna mais fresco e rarefeito. A vegetação também muda, com páramos substituindo as selvas tropicais. A rota segue pela famosa “Avenida dos Vulcões”, onde majestosos picos vulcânicos como o Cotopaxi e o Chimborazo



dominam o horizonte. Esses gigantes de pedra e gelo, alguns ainda ativos, são testemunhas silenciosas da dinâmica geológica que molda o Equador.

Chegaram a Quito quase oito horas após a saída de Guayaquil. Uma viagem longa, mas marcante pela quantidade de novas fotos que agora preenchiam o celular de Palacios.

A capital equatoriana, situada nas encostas dos Andes, com seu centro histórico bem preservado, declarado Patrimônio Mundial pela Unesco, impressionou Fogg e Palacios. Nas duas noites que passaram na cidade, puderam visitar a Plaza Grande, a Igreja de São Francisco e outros marcos da rica história colonial da cidade.

Enquanto Fogg e Palacios exploravam Quito, Alfredo Freitas, que havia chegado de avião ao Equador antes da dupla, decidiu visitar as Ilhas Galápagos. Localizadas a cerca de mil quilômetros da costa equatoriana, as Galápagos são um arquipélago conhecido por sua fauna única e ecossistema diverso. Freitas embarcou em um voo de Quito para Baltra, uma das principais ilhas do arquipélago, e de lá seguiu de barco até Santa Cruz.

Nas Galápagos, Freitas ficou fascinado pelas tartarugas gigantes e iguanas marinhas. Observou a vida selvagem em seu habitat natural e ficou particularmente impressionado com uma tartaruga que tentava perseguir um lagarto. Essa cena despertou uma metáfora em sua mente: ele se via como a tartaruga, lenta e perseverante,

em sua perseguição a Fogg, o ágil lagarto que escapa a cada movimento. Essa metáfora renovou sua determinação em capturar Fogg, convencido de que estava prestes a revelar o suposto contrabandista.

Após três dias nas ilhas, Freitas retornou ao continente, mais determinado do que nunca. Ele sabia que Fogg e Palacios estariam em Quito e planejou sua próxima movimentação cuidadosamente.



DE QUERO

PHILEAS FOGG V SOMA UMA NOVA PERSONAGEM À SUA AVENTURA.✪

C A P Í T U L O X V I

Fogg e Palacios deixaram Quito em direção à Colômbia na manhã de uma segunda-feira, 2 de dezembro. Atravessaram a Cordilheira dos Andes, enfrentando estradas sinuosas com vistas panorâmicas de cortar a respiração. Após quatro horas de montanhas majestosas, vales profundos, florestas tropicais densas, trechos em obras, pequenas

idades, pistas de mão única e momentos de mão dupla, tocaram o solo colombiano em Ipiales, onde Fogg fez questão de conhecer o Santuário de Nossa Senhora de las Lajas, uma impressionante construção em estilo neogótico, situado a 2.900 metros de altura, praticamente encravado nas rochas de um cânion. Uma ponte de pedra conecta o santuário à estrada

principal, oferecendo vistas impressionantes do cânion e da paisagem ao redor.

Noventa quilômetros adiante estava Pasto, uma cidade rica em história e arquitetura colonial, aninhada nas encostas do Vulcão Galeras. Fizeram lá a pausa para o almoço.

Já era noite quando chegaram a Popayán, a Cidade Branca colombiana, com todas as paredes do centro histórico pintadas de branco. Ao anoitecer, Popayán emerge como uma joia luminosa nas montanhas andinas. As fachadas coloniais brilham sob a luz suave das lamparinas, e as ruas de paralelepípedos trazem um ar interiorano. A Catedral, majestosa e iluminada, domina a paisagem, enquanto a Plaza Mayor é um oásis de contemplação. Envolta em um manto de tranquilidade e história, Popayán parece mágica com seus convidativos cafés em ruas estreitas e ofereceu uma boa noite de descanso à dupla.

Chegaram a Bogotá dois dias depois. A vibrante capital colombiana, a 2.600 metros de altitude, recebeu-os com seu clima fresco típico de dezembro, marcado por dias ensolarados e noites frias. Reservaram a quinta-feira para explorar a cidade, visitando pontos turísticos como a Plaza Bolívar, o Museu do Ouro e o Cerro de Monserrate, de onde tiveram uma vista panorâmica completa. O Museo Botero e o Centro Cultural Gabriel García Márquez também foram contemplados, pois Fogg era fã da pintura de um e considerava Cem Anos de Solidão o melhor livro de sua vida.

A vasta capital colombiana, ainda envolta em névoa, foi deixada para trás ao amanhecer. A estrada, inicialmente uma artéria urbana repleta de veículos apressados, gradualmente

se transformava em uma via cortando as colinas verdes dos Andes. A viagem começou pela Rodovia 45, também conhecida como Troncal del Magdalena.

À medida que avançavam, pequenos povoados com casas de adobe apareciam nas encostas, enquanto a estrada os conduzia pelas montanhas. Foi então que o céu, até aquele momento apenas ameaçador, resolveu desabar com fúria impressionante. O primeiro trovão soou como o rugido de um gigante desperto, e as primeiras gotas pesadas de chuva começaram a cair, martelando o para-brisas com uma intensidade crescente.

Em minutos, Fogg usava sua habilidade ao volante para domar um dilúvio. Torrentes de água correndo pelas encostas cruzavam o caminho. A visibilidade caiu para quase nada, Fogg reduziu a velocidade e agradeceu à segurança dos pneus(*), que ainda estavam novos e com boa aderência aos espelhos d'água que se formavam à frente.

– Se a Arca de Noé aparecer na contramão, não estranhe, Palacios! – disse Fogg bem-humorado, para descontrair o ambiente que se tornara apreensivo dentro do carro. Palacios sorriu.

Após mais de uma hora de uma condução cuidadosa, as nuvens começaram a se dissipar e a chuva acalmou.

Chegaram a Bucaramanga ao anoitecer. Conhecida como a Cidade dos Parques, foi o local de um merecido descanso.

No dia seguinte, chegaram à estrada antes do sol, que,

(*)Nota: pneus UltraContact da Continental.

ao nascer, revelou um trajeto mais reto pelas planícies do Magdalena Medio. A vegetação densa deu lugar a campos abertos e fazendas. Pequenas aldeias ribeirinhas e cidades menores pontuaram a rota, cada uma com sua própria história e cultura.

Fizeram algumas paradas pelo caminho para esticar as pernas e apreciar a paisagem, quando um evento inesperado aconteceu. Avistaram uma jovem mulher, aparentemente desorientada, emergindo da floresta próxima. Ela carregava uma mochila surrada e parecia estar à beira das lágrimas.

Fogg e Palacios se aproximaram cautelosamente. A mulher, quase chorando, explicou que se chamava Valentina Aguilar. Era uma bióloga equatoriana que se perdeu na floresta enquanto estudava aves ameaçadas de extinção. Ela estava sem comida e água há dias, e a bateria de seu celular acabou, além de não ter sinal por lá. Valentina estava visivelmente exausta e faminta.

Fogg e Palacios rapidamente ofereceram ajuda. Levaram Valentina até um posto de gasolina nas proximidades, onde puderam lhe fornecer comida e bebida. Enquanto ela se recuperava, contou mais sobre sua paixão pela natureza e sua pesquisa. Impressionados com sua determinação e coragem, Fogg e Palacios decidiram oferecer carona até Cartagena.

Valentina aceitou a oferta com gratidão. Durante o pouco tempo de viagem que restava, compartilhou histórias fascinantes sobre a vida selvagem e as paisagens que havia estudado. Sua presença trouxe uma nova dinâmica à jornada, e mesmo o impassível Phileas Fogg V mostrou um novo ânimo.



Harpia harpyja

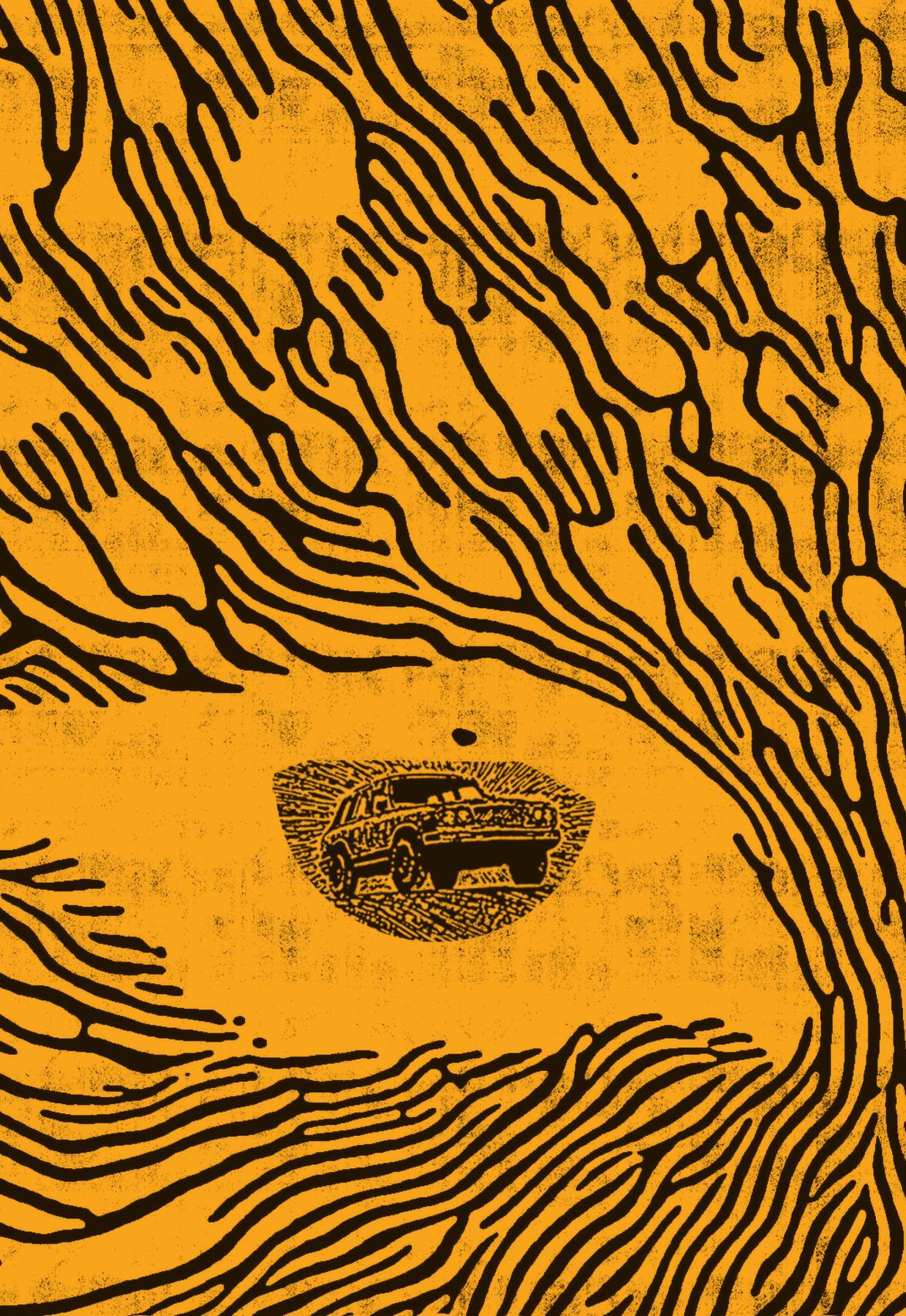


Valentina Aguilar

A brisa salgada do mar anunciava a proximidade de Cartagena. Uma cidade costeira deslumbrante com rica história colonial. Iriam descobri-la no dia seguinte, era impossível estar lá e não aproveitar toda sua beleza e charme.

Fogg e Palacios se encaminharam para a hospedagem que haviam reservado. Valentina, agora refeita do susto, disse que encontraria onde ficar, mas gostaria de vê-los no dia seguinte. Combinaram de se encontrar para o café da manhã.

Enquanto isso, Freitas retornava das Ilhas Galápagos com uma nova determinação. Inspirado pela metáfora da tartaruga e do lagarto, ele estava mais decidido do que nunca a desvendar os segredos de Phileas Fogg V, ainda mais quando descobriu que já estava em terras colombianas.



DE COMO

PHILEAS FOGG V CONSEGUE ENTRAR NA AMÉRICA CENTRAL COM SEU CARRO.✪

CAPÍTULO XVII

Na manhã seguinte, ao se dirigirem para o pequeno espaço do café da manhã em sua hospedagem, Fogg e Palacios se surpreenderam. Valentina já estava ali, sorridente e mais animada do que nunca. Puderam notar sua mochila de viagem depositada ao seu lado.

– Phileas – disse ela, entre os goles finais de uma xícara de café –, pensei uma coisa durante a noite.

Fogg e Palacios olhavam curiosos para a bela jovem.

– Acho que sua aventura dirigindo por tantos países é o tipo de oportunidade única para quem, como eu, é apaixonada pela natureza. Acompanhar sua viagem pelos continentes abriria portas do conhecimento para mim que nenhuma universidade ou laboratório conseguiria abrir.

Fogg e Palacios trocavam olhares cada vez mais curiosos.

Valentina respirou fundo e falou:

– Por favor, me deixe acompanhá-los em sua viagem. Prometo não atrapalhar nem trazer custo algum. Ao contrário, posso ajudar com meu conhecimento em biologia e idiomas.

Palacios resmungou entre dentes:

– Desde que não precisemos dela para nos localizar em uma floresta...

Fogg repreendeu o assistente com o olhar, mas a própria Valentina riu do comentário, deixando todos à vontade.

Fogg, admirado e surpreso com a coragem da jovem, só conseguiu responder:

– Ok, senhorita. Com uma condição: que seja uma testemunha ocular e imparcial da nossa façanha para, ao final, comprovar tudo que iremos contar na volta.

A presença de Valentina realmente trouxe uma nova energia ao grupo.



A jovem bióloga tinha estatura mediana, com movimentos ágeis e precisos, fruto de seus constantes deslocamentos em terrenos difíceis. Sua pele era morena e os olhos expressivos, de um castanho profundo, que brilhavam com a curiosidade e a paixão de uma cientista dedicada.

Seus cabelos negros, longos e ondulados caíam livremente sobre os ombros com um brilho natural. Valentina possuía traços faciais delicados e bem definidos: um nariz pequeno e reto, lábios cheios que frequentemente se curvavam em um sorriso gentil e sobrancelhas arqueadas que davam um ar de determinação ao seu semblante. Suas mãos, embora delicadas, mostravam sinais de sua vida de campo – unhas curtas e dedos ligeiramente calejados.

Aos 27 anos, exalava uma aura de força interior e serenidade, combinadas com uma sensibilidade apurada. Seu olhar atento e observador, sempre em busca de novos detalhes na paisagem, refletia a mente analítica de uma cientista e o coração de uma verdadeira amante do mundo natural.

Sua paixão pela natureza e seu espírito aventureiro, notou Fogg, poderiam complementar perfeitamente sua determinação e a curiosidade de Palacios.

Todos acertados, terminaram rapidamente seu café sorrindo e saíram para investigar Cartagena. O centro histórico, conhecido como Cidade Amuralhada, era um verdadeiro tesouro colonial. As fachadas das casas, pintadas em tons vibrantes de azul, amarelo e rosa e enfeitadas com luminárias retrô, contrastavam com as portas e janelas de madeira esculpida. Flores tropicais pendiam das sacadas, adicionando

um toque de cor e vida àquela antiga arquitetura da cidade colonial mais bem preservada das Américas.

– Esta cidade é realmente encantadora, senhor Fogg! – exclamou Palacios, olhando ao redor maravilhado.

– De fato, Palacios. Cartagena possui uma riqueza histórica e cultural que é difícil de encontrar em outro lugar – respondeu Fogg, com um raro sorriso de satisfação. – Estar aqui é como voltar no tempo – complementou.

O grupo explorou com entusiasmo os pontos turísticos de Cartagena. Visitaram a Torre do Relógio, uma estrutura imponente que marca a entrada da Cidade Amuralhada.

No Castelo de San Felipe de Barajas, um forte colossal construído pelos espanhóis para proteger a cidade dos invasores, Fogg admirou a engenhosidade da construção enquanto Valentina se informou sobre os numerosos ataques sofridos pela fortificação ao longo de sua história. Um deles em 1586, comandado pelo famoso corsário inglês Sir Francis Drake. Mas a investida mais significativa ocorreu em 1741, durante a Guerra da Orelha de Jenkins. O almirante britânico Edward Vernon liderou uma enorme frota de 186 navios e cerca de 27 mil homens contra a fortaleza. O castelo, defendido por apenas 3.600 soldados sob o comando do espanhol Blas de Lezo, conseguiu resistir ao cerco graças à sua engenharia estratégica e à resistência heróica dos defensores. Esse evento é um dos episódios mais célebres da história militar espanhola na América.

– É fascinante pensar em como essas estruturas foram erguidas e resistiram ao tempo – comentou Valentina,



com um brilho nos olhos.

– A engenharia por trás dessas construções é realmente impressionante – concordou Fogg.

O Palácio da Inquisição, com sua fachada austera e suas histórias sombrias, deixou Palacios intrigado. Ele se maravilhou com os artefatos históricos e as narrativas dos tempos da inquisição, absorvendo cada detalhe com um misto de curiosidade e apreensão.

– Este lugar tem uma aura diferente, quase sombria – murmurou Palacios, olhando ao redor.

Enquanto aproveitavam a cidade, Valentina revelou mais sobre sua pesquisa em biologia. Apaixonada pela natureza, ela estudava espécies ameaçadas de extinção e se dedicava à preservação dos ecossistemas.

– Estou realmente grata por vocês terem me encontrado. Quero ajudar no que puder durante esta viagem – disse Valentina, sinceramente.

– Sua ajuda será muito bem-vinda, Valentina. Seu conhecimento será um grande diferencial para nós – respondeu Fogg, apreciando a disposição da jovem bióloga.

Durante a estadia em Cartagena, uma espécie de empatia começou a se desenvolver entre Fogg e Valentina. A jovem bióloga se atraiu pela determinação e senso de aventura de Fogg, enquanto ele admirava sua paixão pela natureza e sua coragem.

Freitas, já na Colômbia, continuava monitorando os passos de Fogg e Palacios. Ele entrou em contato com a polícia rodoviária colombiana, tentando rastrear o carro de Phileas Fogg V, acreditando que poderia pegá-lo em algum erro ou atividade suspeita. No entanto, o meticuloso Fogg mantinha tudo em ordem e dentro da lei.

Com a necessidade de atravessar para o Panamá e sabendo da impossibilidade da travessia ser feita por terra devido ao Darién Gap, região de floresta densa e pântanos intransitáveis para veículos motorizados, Fogg já havia decidido que a melhor maneira seria embarcar seu SUV em um navio Ro-Ro – sigla utilizada para definir os navios cargueiros roll on-roll off. A travessia até o Porto de Cólón, no Panamá, duraria dois dias, o mesmo tempo que Fogg, Valentina e Palacios levaram para fazê-la a bordo de um cruzeiro marítimo que teve como bônus uma parada na paradisíaca Ilha de San Blas.

Freitas, sempre um passo atrás, tentou convencer as autoridades do Panamá a inspecionarem o carro de Fogg na chegada, mas não encontraram nenhuma irregularidade. Até aquele momento, 24.610 quilômetros foram rodados.

A chegada ao Panamá marcaria o início de uma nova etapa na jornada, que continuaria pela Rota Pan-Americana. A determinação de Fogg, a curiosidade de Palacios e a paixão de Valentina pela natureza formavam um trio preparado para enfrentar os caminhos que a América Central lhes reservava.



OS ZOMBO

A AMÉRICA CENTRAL APRESENTOU AS PUPUSAS, OS CHICKEN BUSES E AS RUÍNAS DE TIKAL A FOGG, PALACIOS E VALENTINA.

CAPÍTULO XVIII

Ao desembarcarem no Porto de Colón, no Panamá, Phileas Fogg, Palacios e Valentina retomaram sua épica jornada. Percorreram 900 quilômetros em um único dia, saindo cedo

pela manhã. A viagem foi cansativa, mas as paisagens deslumbrantes e as conversas descontraídas trazidas pela presença de Valentina no carro tornavam o trajeto mais agradável. Três almas

tão diferentes dentro de um automóvel criam um microcosmo de intimidade e revelações. Um universo próprio, em que cada ocupante compartilha pedaços de suas vidas, histórias e segredos.

Cogitaram pernoitar em David, ainda no Panamá, mas Fogg não queria perder tempo. Olhava para seu calendário, para o rígido inverno em terras norte-americanas. Temia que a neve bloqueasse estradas. Seguiram. Era noite quando chegaram a San José. Para quem chega pela primeira vez, San José ao anoitecer é uma introdução encantadora à hospitalidade e ao dinamismo da Costa Rica. A arquitetura colonial se destaca contra o céu noturno, com edifícios históricos, como o Teatro Nacional, elegantemente iluminados. As praças públicas, como a Plaza de la Cultura, estão cheias de vida, com músicos de rua, vendedores ambulantes e turistas explorando cada canto. A cidade estava toda iluminada, e descobriram a razão: no sábado, 15 de dezembro, aconteceria o Festival da Luz. Um evento anual que transforma a cidade em espetáculo de luzes e cores, celebrando a temporada natalina. Lamentaram não poder esperar.

Na América Central e no México, por questões de segurança, Fogg se determinou a dirigir apenas durante o dia. Saíram cedo. E, ao pôr do sol, estavam em Manágua, capital da Nicarágua, onde pernoitaram.

O dia seguinte, 13 de dezembro, reservou algumas dificuldades. Entre Manágua e San Salvador, a capital de El Salvador, a Rota Pan-Americana, apesar de estar em boas condições, apresentou vários trechos com buracos e sinalização deficiente, especialmente nas áreas rurais. A viagem ofereceu



diversas paisagens, incluindo montanhas, planícies e áreas costeiras, áreas rurais com plantações agrícolas, pequenas cidades e vilarejos. Mas perdeu-se muito tempo na travessia de duas fronteiras: a primeira entre Nicarágua e Honduras, onde todos os documentos necessários foram vistos, incluindo passaporte, documentos do veículo, seguros e até certificado de vacina contra febre amarela, e posteriormente entre Honduras e El Salvador.

San Salvador, com sua arquitetura colonial e moderna, e com seu Monumento al Divino Salvador del Mundo – uma estátua de Jesus Cristo montada sobre um globo planetário, símbolo poderoso que representa o país e seus cidadãos globalmente – deixaria uma excelente memória gustativa no trio: a pupusa, tradicional iguaria local. Uma tortilha espessa feita de massa de milho, recheada com queijo, feijão, chicharrón ou loroco, uma flor comestível local, tendo por acompanhamento uma salada de repolho fermentada com cenoura e temperos, além de molho de tomate. Fogg, Palacios e Valentina estavam tão famintos com o desgaste da viagem que comeram sem balbuciar uma única palavra. Até que Palacios, após sua terceira pupusa, mostrou que barriga cheia gera bom humor:

– Se continuarmos a comer assim em cada país, temo que nosso carro precise de um reforço para aguentar o peso extra!
– disse ele.

Antigua, principal cidade turística da Guatemala, fundada em 1543 e declarada Patrimônio Mundial da Unesco em 1979, apresentou-se ao trio à uma hora da tarde do dia seguinte. Ficaram maravilhados com a arquitetura do centro histórico. wO

Arco de Santa Catarina, pintado de amarelo e com um relógio em sua torre, tendo o Vulcão de Água ao fundo, ocupou bastante espaço nas fotos feitas por Palacios.

Ao deixarem Antigua na manhã seguinte, o destino seria o norte da Península de Yucatán, até contorná-la e voltar até a Cidade do México.

Começaram cedo e, em pouco mais de uma hora, já estavam na capital mais populosa de toda a América Central, a Cidade da Guatemala. Passando por suas avenidas, um fato cultural chamou a atenção: a presença de ônibus multicoloridos. Eram os chicken buses, marca registrada do país. São antigos ônibus escolares americanos totalmente personalizados, que se tornaram o meio de transporte coletivo mais barato do país. Seguem sempre rotas fixas, e as paradas costumam ser bem conhecidas pela comunidade local. Cada ônibus é pintado com cores vibrantes e padrões únicos, tornando cada um deles facilmente identificável e distinguível dos outros.

Seguiram até Flores, onde dormiriam para começar o dia seguinte em Tikal, a poucos quilômetros dali. Localizado na densa floresta tropical de Petén, ainda na Guatemala, Tikal foi um dos maiores centros urbanos maias, atingindo seu apogeu entre os séculos VI e IX d.C.

Saíram às quatro e meia da manhã para chegar ao amanhecer. À medida que os primeiros raios do sol matinal atravessaram as copas das árvores, um espetáculo de sombras e luz se desenrolou, revelando as formas imponentes dos templos e das praças. Testemunharam as majestosas pirâmides de Tikal

despontarem entre a floresta, erguendo-se como um testemunho silencioso da engenhosidade e da espiritualidade dos antigos maias.

– Sabiam que Tikal foi uma das cidades mais poderosas do mundo maia? – disse Valentina. – Estamos andando por caminhos que grandes reis e sacerdotes um dia percorreram.

– É realmente impressionante – respondeu Fogg, começando a apreciar os comentários da bióloga.

– Os maias tinham um conhecimento profundo de astrologia. Muitos dos templos aqui em Tikal estão alinhados com eventos astronômicos importantes, como solstícios e equinócios – complementou Valentina.

– Só espero não encontrar nenhum espírito maia zangado por estarmos invadindo seu espaço sagrado! – resmungou Palacios, para o riso dos outros dois.



QUANDO

FOGG E VALENTINA
EXPLORAM A **CIDADE DO MÉXICO**,
E PALACIOS DESCOBRE
A PRESENÇA DE FREITAS. 

CAPÍTULO XIX

Tikal e sua rica história ficaram para trás, e o trio iniciou a jornada de 600 quilômetros rumo a Tulum. A estrada que os conduziu através das densas florestas de Petén se abriu para a vibrante Península de Yucatán. O verde exuberante da selva deu lugar às planícies ensolaradas e à brisa salgada do mar.

Chegaram a Tulum no fim da tarde, onde decidiram passar a noite para explorar a região no dia seguinte. Com suas ruínas maias posicionadas dramaticamente à beira do Mar do Caribe, Tulum ofereceu um espetáculo de

história e natureza. Dirigiram-se às ruínas ao amanhecer, após um café da manhã ameno. O sol ainda baixo no horizonte proporcionava uma luz dourada que iluminava os antigos templos de pedra, contrastando com o azul profundo do mar ao fundo. Os lagartos tomando sol nas pedras impressionaram o grupo, especialmente Palacios, que se divertiu tentando fotografar os répteis em poses majestosas.

A próxima parada foi em um cenote, uma caverna submersa de águas cristalinas e geladas que terminava em uma gruta cheia de morcegos. Nadar naquelas águas foi uma experiência única.

— Os cenotes são poços naturais muito comuns aqui na Península de Yucatán. Eles se formam quando um leito rochoso de calcário é dissolvido por águas subterrâneas, expondo a água por baixo — explicou Valentina.

Palacios, sempre curioso, complementou:

— Ouvi que esses lugares eram sagrados para os maias.

— Sim — respondeu Valentina. — Eram fontes de vida e locais de comunhão com os deuses. Forneciam água e eram usados em vários rituais.

— E aquela caverna com os morcegos? Eu nunca vi nada igual — disse Palacios.

— Morcegos ajudam a controlar a população de insetos e são uma parte essencial do ecossistema dos cenotes

– respondeu Valentina. – Tudo aqui está interligado, criando um equilíbrio perfeito.

Continuando sua jornada, pararam em Akumal, pequena baía conhecida por suas tartarugas marinhas. Alugaram os equipamentos de mergulho e nadaram ao lado dessas majestosas criaturas, observando-as se alimentarem de algas no fundo do mar. A experiência foi emocionante, especialmente para Valentina, que estava em seu elemento ao interagir tão intimamente com a vida marinha.

Sem perder tempo, seguiram para Chichén Itzá, a apenas 150 quilômetros dali. Chegaram ao entardecer a essa que é considerada uma das novas sete maravilhas do mundo. O grande Templo de Kukulcán, com sua estrutura imponente e simetria perfeita, deixou o trio maravilhado.

Ao cair da noite, chegaram a Mérida, uma cidade conhecida por sua arquitetura colonial, com suas fachadas em pedras brancas de calcário. Passearam pelas largas avenidas ladeadas por mansões de estilo europeu e visitaram a Plaza Grande. Jantaram pratos típicos da culinária yucateca, como cochinita pibil e sopa de lima, antes de descansarem para a longa jornada do dia seguinte: 1.300 quilômetros até a Cidade do México. Uma distância que merecia ser dividida em duas etapas para uma viagem mais tranquila. Pernoitaram em Villahermosa, um bom ponto de descanso antes de continuar.

A chegada à capital mexicana trouxe a temida conclusão do que sempre ouviram: o trânsito era insuportável.

Palacios estava impaciente:

– Para que serve o sinal verde se ninguém anda?

Fogg e Valentina riam.

– Olhe pela janela, Palacios! Com o trânsito parado, dá para apreciar melhor o Anjo da Independência – disse Fogg, referindo-se à belíssima escultura dourada sobre uma coluna de 36 metros de altura no Paseo de la Reforma.

Após dois pesados dias de estrada, descansaram em seu hotel em La Condesa. A sexta-feira estava programada com ótimas experiências. Phileas Fogg V estipulou que teriam apenas um dia na cidade, por isso, as escolhas seriam criteriosas. A manhã marcou a ida ao Museu Nacional de Antropologia, uma das atrações mais populares da capital e um dos museus mais importantes do mundo, com 24 salas dedicadas à arqueologia e à história pré-colombiana.

De lá, visitaram o Zócalo, praça central da cidade, com sua enorme catedral em uma das pontas. Passearam pelo Palácio Nacional e contemplaram os murais de Diego Rivera, que emocionou Phileas Fogg, que comentou:

– Impressionante o vigor desse homem!

De Rivera, foram para o outro lado da cidade, onde conheceram a Casa Azul de Frida Kahlo, parada obrigatória. Fogg e Valentina ficaram impressionados com a vida e a arte da maior pintora mexicana. As paredes azuis da casa, os jardins exuberantes e seu ateliê

proporcionaram uma visão íntima do mundo da artista.

Mas, para Palacios, a maior atração da cidade viria na noite desta sexta-feira, 20 de dezembro: assistir a uma luta livre. Foram apenas ele e Fogg. Valentina ficou no hotel.

Entrar na Arena México é uma experiência sensorial única, que começa já do lado de fora do estádio. O ar é carregado de excitação e expectativa, enquanto os fãs, de todas as idades, caminham em direção à entrada, muitos deles usando máscaras coloridas de seus luchadores favoritos.

Ao cruzar as portas da arena, você é imediatamente recebido por uma explosão de sons e cores. A música alta e contagiante, combinada com os gritos e aplausos do público,



cria uma atmosfera de festa. O cheiro de comida típica mexicana, como nachos, tacos e churros, se mistura com o ar, despertando os sentidos e aumentando a expectativa.

Ao entrar no salão principal, a visão do ringue iluminado no centro da arena é hipnotizante. As luzes de néon piscam e giram, criando um espetáculo visual que é ao mesmo tempo deslumbrante e caótico. As arquibancadas estão cheias de fãs apaixonados, cada um mais entusiasmado que o outro, agitando bandeiras e cartazes, enquanto esperam ansiosamente pelo início do show.

Quando as luzes se apagaram momentaneamente, a música tema do primeiro luchador começou a tocar. A arena explodiu em uma onda de emoção, o atleta fez sua



entrada triunfal acompanhado por pirotecnia e efeitos especiais, e a multidão respondeu com uma energia quase palpável.

Palacios estava fascinado:

– Olhe essas máscaras, senhor Fogg! É como se estivéssemos em um desfile de Carnaval!

Fogg sorriu:

– A luta livre é mais do que uma luta, é uma performance. Cada lutador tem sua própria história e personalidade. É um verdadeiro teatro de ação.

Foi nesse cenário de comoção que, assim que as luzes se acenderam, Palacios avistou um rosto familiar. Titubeou por alguns segundos pensando “onde eu já vi essa pessoa”, quando a memória lhe veio à tona. Era o homem que, há pouco mais de dois meses, o abordara na feira em Fortaleza. Aquele da cicatriz na sobrancelha, lembrou-se.

Após instantes de pensamentos descontraídos, compreendeu que a presença daquele homem, naquela noite, tão longe do local do primeiro encontro, não poderia ser coincidência. Sim, aquele homem só podia ser um espião do Clube Auto Paulistano, enviado para verificar se a aposta de Fogg estava sendo cumprida – pensou consigo Palacios.

Orgulhoso de sua descoberta, optou por guardar segredo, mantendo a suspeita apenas para si, enquanto ponderava sobre a melhor forma de agir.

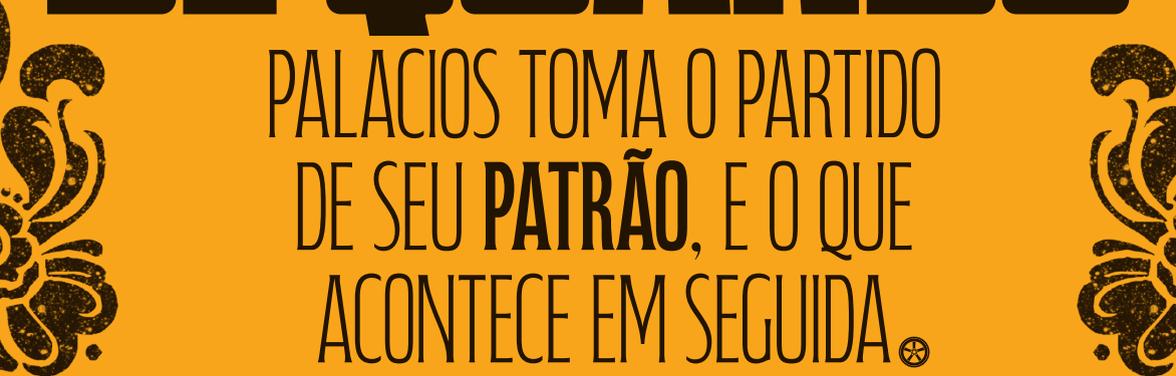
Da Cidade do México, Fogg, Palacios e Valentina seguiram para Guadalajara ao amanhecer. A saída da capital foi lenta por conta do trânsito matinal que já dava o ar de sua graça, e a estrada estava bastante movimentada, talvez por ser o último fim de semana antes do Natal.

Chegaram a Guadalajara para um almoço tardio. Enquanto exploravam os mercados e as praças do local, Palacios permaneceu atento. Desconfiava que o homem da cicatriz na sobrancelha, como se referia em pensamentos ao anônimo conhecido, continuaria no encalço do trio e reapareceria a qualquer instante.



DE QUANDO separado

PALACIOS TOMA O PARTIDO
DE SEU **PATRÃO**, E O QUE
ACONTECE EM SEGUIDA. ✪



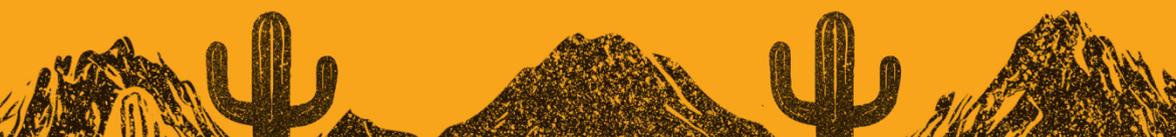
C A P Í T U L O X X

Fogg decidiu que passariam a noite em Guadalajara. Aproveitou o restante da tarde para levar o carro a uma oficina e fazer uma revisão completa. Estava a poucos quilômetros de completar 30 mil desde a partida. Atento aos

pneus(*), faria também novo balanceamento e alinhamento, além da calibragem. Valentina o acompanhou.

Palacios preferiu ficar e explorar o centro histórico. Começou pela impressionante catedral, o marco

(*)Nota: pneus UltraContact da Continental.



mais visível da cidade. Sua construção foi iniciada em 1561, mas apresenta diversos estilos arquitetônicos, resultado das várias fases de construção e reconstrução ao longo dos séculos. O interior da catedral é igualmente impressionante, com elementos barrocos, churriguerescos – uma forma elaborada do barroco espanhol – e neoclássicos. Palacios estava encantado ao ver o espetáculo dos raios de sol atravessando o vitral da Última Ceia, quando reparou que era observado. Definitivamente, não era mais coincidência aquele homem com a cicatriz na sobancelha estar dentro da mesma catedral.

Palacios, sem deixar tempo para hesitações, decidiu abordá-lo.

– Com licença, senhor, nós já nos encontramos antes? – perguntou Palacios, com um tom curioso e cauteloso.

– Talvez, meu amigo. Eu viajo bastante – respondeu o homem, com um sorriso enigmático. – Meu nome é Freitas. E você?

– Palacios. Prazer em conhecê-lo – disse Palacios, ainda desconfiado.

– Lembrei! Fortaleza! Você estava olhando colares na feira da Beira Mar, me lembrei do seu sotaque – completou Freitas, cínico. – Vamos comemorar essa coincidência.

Apesar de ter sido descoberto, Freitas parecia relaxado e de bom humor, e convidou Palacios para tomar uma tequila. Achando-se um passo à frente, mas sem querer levantar suspeitas de que sabia as intenções do novo amigo, Palacios aceitou o convite.

No bar, Freitas tentou ganhar a confiança do uruguaio, contando histórias sobre suas viagens e aventuras. Freitas, no entanto, tinha um plano em mente. Ele começou a sondar Palacios sobre os detalhes da viagem de Fogg, tentando encontrar qualquer informação que pudesse usar. Palacios, leal a Fogg, evitava revelar qualquer detalhe.

– E então, Palacios, como está sendo a viagem? – perguntou Freitas, com um sorriso astuto.

– Oh, estamos indo bem, visitando muitos lugares interessantes – respondeu Palacios, mantendo-se vago.

– E o seu patrão? Ele parece estar muito dedicado a essa viagem, não é? – continuou Freitas.

– Sim, ele é muito focado – disse Palacios, desviando o olhar.

Depois de algumas rodadas de tequila, e já tendo Palacios citado a real razão da volta ao mundo, Freitas decidiu usar uma abordagem mais direta sobre a aposta de Fogg, insinuando que toda a viagem poderia ser uma fachada para algo ilegal.

– Você nunca se perguntou, Palacios, se essa viagem é realmente só uma aposta? – insinuou Freitas, com um tom conspiratório.

Palacios se indignou com as insinuações e defendeu a honra de Fogg veementemente.

– O senhor Fogg é um homem honesto e de princípios. Não aceito que fale dele dessa maneira! – exclamou Palacios.

Freitas, astuto, desculpou-se e tentou embriagar Palacios ainda mais, na esperança de atrapalhar os planos de Fogg.

Quando Palacios estava suficientemente embriagado e começava a perder a noção do tempo, Freitas aproveitou a oportunidade para causar mais problemas. Levou Palacios a um local movimentado, onde a polícia local estava realizando uma operação de rotina. Freitas manipulou a situação de forma que Palacios acabou sendo detido por comportamento suspeito, sem perceber que foi tudo orquestrado por Freitas. Para impedir qualquer comunicação de Palacios com Fogg, Freitas tomou seu celular e o desligou. Já era tarde da noite.

Na manhã seguinte, Fogg e Valentina, preocupados com o sumiço de Palacios, que não atendia às chamadas e mensagens por celular, procuraram-no pela cidade. Fogg verificou hospitais, falou com a polícia e tentou de todas as maneiras encontrar seu fiel ajudante, mas sem sucesso.

Enquanto Fogg mantinha a calma habitual, Valentina tentava oferecer apoio moral.

– Vamos encontrá-lo, Phileas. Palacios é esperto e sabe cuidar de si mesmo – disse Valentina, tentando tranquilizar Fogg.

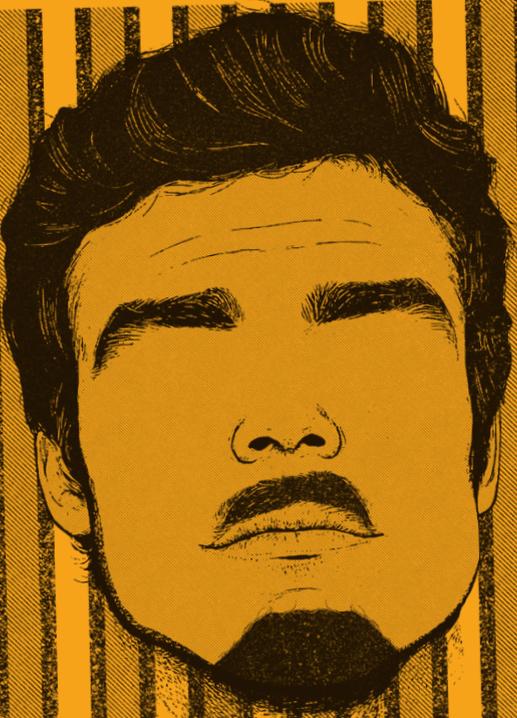
– Eu sei, Valentina. Mas ele embarcou nessa aventura comigo de olhos fechados, se mostrou extremamente fiel e competente, e talvez esteja precisando da nossa ajuda – respondeu Fogg, com um tom preocupado.



PROCURA-SE

SEE

TEQUILA



LIONEL



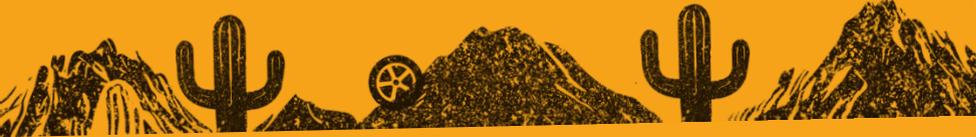
WA

TEQUILA



LIONEL PALACIOS

LIONE



RICERCATO

GESUCHT

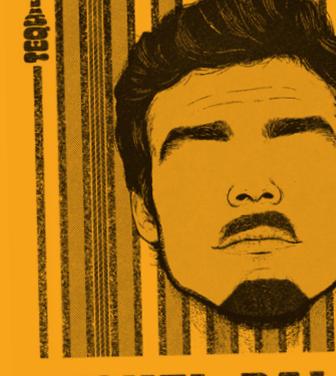
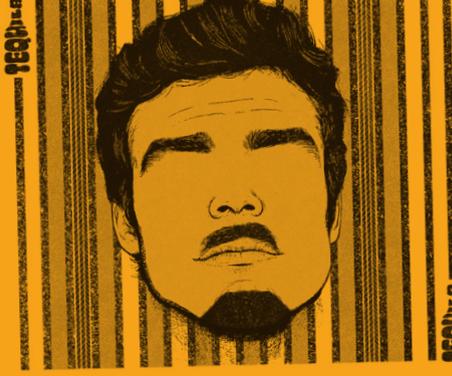
SE



BUSCA

GESUCHT

RECHERCHÉ



L PALACIOS

LIONEL PALACIOS

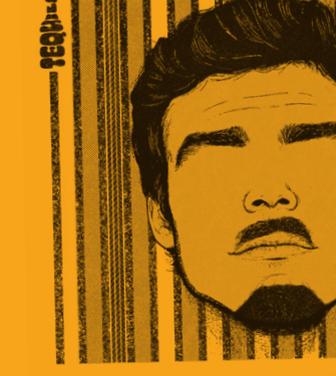
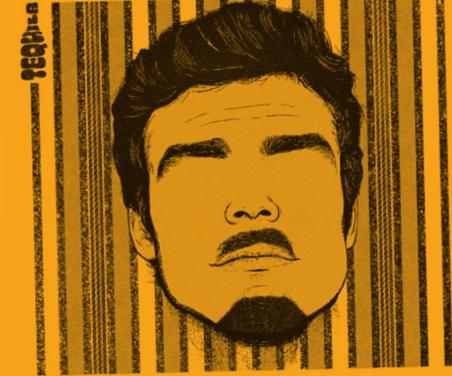
LIONEL PAL



WANTED

RICERCATO

PROCUR



L PALACIOS

LIONEL PALACIOS

LIONEL PAL



BUSCA

WANTED

GESUC



Enquanto isso, Palacios estava preso, tentando se lembrar do que havia acontecido na noite anterior. As lembranças eram confusas, mas ele sabia que Freitas estava envolvido. Precisava encontrar uma maneira de sair daquela situação e avisar Fogg sobre Freitas.

Fogg e Valentina decidiram esperar mais algumas horas antes de tomar qualquer decisão drástica. Não encontrar Palacios em hospitais foi um alívio. Mas não encontrá-lo em nenhum outro lugar foi motivo de grande preocupação. Fogg se perguntava se Palacios poderia ter se enroscado com alguma mexicana. Ou se metido em alguma briga. Por outro lado, preocupava-se com o tempo perdido, porque iria ao norte, em dezembro, e temia que nevascas bloqueassem estradas americanas e o impedissem de seguir a jornada. A busca por Palacios continuava, e o tempo conspirava contra Fogg.



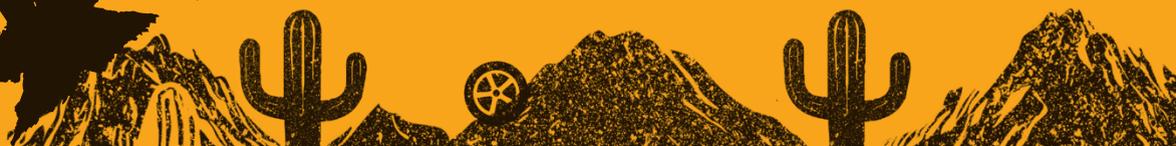
PROCURA-SE

8741831



8741831

TRAVEL PALACIOS



QUÊ

FREITAS CRIA LAÇOS COM PHILEAS FOGG V.



CAPÍTULO XXI

O domingo, 22 de dezembro, amanheceu cinzento em Guadalajara, após uma madrugada que chegou aos 13°C. O clima era um reflexo perfeito do estado de espírito de Phileas Fogg V. Mais de 24 horas após o desaparecimento de Palacios, ele continuava sua busca incansável. Vestido com um casaco elegante, mas claramente desgastado pela preocupação, Fogg dirigiu-se com Valentina ao departamento de polícia local, esperançoso de encontrar alguma novidade sobre seu fiel ajudante.

Ao chegar ao prédio da polícia, Fogg foi imediatamente recebido pelo som abafado de telefones tocando e conversas tensas. O ambiente era caótico, mas ele manteve sua postura ereta e o olhar firme, determinado a não deixar que a ansiedade o dominasse. Foi então que um homem de estatura mediana, magro, com um aspecto bastante inteligente e nervoso, mas de aparência resoluta e com a barba bem aparada, aproximou-se dele. Fogg observou uma falha em sua sobrancelha esquerda.

— Senhor Fogg, presumo? — disse o homem em perfeito português, estendendo a mão. — Sou Freitas, um investigador brasileiro preocupado com a segurança de seu ajudante, Palacios. Ouvi sobre o caso e vim oferecer minha ajuda.

Fogg, surpreso, apertou a mão de Freitas, sentindo a firmeza do aperto. Sentiu também o leve aroma de uma loção pós-barba sofisticada, um toque de refinamento que o fez pensar que Freitas poderia ser um verdadeiro gentleman, apesar das circunstâncias.

— Senhor Freitas, muito prazer. Estou desesperado para encontrar Palacios. Qualquer ajuda é bem-vinda — respondeu Fogg, com um misto de esperança e alívio.

Freitas explicou ter contatos na polícia mexicana que poderiam ser úteis na busca por Palacios. Ele garantiu a Fogg que ficaria em comunicação constante com a polícia e manteria Fogg informado sobre qualquer novidade, e que estavam fazendo de tudo para encontrá-lo.

Fogg contou que estava em uma volta ao mundo com seu

carro e se preocupava com o tempo perdido em Guadalajara, porque poderia enfrentar nevascas no norte dos Estados Unidos. Metódico, avisou que às três horas e trinta e sete minutos da sexta-feira, 20 de dezembro, pagou a conta em um restaurante no centro da cidade, deixou Palacios no local e seguiu de carro com sua amiga Valentina para fazer uma revisão, trocar o óleo e cuidar dos pneus, e desde então não viu mais Palacios.

– Senhor Fogg, entendo sua preocupação, mas acredito que o senhor pode continuar sua viagem. Ficar em Guadalajara não vai alterar em nada as buscas da polícia. Eu cuidarei pessoalmente disso e prometo que qualquer novidade será imediatamente comunicada ao senhor – disse Freitas, com um tom convincente e sereno.

Fogg hesitou, lutando internamente entre seguir sua jornada e esperar por seu ajudante. Valentina, ao seu lado, colocou a mão em seu ombro, oferecendo apoio incondicional.

– Phileas, vamos confiar na ajuda dele. Palacios é muito inteligente e, seja lá o que esteja acontecendo, ele vai se safar. Você precisa seguir sua jornada, pelo menos por agora – incentivou ela, com um olhar encorajador.

Quando Fogg expressou seu desejo de esperar mais um dia, Freitas teve uma ideia.

– Entendo sua hesitação, senhor Fogg. Também estou preocupado com Palacios e, como tal, estou disposto a esperar com você. Mas tenho outra sugestão que pode ser interessante: semana que vem, preciso estar em San Francisco.

Eu iria de avião. O senhor se importaria se eu viajasse com vocês por terra até lá? Dessa forma, poderei manter o senhor informado sobre as buscas durante o trajeto, porque tenho contato direto com esta delegacia – sugeriu Freitas, com um sorriso amistoso.

A proposta parecia razoável. Fogg sabia que Palacios tinha o roteiro da viagem e o visto de entrada nos Estados Unidos em dia. Aceitar a sugestão de Freitas parecia a melhor opção.

– Muito bem, senhor Freitas. Esperamos hoje por aqui e partiremos amanhã ao amanhecer, com ou sem Palacios – decidiu Fogg, finalmente encontrando um pouco de alívio em sua decisão.

Com essa nova aliança formada, Freitas começou a viajar de carona com Fogg e Valentina em direção a San Francisco. Durante a viagem, Freitas se esforçou para se mostrar um aliado confiável, mantendo conversas frequentes com a polícia mexicana e atualizando Fogg com notícias, mesmo que fossem meramente para mantê-lo tranquilo.

Enquanto isso, Palacios, que havia sido liberado, estava em uma busca desesperada por Fogg. Ao retornar ao hotel onde estavam hospedados, descobriu que Fogg já havia partido. Sem o número de telefone de Fogg memorizado e sem encontrar seu próprio celular, Palacios sentiu-se perdido, mas determinado a encontrar seu patrão.

A viagem do novo trio seguiria em direção a San Diego, 2.253 quilômetros adiante, onde Fogg gostaria de

mostrar o zoológico a Valentina. Embora preocupado com Palacios, Phileas Fogg V mantinha-se firme em sua missão. Freitas, sempre um passo à frente, manipulava a situação a seu favor, aproveitando cada oportunidade para estudar o suposto contrabandista de perto e encontrar qualquer pista que pudesse incriminá-lo.

– Valentina, você acredita que fiz a escolha certa? – perguntou Fogg, enquanto focava os olhos na estrada.

– Sim, Phileas. Acredito que Freitas seja sincero em sua ajuda. Precisamos confiar que Palacios será encontrado e que, juntos, poderemos continuar essa jornada – respondeu Valentina, segurando a mão de Fogg com firmeza.

Freitas, ouvindo a conversa, sorriu para si mesmo. Ele sabia que a confiança de Fogg era a chave para descobrir mais sobre o homem que estava investigando.



Monterey

Guadalajara

Hermosillo

San Francisco

San Diego

Mazatlán

Carmel-by-the-Sea



DE QUANDO

FREITAS APROVEITA A VIAGEM
PELA BELÍSSIMA ESTRADA
DA COSTA CALIFORNIANA. ❄️



CAPÍTULO XXII

Naquela 23 de dezembro, Phileas Fogg V, Valentina Aguilar e Alfredo Freitas seguiram de Guadalajara em direção a San Diego. Os primeiros 100 quilômetros foram de um silêncio sepulcral pela falta de Lionel Palacios no SUV, às vésperas do Natal.

Chegaram a Mazatlán ainda com luz do dia, e Fogg sugeriu descansarem ali,

aproveitando não só a cidade costeira e suas belas praias, mas acreditando que estar ainda no México quando Palacios fosse encontrado seria melhor para todos.

Mas nada de Palacios! Apenas as mesmas afirmações de que continuavam averiguando as possibilidades.

No dia seguinte, o grupo continuou sua jornada para Hermosillo, a distantes 782 quilômetros dali, capital do estado de Sonora, um grande produtor de carne bovina, trigo e algodão. As longas retas eram cansativas, mas encurtaram o tempo de viagem. Chegaram exaustos, mas surgiu um ânimo extra para a ceia de Natal. As casas e as ruas da cidade se apresentaram decoradas com luzes coloridas, árvores de Natal e presépios – que os locais chamavam de “nacimientos”. Presenciaram uma tradicional celebração natalina, as Posadas. Essa festa reencena a jornada de Maria e José em busca de um lugar para se abrigar antes do nascimento de Jesus.

Phileas Fogg V conseguiu reservar um restaurante para a ceia com Valentina e Freitas. Quando chegaram, a mesa estava decorada com luzes suaves e enfeites natalinos. Após desfrutarem de uma refeição deliciosa e conversarem sobre sua aventura de volta ao mundo, sempre sob o olhar atento de Freitas, Fogg se levantou e pediu a atenção de Valentina.

– Valentina, este Natal, mesmo sem Palacios com a gente, é especial para mim porque você está aqui. Quero que saiba o quanto aprecio sua presença e seu apoio. Preparei uma pequena surpresa para você – disse Fogg, entregando-lhe uma caixa elegantemente embrulhada.

Valentina, com os olhos brilhando de curiosidade, desembalhou o presente com cuidado. Ao abri-lo, encontrou um binóculo de alta qualidade, ideal para observação de aves e da vida selvagem. E, ainda, um diário de campo com capa de couro e as iniciais de Valentina Aguilar gravadas.

– Phileas, isso é maravilhoso! – exclamou Valentina, emocionada. – Sempre quis um binóculo assim, e esse diário é perfeito para minhas anotações de campo. Muito obrigada!

Valentina abraçou Fogg, sentindo-se profundamente tocada pela consideração dele. Para ela, aqueles presentes não eram apenas ferramentas, mas símbolos da amizade e do respeito que estavam se fortalecendo a cada dia.

Valentina complementou:

– Phileas, vamos manter a esperança. Palacios é inteligente, e acredito que ele está bem.

– Sim, Valentina. É difícil, mas tenho certeza de que ele vai se reencontrar com a gente. Só não entendo não ter me ligado até agora, porque o celular dele tem o meu número – disse Fogg.

– Não se preocupe, estou em contato constante com autoridades mexicanas. Eles estão fazendo tudo o que podem para encontrá-lo – completou um sereno Freitas.

O feriado do Natal marcou a viagem por uma paisagem árida e desértica como o ambiente no interior do carro. Apesar da celebração da noite anterior, havia um peso pela ausência de notícias sobre Palacios. Pernoitaram em Mexicali, capital do estado da Baja Califórnia, após uma viagem de 700 quilômetros repleta de retas infinitas e cactos pontilhando o horizonte.

No dia seguinte, 26 de dezembro, prepararam-se para a travessia da fronteira entre o México e os Estados Unidos. Fogg estava tenso com as longas filas e o rigoroso

controle de segurança, mas a presença de Freitas, que alegava ter muitos contatos importantes e trazia falsas atualizações sobre a busca por Palacios, o acalmaram. Após verificações de rotina e alguns questionamentos, conseguiram entrar nos Estados Unidos e seguir em direção a San Diego.

A primeira parada foi o San Diego Zoo, um dos mais famosos e bem estruturados zoológicos do planeta, lar de mais de 3.500 animais. Pioneiro em recriar recintos abertos e naturais, abandonando as tradicionais gaiolas para dar lugar a ambientes que reproduzem habitats nativos, o San Diego Zoo tem áreas específicas para diferentes ecossistemas, como a Floresta Africana, o Aviário Owens ou a Floresta Tropical.

Valentina, apaixonada pela natureza, fez uso de seu novo binóculo e ficou maravilhada com a diversidade de espécies, mas lamentou ver algumas aves presas em cativeiro.

– É triste ver esses pássaros, que deveriam estar voando livres, confinados aqui.

– Entendo seu sentimento, Valentina. Espero que um dia possamos ver todas essas criaturas em seu habitat natural – retrucou Fogg.

Após a visita ao zoológico, que durou toda a tarde, resolveram pernoitar em San Diego. Fogg e Valentina aproveitaram o início da noite e foram a um shopping comprar roupas, mantas e botas adequadas para o inverno americano.

Fogg aproveitou também para adquirir correntes projetadas para dar mais tração aos pneus em caso de neve. Elas possuem elos metálicos que envolvem a banda de rodagem, aumentando a aderência do veículo à estrada. Optou pelas tradicionais de aço, que proporcionam excelente tração em neve profunda e gelo.

No dia seguinte, ainda sem notícias significativas de Palacios, o trio partiu pela belíssima estrada da Costa da Califórnia, a Pacific Coast Highway, conhecida por Highway 1, rumo a San Francisco. Los Angeles, Malibu e Santa Bárbara ficaram para trás. A estrada oferecia vistas panorâmicas do oceano, falésias imponentes e praias pitorescas. Valentina estava encantada com as paisagens e frequentemente fazia anotações sobre a flora e a fauna locais.

– Imagine, Valentina, que a estrada é ainda mais cênica descendo de San Francisco para San Diego, porque é a mão que ladeia o Pacífico – comentou Fogg.

Durante a viagem, uma tempestade inesperada os obrigou a parar em Carmel-by-the-Sea, charmosa cidade costeira com praias de areia branca. Assim que a chuva se dissipou, resolveram pernoitar em um pequeno hotel local. Valentina aproveitou para explorar a cidade. Comentou que as casas pareciam saídas de contos de fadas, com telhados inclinados, portas e janelas curvas e detalhes ornamentais. Freitas, por outro lado, continuava a fingir estar em contato com a polícia, mantendo Fogg informado com falsas atualizações.



TRAINING

NATAL

Na manhã seguinte, com tempo bom, continuaram a viagem passando pela famosa 17-Mile Drive. Essa pequena estrada de 17 milhas oferece vistas de campos de golfe, do litoral e de abundante vida selvagem, com grupos de pequenos cervos pelo caminho. Seguiram até o Aquário de Monterey e depois a um posto de observação de focas. Valentina estava especialmente entusiasmada ao avistar diversas espécies de aves costeiras, focas e leões-marinhos.

Finalmente, chegaram a San Francisco no sábado, a ponto de ver o pôr do sol sobre o Pacífico. Fogg planejava passar o réveillon no local. A majestosa cidade, com suas icônicas ladeiras e cultura vibrante, era um lugar fascinante para explorar. Avistaram o esplendor da Golden Gate, aquele gigante rubro suspenso sobre as águas turvas da Baía de San Francisco, uma obra-prima da engenharia. Fileiras de casas vitorianas se amontoavam nas colinas, multicoloridas, lembrando um mosaico pintado à mão. Bondes escalavam incansavelmente suas ruas íngremes, como reminiscências dos mecanismos movidos a vapor que tanto encantariam alguém apaixonado por carros como Phileas Fogg V. Cada rua oferecia um novo cenário, desde a efervescente Union Square, com suas boutiques elegantes e cafés convidativos, até o multicultural bairro de Chinatown, labirinto de lanternas vermelhas e aromas exóticos.

Durante a estadia, Valentina e Fogg explorariam a cidade, visitando pontos turísticos como o Fisherman's Wharf, com suas movimentadas docas e sons das gaviotas se misturando às risadas dos turistas, enquanto os leões-marinhos repousam preguiçosamente nos cais.

À sua frente, a Ilha de Alcatraz, misteriosa e imponente, emerge das brumas da baía como uma fortaleza de um conto antigo.

Nesse cenário, Alfredo Freitas continuava a se fingir um aliado confiável de Phileas Fogg V, mas aproveitava cada oportunidade para investigar e procurar qualquer pista que pudesse incriminá-lo.



DE QUANDO

PALACIOS APRENDE QUE,
MESMO DO OUTRO LADO
DO MUNDO, É PRUDENTE
CARREGAR ALGUM
DINHEIRO NO BOLSO. 

CAPÍTULO XXIII

Após ser liberado pela polícia em Guadalajara na manhã de 23 de dezembro, Palacios se viu em uma situação difícil. Sem seu celular e sem o contato de Fogg memorizado, ele precisava encontrar uma maneira de reencontrar seu patrão. Freitas havia conseguido um acordo com a polícia mexicana para liberar Palacios somente após Fogg ter deixado Guadalajara. Palacios sabia que San Francisco era um destino onde Fogg mencionara ficar ao menos uma semana. É para lá que iria.

Sem muitos recursos, Palacios decidiu seguir para os Estados Unidos. Com a ajuda de seu espanhol fluente e de alguns simpáticos motoristas de caminhão, conseguiu carona em direção à fronteira. Em um pequeno posto na estrada, usou seus poucos dólares para comprar agasalhos, sabendo do rigor do inverno que o esperava. A noite e o dia se misturavam enquanto Palacios pegava uma carona após a outra, cada vez mais perto de seu objetivo.

Finalmente, chegou à divisa do México com os Estados Unidos. Mexicali era um lugar movimentado, com filas longas e rigorosos controles de segurança. A travessia não foi fácil, mas Palacios, com seu excesso de simpatia e documentos em dia, conseguiu passar após algumas horas de espera. Usou o restante do dinheiro para comprar passagens de ônibus e comida básica, mantendo sempre a esperança de reencontrar Fogg e Valentina.

A jornada foi longa e cansativa. Palacios frequentemente se via com fome e descansava apenas nos assentos de suas caronas ou nas poltronas de ônibus. Passou a noite de Natal em trânsito, com o frio cortante da madrugada lembrando-o constantemente de sua difícil situação. Apesar disso, manteve-se firme em seu objetivo.

Ao chegar a San Francisco no fim da tarde da quinta-feira, 26 de dezembro, Palacios estava exausto e faminto. Não tinha dinheiro suficiente para alugar um quarto e, desesperado, começou a procurar qualquer tipo de trabalho que pudesse lhe proporcionar algum trocado e, quem sabe, a oportunidade de reencontrar seu patrão.

Andou pelas ruas da cidade e bateu na porta de diversos estabelecimentos em busca de qualquer bico. Tentou primeiramente em restaurantes, oferecendo-se para lavar as louças. Finalmente, sua sorte mudou quando avistou o Cable Car Museum, especializado no transporte mais clássico e famoso da cidade. Sabendo do fascínio de seu patrão por veículos, Palacios entrou e pediu trabalho. O gerente, impressionado com a determinação e a simpatia do jovem uruguaio, ofereceu-lhe um emprego temporário como ajudante de limpeza dos carros em exposição. Foi sem dúvida um golpe de sorte, porque o atual responsável pela limpeza dos veículos faltara no dia do Natal, e o gerente não acreditava que ele voltaria antes de 2025.

Palacios iniciaria o trabalho no museu na manhã do dia seguinte. Dormiria em uma pequena sala de descanso no próprio local para economizar o pouco dinheiro que ganharia para comer. Acreditava que o acaso – não tão acaso assim, por conhecer bem seu patrão – o faria reencontrá-lo em San Francisco.

Na manhã de 29 de dezembro, enquanto Palacios polia um dos clássicos cable cars, ouviu vozes familiares. Levantou a cabeça e viu Fogg e Valentina entrando no museu. Os pelos do seu braço se arrepiaram de emoção.

– Patrão! Patrão! Eu estou aqui! – gritou Palacios, correndo em direção a Fogg.

Fogg, surpreso e aliviado, abraçou Palacios com força.

– Palacios! Como assim? Você está bem? – disse Fogg,



com a voz carregada de alívio. – Estava perdendo a esperança de te rever.

– Patrão, passei por muitas dificuldades, mas sabia que iria encontrá-lo. Consegui trabalho aqui no museu e esperava que o senhor aparecesse.

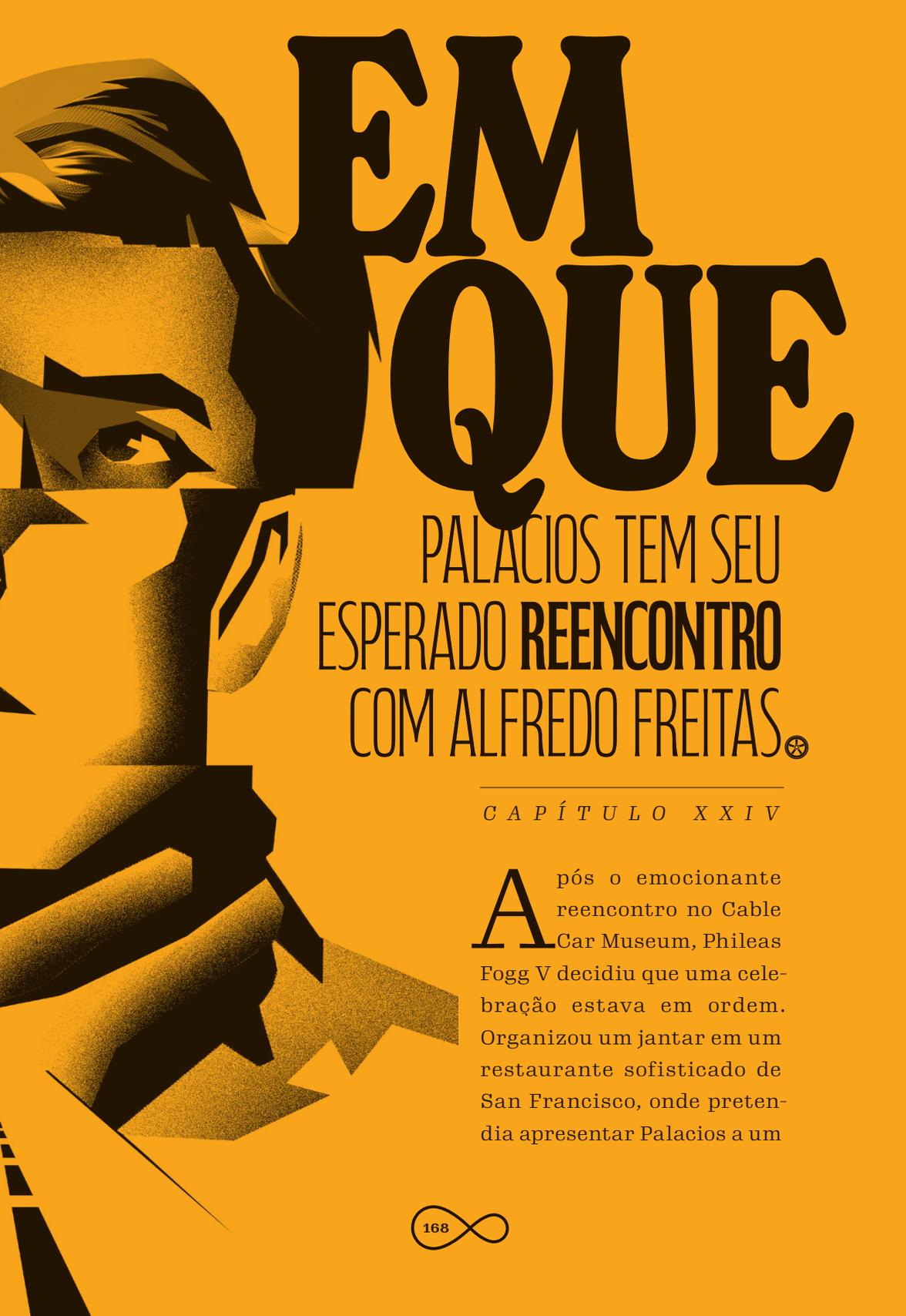
Palacios relatou sua jornada com detalhes, explicando como conseguiu caronas e atravessou a fronteira até chegar a San Francisco.



Valentina, sempre solidária, colocou a mão no ombro do uruguaio.

– Você foi muito corajoso, Palacios. Estamos juntos de novo, e isso é o que importa.

– Palacios, meu amigo! Você está seguro agora. Avise seu futuro ex-patrão que você segue com a gente para descansar no hotel. O Natal sem você foi triste, mas vamos brindar no réveillon e preparar a próxima etapa de nossa volta ao mundo – disse Fogg, com um sorriso de gratidão.



EM QUE

PALACIOS TEM SEU
ESPERADO **REENCONTRO**
COM ALFREDO FREITAS. ⊕

C A P Í T U L O X X I V

A pós o emocionante reencontro no Cable Car Museum, Phileas Fogg V decidiu que uma celebração estava em ordem. Organizou um jantar em um restaurante sofisticado de San Francisco, onde pretendia apresentar Palacios a um

novo amigo que conhecera em Guadalajara e que os acompanhara até San Francisco.

Fogg, Valentina e Palacios chegaram ao restaurante e foram conduzidos à mesa reservada. Fogg, com um sorriso enigmático, disse a Palacios:

– Quero que conheça alguém que nos ajudou muito. Ele soube ontem pelas autoridades de Guadalajara que você pegou carona em um caminhão e disse ao motorista que certamente chegaria a San Francisco, onde esperava nos encontrar.

Para a surpresa de Palacios, o amigo de Fogg era ninguém menos que Alfredo Freitas.

Freitas, fingindo surpresa e alegria, levantou-se para cumprimentar Palacios.

– Que bom conhecê-lo pessoalmente, Palacios. Estávamos muito preocupados com você – disse Freitas, estendendo a mão.

Palacios, com a pele rubra de nervosismo e um misto de desconfiança, respirou fundo e apertou a mão de Freitas.

– Sim, senhor Freitas, foi uma jornada difícil.

Durante o jantar, Freitas manteve a fachada de ser um aliado confiável, enquanto Palacios o observava com cautela. A conversa foi amigável, com Freitas compartilhando histórias de suas supostas aventuras e viagens.

Freitas pediu licença para ir ao banheiro, e Palacios, percebendo a oportunidade, também pediu licença e o seguiu. Em um dos corredores do restaurante, fora da vista dos demais clientes, Palacios finalmente o confrontou.

– Olhe aqui, senhor Freitas, eu sei o que está fazendo – disse Palacios em um sussurro ameaçador. – Você tentou me embriagar e me fez ser detido. Não sei quais são seus verdadeiros motivos, mas não vou permitir que atrapahe o senhor Fogg.

Freitas, mantendo a calma, respondeu:

– Palacios, você está equivocado. Estou aqui por motivos profissionais e internacionais. Se fiz algo que te incomodou, peço desculpas.

Sem se deixar enganar, Palacios agarrou Freitas pelo colarinho e o prensou contra a parede. O detetive se assustou.

– Considere isso um aviso, senhor Freitas. Se continuar com suas intrigas, eu mesmo cuidarei de você – disse Palacios, soltando o colarinho do oponente.

Freitas interrompe Palacios.

– Você me agarrou pela gola da minha camisa, me senti ameaçado fisicamente. Tudo bem, você tem suas razões. Mas me escute. Até aqui, eu tinha sido adversário do seu patrão, mas agora eu paro.

– Até que enfim! – exclamou Palacios. – Então acredita agora que ele é um homem honesto?

– Não – respondeu friamente Freitas –, acredito que ele tenha algum envolvimento com contrabando.

Palacios se preparou para agarrá-lo novamente pelo colarinho, mas Freitas o interrompeu:

– Calma! Pare de bufar e me deixe falar. Enquanto Fogg estava no Brasil, tive interesse em retê-lo, em ver se havia algo estranho em seu carro e até em pedir um mandado de prisão. Na América do Sul, também fiquei muito próximo. Embriaguei você em Guadalajara para conseguir estar com ele no carro e conhecê-lo mais de perto...

Palacios escutava, os punhos fechados.

– Agora – retomou Freitas –, Fogg parece que vai para a Europa. Pode acreditar que vou segui-lo, porque há regiões da Europa que são rotas de contrabando. Mas, a partir de agora, me dedicarei a deixar seu caminho livre. Meu jogo mudou, e mudou porque é do meu interesse. E acrescento que seu interesse vai com o meu, porque só se essa aposta realmente chegar ao fim e não for uma fachada para despistar a polícia que você poderá saber se está a serviço de um criminoso ou de um homem honesto!

Palacios ouviu atentamente e ficou convencido de que Freitas falava mesmo com sinceridade.

– Amigos? – perguntou Freitas.

— Amigos, não — respondeu Palacios. — Mas eu tentarei entender o lado da sua profissão. E ao menor sinal de traição, torço o seu pescoço.

— Combinado! — disse tranquilamente o detetive.

Retornaram à mesa. Fogg perguntou se a conversa foi boa, porque demoraram muito. Palacios assentiu que sim. Mas o detetive Freitas estava visivelmente abalado e permaneceu mais silencioso.

No fim da noite, na saída do restaurante, Fogg agradeceu novamente a Freitas por sua ajuda. Freitas, percebendo que sua posição estava comprometida, reiterou a Palacios que não atrapalharia mais Fogg, mas seguiria seus quilômetros rodados até a Cochinchina, se necessário.



SE TEM, EM UMA ÚNICA NOITE, UMA BREVE VISÃO DAS MANIFESTAÇÕES EM SAN FRANCISCO. ✪

CAPÍTULO XXV

Fogg, Valentina, Palacios e Freitas deixaram o restaurante e caminharam por uma movimentada calçada de San Francisco. A cidade estava vibrante naquela noite, já se preparando para receber o ano novo com um brilho especial. Pessoas de todas as partes do mundo, vestidas com casacos e cachecóis, enfrentavam a temperatura de 7°C enquanto desfrutavam das atrações locais. As luzes dos arranha-céus brilhavam intensamente, refletindo-se nas águas calmas da Baía de San Francisco.

– Vamos aproveitar um pouco mais dessa cidade

magnífica antes de descansarmos – disse Fogg, com um sorriso.

Valentina, sempre encantada com novas descobertas, concordou entusiasticamente.

Palacios, sempre atento, manteve-se próximo a Fogg. Freitas, com olhar cauteloso, acompanhava o grupo.

Enquanto caminhavam, passaram pela Union Square. Sua enorme árvore de Natal estava iluminada com milhares de luzes cintilantes. As vitrines das lojas de grife e dos cafés ao redor traziam decorações festivas, e as ruas estavam adornadas com guirlandas e luzes coloridas. Continuaram pela Market Street, uma das principais artérias da cidade, cheia de vida e movimento.

Ao dobrar uma esquina, avistaram um grupo de manifestantes em uma passeata. Faixas e cartazes coloridos balançavam no ar. A manifestação era pacífica, com cantos e gritos de ordem ecoando pelas ruas, mas a tensão era palpável.





De repente, uma confusão generalizada com a polícia local começou. O som das sirenes e dos megafones aumentou, e os manifestantes começaram a dispersar-se rapidamente. Em poucos minutos, os quatro se viram no meio do empurra-empurra.

Freitas, percebendo o perigo iminente, rapidamente se colocou entre Fogg e os manifestantes. Um policial, em meio à confusão, esbarrou violentamente em Freitas, que foi derrubado.

– Você está bem, Freitas? – perguntou Fogg, ajudando-o a se levantar.

Freitas, com um leve sorriso, respondeu:

– Estou bem, Fogg. Agradeço pela preocupação.

O incidente reforçou a complexa dinâmica entre os personagens. Freitas, apesar de suas intenções suspeitas, mostrou um lado mais humano ao proteger Fogg. Palacios, sempre leal, estava pronto para enfrentar qualquer situação pelo bem de seu patrão. Valentina, com seu espírito compassivo, ajudou a manter a calma em meio ao caos.

Com o incidente resolvido, o quarteto decidiu que era hora de voltar ao hotel. As ruas agitadas começaram a se acalmar, e a brisa gélida da noite trazia um alívio após a tensão.

Ao chegarem ao hotel, despediram-se de Freitas, que também seguiria seu caminho.

Antes de partir, Freitas se aproximou de Palacios com olhar de remorso.

– Palacios, encontrei isso no chão em Guadalajara. Acho que é seu – disse, devolvendo o celular ao uruguaio.

Palacios ficou irritadíssimo ao entender que tivera o celular roubado pelo investigador, mas surpreso e grato por recebê-lo de volta.

– Entendi. Você fez isso para eu não poder contatar meu patrão – disse Palacios enquanto balançava negativamente a cabeça. – Tudo bem, o importante é que recuperei as lembranças de viagem guardadas nas fotos que eu achei que tivesse perdido. Obrigado, Freitas – disse Palacios, com sinceridade.

Freitas, ferido nos joelhos pelo tombo – e também na alma pelas dúvidas que começava a ter sobre o real caráter de Phileas Fogg V – já planejava um próximo encontro com o grupo.

Fogg, Valentina e Palacios deixariam San Francisco após o revéillon, em 1º de janeiro de 2025, com renovado vigor. A queima de fogos de artifício nas proximidades do Ferry Building, sincronizada aos quase 20 minutos de contagem regressiva para a meia-noite, foi impressionante. Estavam prontos para seguir sua desafiadora jornada ao redor do mundo. Dessa vez, sem Freitas no carro.



FOGG,
PALACIOS
E VALENTINA
ENFRENTAM BISÕES
E CONHECEM OS
COWBOYS
DE WYOMING. Ⓜ

C A P Í T U L O X X V I

Deixando San Francisco após o réveillon, Phileas Fogg, Palacios e Valentina seguiram pela Interstate 5 rumo ao norte, em direção a Seattle. Atravessaram a Bay Bridge e o fog característico de San Francisco logo pela manhã, passando por áreas urbanas e subúrbios até chegar à capital do estado da Califórnia, Sacramento. Seguiram por vastas áreas agrícolas e plantações,

até a I-5 começar a subida pelos Montes Klamath, com florestas densas e montanhas ao redor. Entraram no Oregon, e a paisagem se tornou ainda mais impressionante com os vales e colinas do sul do estado. A região é conhecida por suas florestas verdes e campos agrícolas. Uma volta às paisagens mais urbanas sugeria a aproximação de Eugene, onde pernoitaram após mais de 800 quilômetros rodados no primeiro dia do ano.

Enfrentaram quase 0°C na manhã seguinte de Eugene a Seattle, com Fogg já temendo que uma possível nevasca atrapalhasse a viagem. Enquanto ele dirigia seu SUV meticulosamente mantido, Lionel Palacios, no banco de trás, observava com fascínio uma estrutura verde metálica que se aproximava. A Interstate Bridge erguia-se majestosa sobre o Rio Columbia, conectando as vastas terras do Oregon ao promissor estado de Washington. Palacios não pôde deixar de notar as vigas de aço que compunham a estrutura, suas formas geométricas contrastando com a fluidez natural do rio abaixo. Cada segmento da ponte parecia desenhado com precisão matemática, uma ode à engenharia humana.

Pela janela, embarcações de diferentes tamanhos navegavam pelo Rio Columbia, e algumas aguardavam pacientemente enquanto a seção levadiça da ponte permanecia abaixada, permitindo o fluxo contínuo de veículos.

— Observe, Palacios — disse Fogg, com a voz calma de sempre. — Esta ponte não é só a ligação entre duas terras, mas um testemunho da capacidade humana de superar barreiras naturais.

Chegaram a Seattle debaixo de chuva, loucos para agradecer o estômago. Palacios comentou que chuva e frio

aumentavam a fome, e tirou risos de aprovação dos outros dois.

Visitaram a Space Needle para terem uma vista panorâmica da cidade e passaram no Loupe, um lounge com o primeiro e único piso de vidro giratório do mundo. Foram também ao Pike Place Market, mercado histórico de 1907 e coração de Seattle.

Partiram na manhã seguinte em direção ao Parque Nacional de Yellowstone. O sucesso da viagem nesse período do ano não dependia apenas da habilidade do motorista. Era preciso contar com a sorte de não enfrentar uma nevasca que os deixasse presos na estrada. Fogg fez uma engenharia de datas para cumprir os objetivos.

Na sexta-feira, 3 de janeiro, levaram oito horas de Seattle a Missoula, já em Montana. Alguns trechos apresentaram uma fina camada de gelo sobre a pista, e uma parte mais embranquecida da rodovia só fez Fogg notar que estava no acostamento quando sentiu a textura de cascalho sob os pneus.

Saíram cedo no sábado com destino a West Yellowstone, onde fariam os preparativos para o épico dia seguinte no Yellowstone National Park. Queriam observar os bisões, especialmente em Lamar Valley e Hayden Valley, onde esses imensos animais são vistos em grande número. Eles se movem em grupos compactos, seus casacos espessos protegendo-os das temperaturas implacáveis que frequentemente caem bem abaixo de zero.

Valentina comentou com seus companheiros de viagem:

– Notem como os bisões usam suas grandes cabeças para

empurrar a neve. Sabem por quê? Para encontrar vegetação e se alimentar.

Enquanto atravessavam uma das estradas do parque, o carro de Fogg foi forçado a parar subitamente. Uma grande manada de bisões bloqueava completamente o caminho. Os animais imponentes avançavam lentamente, sem se importarem com a presença do carro. A situação era fascinante e ao mesmo tempo desafiadora, pois os bisões não mostravam sinais de ceder passagem.

Quando um bisão parou ao lado do carro, Palacios exclamou:

– São animais com dimensões amazônicas, senhor Fogg!

– É um espetáculo incrível – disse Valentina, maravilhada com a cena. – Mas isso pode atrasar muito a gente.

Fogg, mantendo a calma habitual, comentou:

– Não podemos fazer nada além de esperar que eles passem.

Após 50 minutos, a manada finalmente se moveu, permitindo que continuassem o passeio.

Passaram mais dois dias explorando o parque. Na primeira semana de janeiro, Yellowstone se transforma em um cenário de beleza selvagem e imponente. Os vastos campos, normalmente vibrantes e verdes, estão cobertos por um manto espesso de neve. A fumaça das fontes termais sobe preguiçosamente ao ar gelado, enquanto os gêiseres, como o Old Faithful, entram em erupção em espetáculos majestosos de vapor e água.

Majestosos, porém, perigosos: a temperatura da água de um gêiser pode chegar a 200°C.

Bem equipados para o frio rigoroso, Fogg, Valentina e Palacios andaram pelo parque em snowmobiles e usaram raquetes de neve para algumas trilhas isoladas. O silêncio do inverno era quebrado apenas pelo som distante de água corrente e pelos estalos dos troncos de árvores sob o peso da neve.

Durante o jantar, Valentina revelou sua curiosidade pelo mundo dos cowboys e sua cultura. Como viu na televisão um seriado com o nome do parque, imaginou que estivesse perto dessa realidade. Fogg, então, resolveu que mataria a curiosidade de sua amiga no dia seguinte, e esse desvio no caminho original não atrapalharia sua aposta. O sistemático Fogg ainda não tinha notado que seu subconsciente o orientava a fazer o possível e o impossível para encantar a bióloga.

Após um farto café da manhã, seguiram para Cody, conhecida como a Capital Mundial do Rodeio, e puderam visitar uma tradicional fazenda de gado. Foram recebidos por um grupo de cowboys local, que os convidou para conhecerem a rotina da fazenda. Valentina pôde observar os cowboys conduzindo o gado e demonstrando suas habilidades com laços e cavalos.

Depois da visita, agradeceram a hospitalidade e continuaram sua jornada rumo ao leste, com Fogg calculando três paradas estratégicas para pernoitar: Rapid City, Sioux Falls e Madison, até chegar a Chicago.



No caminho, uma forte nevasca desabou, transformando a estrada em uma trilha escorregadia e traiçoeira. Fogg decidiu que era hora de colocar as correntes nos pneus. Ele e Palacios desceram do carro, enfrentando o vento gelado e a neve que caía rapidamente, cobrindo tudo ao redor.

– Este inverno é implacável, dá até medo! – comentou Palacios, enquanto ajudava Fogg a ajustar as correntes.

– Medo é enfrentar o que você desconhece, Palacios. Estamos preparados para isso – respondeu Fogg, com um olhar determinado.

Com as correntes nos pneus, seguiram viagem, guiando com cautela pelas estradas cobertas de neve. A experiência de dirigir na neve foi desafiadora, mas também uma oportunidade de aprender e se adaptar às condições adversas.

– Este é um verdadeiro teste de resistência – comentou Valentina, enquanto observava a paisagem branca pela janela.

Finalmente, chegaram a uma Chicago escura. A metrópole os recebeu com seu clima gélido e seu vento característico. Famosa por sua arquitetura imponente, sua rica história e música, Chicago seria um refúgio temporário para o rigor do inverno.

– Bem-vindos a Chicago, a cidade onde o vento faz curva – disse Fogg, brincando.



DE QUANDO

FOGG, PALACIOS E VALENTINA
EXPLORAM **CHICAGO** E **DETROIT**,
E CONTINUAM SUA JORNADA
ATÉ **NOVA YORK** 

C A P Í T U L O X X V I I

Chicago, em janeiro, é uma prova de resistência humana. A vastidão do Lago Michigan, normalmente um cenário sereno de águas azuis, torna-se uma extensão congelada, uma paisagem branca e infinita. O vento ganha uma ferocidade

que poucas cidades conhecem. Assobia entre os arranha-céus, como um aviso ancestral dos rigores do inverno, e corta a pele como lâminas invisíveis.

As ruas, antes cheias de vida e movimento, agora são

dominadas por um silêncio quebrado apenas pelo rangido da neve sob os pés dos poucos que se atrevem a sair.

Seus habitantes, embrulhados em camadas de roupas pesadas, parecem guerreiros modernos enfrentando uma batalha diária com seus gorros de lã, cachecóis grossos e luvas robustas. Mais que acessórios, são armaduras contra a mordida do vento.

As árvores nos parques, despojadas de suas folhas, erguem-se como esqueletos contra o céu cinzento, e as poucas aves que permanecem são vistas como pontos escuros na brancura, lutando com o vento em busca de abrigo.

Foi essa a Chicago que recebeu Phileas Fogg, Palácios e Valentina com seus imponentes arranha-céus e um horizonte dominado pelo icônico Willis Tower, o segundo edifício mais alto dos Estados Unidos.

Um sol tímido apareceu na manhã do domingo. Caminharam até o Art Institute of Chicago, um dos maiores e mais antigos museus de arte dos Estados Unidos, fundado em 1879.

Em seguida, seguiram para a Robie House, uma das obras-primas de Frank Lloyd Wright, reconhecido como o maior arquiteto americano de todos os tempos.

À noite, o trio mergulhou na vibrante cena musical de Chicago. Foram a um clube de blues no bairro Near North Side, onde as melodias cativantes e os ritmos envolventes os transportaram para outra época.

Valentina, apaixonada por música, estava encantada com as performances ao vivo.

– A guitarra chora, grita e sussurra com uma intensidade que só uma cidade como Chicago pode inspirar. Entra pelos ouvidos, mas acerta o coração.

Fogg, empolgado com a sensibilidade musical de Valentina, sugeriu fecharem a noite com mais música. Encaminharam-se para um clube de jazz em Bronzeville, onde a energia e a improvisação dos músicos os mantiveram entretidos até a madrugada.

Passaram mais dois dias em Chicago para explorar a exuberante arquitetura e fazer algumas compras de roupas para o inverno. Phileas Fogg V comprou também um kit de emergência para eventuais bloqueios na estrada: cobertores, alimentos não perecíveis, bastante água e uma pá para neve. Com as lembranças de Chicago ainda frescas, Fogg, Palacios e Valentina saíram muito cedo na quarta-feira, 15 de janeiro, em direção a Nova York, mas não sem antes parar em Detroit.

Fogg preparou os pneus com as correntes. Precavido, estudou as condições da I-94, uma das principais rodovias interestaduais do Meio-Oeste americano, conectando Chicago a Detroit. Certificou-se de que caminhões de sal e areia percorrem a estrada, espalhando material que ajuda a derreter o gelo e melhorar a tração. Na ocorrência de nevascas, o Departamento de Transporte de Michigan (MDOT) e o Departamento de Transporte de Illinois (IDOT) utilizam uma frota de caminhões limpa-neves,

empurrando a neve para as laterais e liberando as faixas de rodagem.

Dirigindo com cautela por conta da baixa visibilidade, Fogg entrou em Detroit antes do meio-dia. Seu interesse pela cidade era claro: no alvorecer do século XX, a visão audaciosa de Henry Ford tornou Detroit a meca dos automóveis americanos e coração pulsante da indústria automobilística. Contudo, a grandiosa metrópole começou a desmoronar sob o peso da desindustrialização nas décadas de 1970 e 1980, quando as fábricas fecharam suas portas e a população fugiu para os subúrbios, deixando para trás uma paisagem de ruínas. A falência oficial em 2013 marcou o ápice de sua queda, tornando-se a maior cidade dos EUA a declarar tal colapso financeiro. No entanto, como uma fênix ressurgindo das cinzas, Detroit iniciou um renascimento notável, revitalizou seu centro urbano com novos empreendimentos e uma renovada cena cultural, atraindo novos residentes e investidores para suas atuais ruas vibrantes.

A primeira parada, após um rápido lanche, foi o Henry Ford Museum, onde Fogg estava fascinado pela coleção de carros históricos e pelas inovações tecnológicas que moldaram a indústria automobilística e elevaram Detroit ao patamar de cidade mais próspera dos Estados Unidos.

– Valentina! Palacios! Vejam aquele carro, o Modelo T.

– Impressionante, senhor Fogg. O que torna esse carro tão especial? – perguntou Palacios.

CHICAGO
JAZZ

CHICAGO
JAZZ

CHIC





– Ele era chamado de Tin Lizzie. O primeiro modelo, de 1908, custava 850 dólares. Mas, em 1913, Henry Ford conseguiu baixar o custo de produção porque criou a divisão do trabalho e permitiu a produção em massa. Isso barateou tanto a produção que, em 1927, último ano da sua fabricação, o Modelo T já tinha despencado para 290 dólares.

– Duzentos e noventa dólares era muito barato na época, Phileas? – perguntou Valentina.

E Fogg, com a história dos automóveis na ponta da língua, explicou:

– Sim, Valentina! Acredito que menos de 10 mil dólares, convertendo para hoje. Antes do Modelo T, os carros eram um luxo para os ricos. Ford democratizou o automóvel.

Após a aula sobre automóveis, o trio encontrou tempo para ir ao Hitsville U.S.A., que fechava às seis horas. O icônico estúdio, onde a Motown Records foi fundada em 1959 por Berry Gordy, teve um impacto significativo na música americana, lançando carreiras de lendas como Marvin Gaye, Stevie Wonder e The Supremes.

Valentina, sempre espirituosa, comentou:

– Phileas, amanhã, indo para Nova York, vamos ouvir qualquer música, desde que seja Dancing in The Street, de Martha and The Vandellas.

Fogg, curiosamente colocando as manguinhas de fora, replicou:

— Que tal My Girl, dos Temptations? — O comentário atrevido e incomum fez Palacios lançar um sorriso de complacência a Valentina.

Detroit ficaria para trás na manhã do dia seguinte. Pelos cálculos de Fogg, seria mais cauteloso parar em Bellefonte por precaução, para dividir a viagem até Nova York em dois dias e só dirigir com clareza.

Era fria a manhã da sexta-feira, 18 de janeiro de 2025, quando o SUV de Phileas Fogg V deixou a pacata Bellefonte, na Pensilvânia, para se lançar na jornada rumo a Nova York.

À medida que se aproximavam de Nova York, arranha-céus começavam a se erguer no horizonte. Cruzar a imponente George Washington Bridge foi uma visão impressionante. A estrutura colossal de aço suspenso, estendendo-se sobre o Rio Hudson, parecia quase vibrar com a constante corrente de veículos que passavam por suas faixas.

A entrada em Manhattan foi um espetáculo para Palacios e Valentina, que ainda não conheciam a cidade. O frio de janeiro fazia o vapor subir pelos bueiros e criar nuvens efêmeras que desapareciam rapidamente.

Ao seguir em direção ao sul, aproximando-se do coração do SoHo, onde se hospedariam, a paisagem mudou do industrial para o sofisticado e artístico. As ruas de paralelepípedos e a arquitetura de ferro fundido do SoHo contavam histórias de um passado industrial agora transformado em um distrito de moda e cultura, com boutiques elegantes,

galerias de arte e cafés acolhedores.

Ficaram em Nova York até a noite de domingo, aproveitando ao máximo o tempo na cidade que nunca dorme. Começaram o sábado pelo Marco Zero, lugar de profunda reflexão e homenagem, onde sentiram o peso da história recente. Conheceram a estátua símbolo da Bolsa de Valores. Dirigiram-se ao porto e ao Pier 17. A visita à Estátua da Liberdade foi um dos pontos altos do dia. Navegaram até a ilha, onde ficaram impressionados com a grandiosidade do monumento, símbolo de liberdade e esperança.

No domingo, a jornada começou com uma visita ao Museu Americano de História Natural. Valentina ficou especialmente fascinada pelos fósseis de dinossauros, minerais raros e culturas indígenas. Fogg e Palacios se encantaram com as vastas coleções e a riqueza de informações que o museu oferecia. Seguiram para o Central Park, com árvores e caminhos adornados por um manto branco. Palacios encontrou um vendedor de pretzels, comprou um e deu uma mordida generosa. Seus olhos se arregalaram e ele revelou uma divertida alma de poeta:

– É como se um pedaço de nuvem se apaixonasse pelo mar e, juntos, criassem essa maravilha gastronômica! – Valentina e Fogg riram enquanto Palacios continuava a devorar o pretzel, evidentemente deleitado com a simplicidade e a perfeição desse lanche clássico de Nova York.

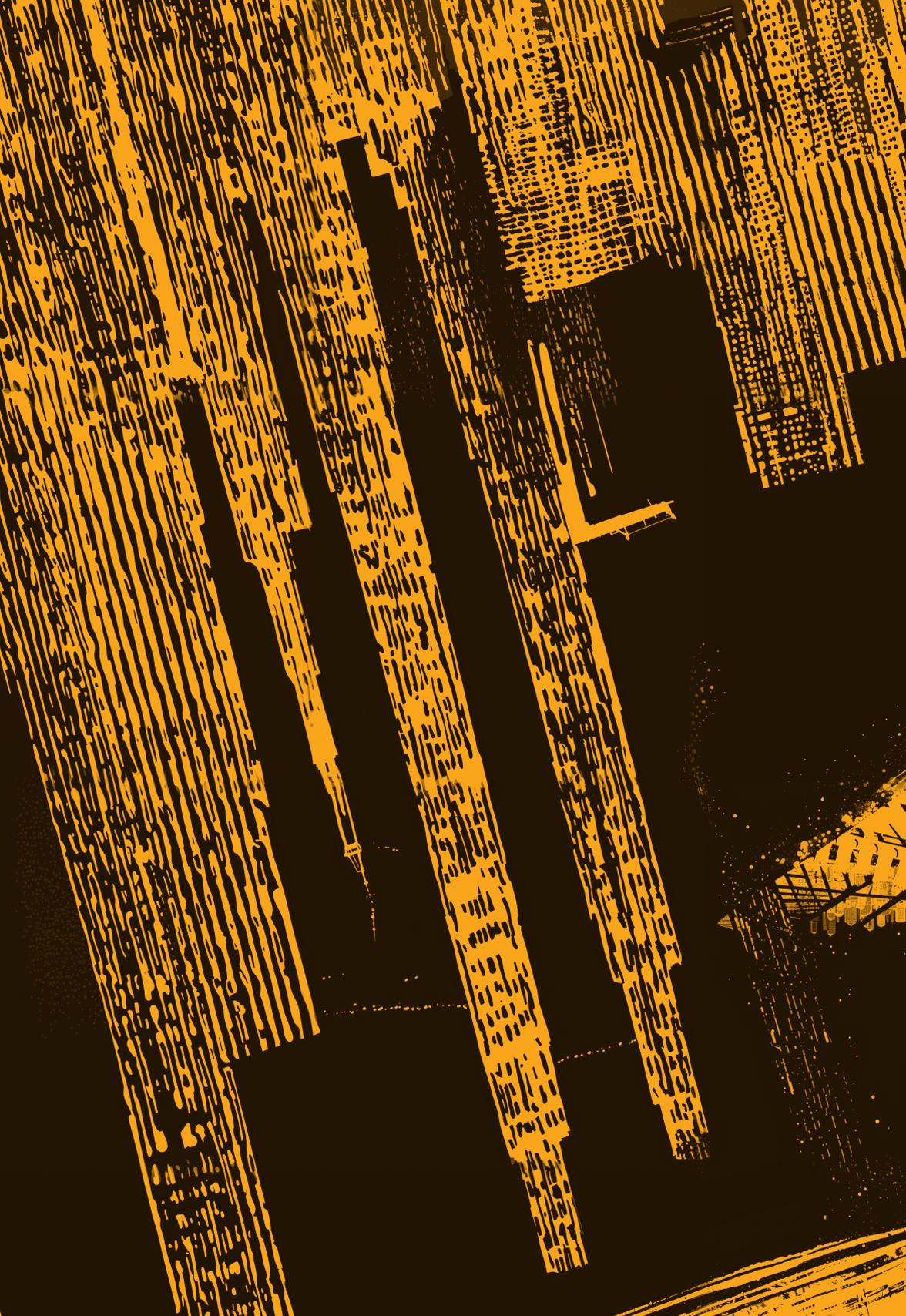


Ao final da tarde, dirigiram-se ao Empire State Building e foram recompensados com uma vista espetacular da cidade, com destaque para a beleza de um edifício que se destacava entre os outros: o Chrysler, nome que sempre aguçou a curiosidade de alguém apaixonado por automóveis como Phileas Fogg V.

Apontando em direção à icônica joia da arquitetura Art Déco, Fogg explicou:

– Esse prédio foi encomendado por Walter P. Chrysler, fundador da Chrysler Corporation. Ele queria que fosse um símbolo do progresso e da modernidade de sua empresa. Foi o mais alto do mundo por 11 meses, quando ficou pronto o Empire State.

Antes de deixarem Nova York, decidiram fazer um passeio pela Avenida Broadway. As luzes brilhantes dos teatros e a energia vibrante da cidade criavam um ambiente mágico. Palacios jurou ter visto Freitas em algum lugar. Quando voltou para verificar se estava certo, o detetive não estava mais por lá. Sumiu em meio a outros capuzes.



QUANDO

FOGG, PALACIOS E VALENTINA
ENFRENTAM DESAFIOS

NA ESTRADA E PREPARAM A
LOGÍSTICA PARA ATRAVESSAR
O ATLÂNTICO.⊗

C A P Í T U L O X X V I I I

Em 20 de janeiro, o céu cinzento, encoberto por nuvens carregadas, prenunciava uma jornada envolta pelo rigor do inverno. Fogg, Valentina e Palacios embarcaram pela I-95, artéria vital da Costa Leste dos Estados Unidos, rumo a Washington, D.C. A inesquecível Nova York, em todo o seu esplendor urbano, gradualmente desaparecia no retrovisor,



substituída por subúrbios tranquilos e vilas adormecidas sob um fino cobertor de neve.

À medida que avançavam, atravessando o New Jersey Turnpike, o cenário se transformava. O Rio Delaware, parcialmente congelado, refletia o céu sombrio, enquanto pequenas ilhas de gelo ficavam à deriva preguiçosamente em suas águas escuras.

A estrada, embora bem mantida, exigia cautela. Os flocos de neve que caíram suavemente durante a manhã se intensificaram, transformando-se em nevasca, o que reduziu a visão e a velocidade. Limpa-neves trabalhavam

incessantemente, empurrando a neve para os lados da estrada e despejando sal para prevenir o gelo traiçoeiro.

Deixaram para trás cidades históricas como Filadélfia e Baltimore. Ao se aproximarem de Washington, D.C., a majestosa capital dos Estados Unidos, a neve diminuiu, mas o frio persistia. O Capitólio, o Monumento a Washington e a Casa Branca emergiram no horizonte.

Ao entrarem na cidade pela George Washington Parkway, a paisagem invernal foi substituída pelo calor dos edifícios governamentais e pelo movimento incessante da vida urbana que, mesmo no auge do inverno, pulsa com a vitalidade de uma das cidades mais icônicas da América.

Washington, D.C., marcava praticamente 40 mil quilômetros rodados, exatos 110 dias após deixarem a porta do Clube Auto Paulistano. “Meia aposta já estava ganha”, pensava Fogg. A primeira providência ao entrar na cidade foi deixar o carro em uma oficina para uma revisão completa e todos os procedimentos com os pneus(*), como alinhamento, balanceamento e calibragem correta.

Aproveitaram a tarde para visitar alguns dos monumentos e museus icônicos. Caminharam pelo National Mall, admirando o Capitólio, o Monumento a Washington e o Memorial de Lincoln. Valentina ficou especialmente encantada com o Museu Nacional de História Natural, onde passou horas explorando as exposições.

(*)Nota: pneus UltraContact da Continental.



WASHINGTON ^{DC} ON

No jantar, saborearam um dos símbolos culinários da cidade, o half-smoke. Uma salsicha defumada, mistura de carne bovina e suína, levemente apimentada e servida em um pão de cachorro-quente.

Fogg brincou com o nome da iguaria:

– Já que chegamos à metade do caminho, nada como um half-smoke!

Seguiram viagem pela Interstate 95, chegaram a Atlanta pouco antes das dez da noite. Atlanta amanheceu com sua mistura de charme sulista, modernidade e calorosos 11°C para quem enfrentou tanto frio nas semanas anteriores.

Foi um dia intenso, que começou com uma visita ao maior aquário da América do Norte, o Georgia Aquarium. Valentina, impressionada com a imponência dos tubarões-baleia, comentou:

– São os maiores peixes do mundo, o maior que já viveu neste planeta! Podem chegar a 18 metros. E as pintas são como impressões digitais, por isso, não existem dois tubarões iguais.

De Atlanta a Miami pela Interstate 75, a viagem foi longa. Chegaram à cidade em uma noite fresca e foram diretamente para a Calle Ocho ou Rua 8. A rua icônica localizada no coração de Little Havana, um dos bairros mais vibrantes e culturalmente ricos de Miami. Um símbolo da comunidade cubano-americana que oferece uma experiência autêntica e animada da cultura latina. Os três provaram o Ropa Vieja, o mais tradicional prato cubano, composto de carne desfiada cozida lentamente em um



MIAMI

molho saboroso de tomates, pimentões, cebolas, alho e especiarias. Ouviram uma salsa e foram dormir.

Miami reservaria o desafio logístico crucial: como mandar o carro para Lisboa? Após algumas consultas, Fogg descobriu que a maneira mais eficiente seria por navio, e o trio iria a Lisboa de avião. Embarcaria o carro e aproveitaria alguns dias na cidade. Encontrou uma empresa de transporte marítimo que oferecia serviços internacionais de envio de veículos. Fogg cuidou de todos os trâmites necessários para garantir que o carro fosse bem protegido e chegasse em segurança ao porto de Lisboa em 15 dias. Seria uma pausa na aventura. Fogg, sempre metódico, fez as contas: estipulou sete deles para aproveitar Miami e arredores, um para a viagem a Lisboa e mais sete para aproveitar a capital portuguesa até o carro chegar. Após despacharem o carro, sentiu-se aliviado.

Foi uma necessária semana em baixa rotação. Visitas a atrações como o Vizcaya Museum and Gardens, compras, futebol – onde Valentina fez questão de adquirir uma camisa rosa com o número 10 às costas –, basquete, edifícios Art Déco e muito relaxamento na praia de South Beach. Uma semana depois, Fogg, Palacios e Valentina se prepararam para o próximo trecho da viagem. Pegaram um voo direto para Lisboa. A bordo do avião, refletiram sobre as aventuras e desafios que haviam enfrentado até ali. Os três na mesma fileira de poltronas. Valentina entre eles, o que já dizia muito.

A chegada a Lisboa marcaria o início da etapa europeia, africana e asiática da viagem, com 38 mil quilômetros a serem rodados. Marcaria também um momento de espanto

para todos, especialmente para Phileas Fogg V: seria coincidência Alfredo Freitas surgir ao lado deles na fila para pessoas sem cidadania europeia?



De QUANDO

TODOS DESCOBREM O SENTIDO DE "INÊS É MORTA" NO CORAÇÃO DE PORTUGAL.⊗

C A P Í T U L O X X I X

Ficaram todos surpresos. E com razão. O que estaria fazendo a familiar figura de Alfredo Freitas no Aeroporto de Lisboa?

Ao se reencontrarem, Freitas explicou que estava em uma missão internacional na Península Ibérica e no Norte da África. Phileas Fogg V, cortês, avisou que os dois locais fariam parte de seu itinerário. Se Freitas tivesse tempo disponível, poderia se juntar a eles. O detetive que, sem Fogg notar, era o maior interessado nesse convite, aceitou prontamente.

Durante a semana que antecedeu a chegada do carro, o grupo aproveitou para conhecer profundamente Lisboa. Visitaram o Mosteiro dos Jerónimos, com sua impressionante arquitetura manuelina, construído no século XVI em comemoração ao retorno de Vasco da Gama da Índia. Foram à Torre de Belém, um dos monumentos mais icônicos de Lisboa, erguida no início do século XVI como fortaleza e porto de partida para muitos exploradores portugueses durante a Era dos Descobrimentos. Deliciaram-se com os pastéis de Belém nas proximidades.

Na manhã de um sábado, 8 de fevereiro, Fogg cuidou dos trâmites finais para retirar seu SUV do Porto de Lisboa e continuar a viagem. A próxima etapa os levaria até a cidade do Porto, com paradas estratégicas ao longo do caminho para explorar as maravilhas de Portugal.

Saíram os quatro de Lisboa pela manhã, seguindo pela A-8 em direção a Óbidos. Essa pitoresca vila medieval, cercada por muralhas do século XIV, encantou a todos com suas ruas de paralelepípedos, casas caiadas de branco e buganvílias coloridas. Caminharam pelas muralhas e visitaram a charmosa Livraria Santiago, localizada dentro de uma antiga igreja, onde Fogg adquiriu um guia turístico de Marrocos. Palacios provou a primeira e última ginjinha de sua existência e lançou um brinde ao sucesso da nova etapa da viagem. Quando Freitas foi brindar com ele, foi encarado por olhos que ardiam com fúria silenciosa.

Prosseguiram até Alcobaça para visitar o Mosteiro, Patrimônio Mundial da Unesco e origem da expressão "Inês é Morta". Esse impressionante complexo gótico, fundado



em 1153 por Afonso Henriques, o primeiro rei de Portugal, abriga os túmulos de Pedro e Inês de Castro, protagonistas de um dos mais trágicos casos de amor da história portuguesa. Pedro, o príncipe herdeiro, e Inês de Castro, a dama galega de beleza estonteante, viveram um amor proibido e avassalador, contra todas as expectativas e normas da corte. Temendo a influência que Inês poderia ter sobre o filho e o reino, Afonso IV ordenou o assassinato dela, no retiro de Inês em Coimbra. Ao saber da tragédia, Pedro, tomado por uma dor insuportável, jurou vingança e justiça.

Quando ascendeu ao trono como Pedro I, em um gesto de amor e loucura, ele desenterrou o corpo de Inês e ordenou que fosse coroada rainha. Na macabra cerimônia, os nobres da corte foram obrigados a beijar a mão esquelética da nova rainha. A partir desse momento, a frase "Agora Inês é morta" tornou-se um símbolo do irreversível, do destino selado por forças além do controle humano.

A história sensibilizou Valentina, que perguntou:

– Shakespeare sabia disso quando ele escreveu Romeu e Julieta?

Continuaram a viagem pela A-1 em direção ao Porto. Chegaram à cidade ao entardecer, recebidos pela vista deslumbrante do Rio Douro e das emblemáticas pontes que ligam as duas margens. Famintos, foram provar uma Francesinha, o prato icônico da cidade. Um sanduíche recheado com várias carnes, coberto com queijo derretido e um molho picante à base de tomate e cerveja, servido com batatas fritas.

Um dos pontos altos da visita foi a degustação de vinhos do Porto. A pé, atravessaram a Ponte Dom Luís I até Vila Nova de Gaia, onde se encontram algumas das mais famosas caves de vinho. Em uma visita guiada, aprenderam sobre o processo de produção e armazenamento do vinho do Porto e degustaram diversas variedades, encantando seus paladares.

Palacios, já com algumas taças de vinho a mais, e aproveitando que Fogg e Valentina estavam entretidos um com o outro, olhou fixamente para Freitas e disse:

– Você acha que pode se juntar a nós e agir como se eu não estivesse percebendo? Acho bom tomar cuidado com suas atitudes, Freitas. Se você fizer algo que ponha meu patrão em risco, eu vou cuidar disso pessoalmente.

Freitas, mantendo a compostura, respondeu calmamente:

– Não há necessidade de ameaças, Palacios. Estou aqui quase pela mesma missão que vocês: só preciso entender o que realmente se passa na cabeça de Phileas Fogg V. Se estivermos do mesmo lado, não haverá problemas.

Palacios manteve o olhar firme por mais alguns segundos antes de desviar. O clima deixou de ser tenso, mas a ameaça estava lançada. Freitas sabia que não poderia sair da linha.





DE QUANDO

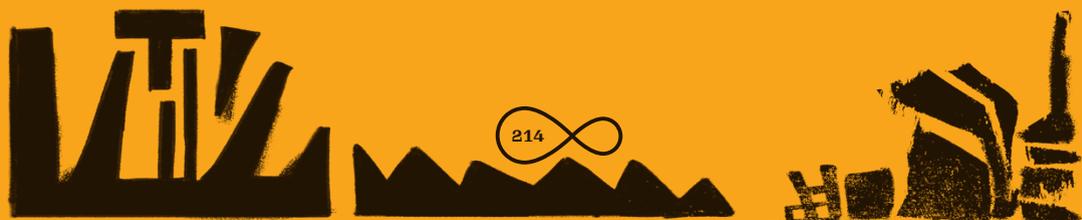


FOGG, PALACIOS, VALENTINA
E FREITAS ATRAVESSAM A
ESPANHA RUMO À ÁFRICA.⊗

C A P Í T U L O X X X

Deixaram a cidade do Porto, ao amanhecer, rumo a Santiago de Compostela. Foram 230 quilômetros de estradas sinuosas, cruzando as colinas verdes da Galícia. Santiago de Compostela,

famosa por sua catedral e pelo Caminho de Santiago, recebeu o grupo com um céu claro e uma brisa fresca. Valentina, impressionada com a arquitetura gótica da catedral, fez uma oração silenciosa pelos seus pais enquanto



os outros observavam os peregrinos que chegavam ao fim de suas jornadas espirituais.

A tarde foi dedicada a explorar as ruas de paralelepípedos e a degustar pratos locais. O mais apreciado foi o Pulpo a la Gallega, também conhecido como Pulpo a Feira. Um polvo cozido e servido com azeite de oliva, sal grosso e páprica, acompanhado de batatas e tradicionalmente servido em um prato de madeira.

De Santiago, seguiram pela famosa Autovia del Cantabrico, margeando a Costa Atlântica da Espanha em direao a Bilbao. Os quase 600 quilômetros foram percorridos em meio a paisagens deslumbrantes, com praias selvagens à esquerda e montanhas à direita. Bilbao, além de importante centro urbano, destaca-se por sua forte identidade basca. A euskera, uma das línguas mais antigas da Europa e sem relaao com o espanhol, ressoa nas ruas. Visitaram o maior cartão-postal da cidade, o Museu Guggenheim, onde as formas curvas e futuristas do edifício causaram grande impacto em Fogg e Valentina. Palacios, por outro lado, parecia mais interessado em manter um olho em Freitas, que desapareceu por algumas horas.

O destino seguinte foi a capital espanhola. Os 400 quilômetros pela A-1 foram tranquilos, com vastas planícies pontuadas por vilarejos e castelos medievais ao longe. Chegaram a Madrid no fim da tarde e se hospedaram em um hotel próximo ao centro, ansiosos para explorarem a cidade. Passariam um dia la.

Enquanto Fogg, Valentina e Palacios foram ao Museu do Prado,  Plaza Mayor e ao Palácio Real de Madrid, imponente edifício barroco e residência oficial do rei da Espanha, Freitas

novamente se ausentou, alegando compromissos com autoridades espanholas relacionados à sua missão na Península Ibérica.

Durante o jantar, sempre sob o olhar suspeito de Palacios, Freitas foi evasivo sobre suas reuniões. Perspicaz, desviou do assunto para comparar Madrid a Barcelona.

– Madrid é a essência da Espanha, tem essa arquitetura imponente, uma formalidade, um charme real e uma vida noturna que nunca desacelera! – comentou.

– Mas ouvi dizer que Barcelona tem um espírito mais artístico e livre – disse Valentina. – Estou ansiosa para comparar as duas!

Fogg concordou, acrescentando:

– Madrid é o coração político e histórico da Espanha, enquanto Barcelona é uma cidade praiana, mais ensolarada, e tem a cultura catalã. As duas são essenciais para entender a alma deste país e se rivalizam até no futebol. Valentina, em poucos dias você matará sua curiosidade.

– Sim! – completou Valentina. – Achei Madrid fascinante, cheia de história e cultura. Mas tem uma parte que me incomoda, que são as touradas. Como bióloga e amante da natureza, é difícil para mim aceitar a ideia de que a tortura e o sofrimento de um animal possam ser considerados entretenimento.

Todos concordaram. Palacios pensou duas vezes antes de dar a última garfada em seu Rabo de Toro, o tradicional guisado madrileno que historicamente era preparado após

as touradas utilizando o rabo do touro abatido.

A viagem seguiu em direção a Alhambra, em Granada, por paisagens pitorescas e montanhas majestosas. Ao chegarem, foram impactados pela visão impressionante do complexo palaciano, uma joia da arquitetura islâmica.

Exploraram os pátios, jardins e salões ornamentados, maravilhando-se com a riqueza de detalhes e a beleza serena do lugar. Testemunha da habilidade e do esplendor da civilização moura, Alhambra parecia contar a história de um tempo passado.

Foi nesse cenário de salões majestosos, mosaicos geométricos, azulejos coloridos e belíssimos arabescos que Freitas puxou Palacios para uma conversa longe dos olhares de Fogg e Valentina.

– Palacios, estou intrigado com Fogg. Tenho motivos para acreditar que ele possa ter conexões com um chefão em Ibiza. Preciso investigar mais a fundo, mas tenho a sensação de algo suspeito.

Palacios, indignado, respondeu:

– Se você acha que pode seguir com a gente e espiar meu patrão, está muito enganado. Se fizer algo que ponha o senhor Fogg em risco, você vai ter problemas comigo. Acho melhor você desaparecer.

Freitas, mantendo a calma, disse:





– Fique tranquilo, eu irei descer em Gibraltar, mas nos encontraremos em Dubai. Até lá, não se preocupe, não farei nada que atrapalhe a viagem de vocês.

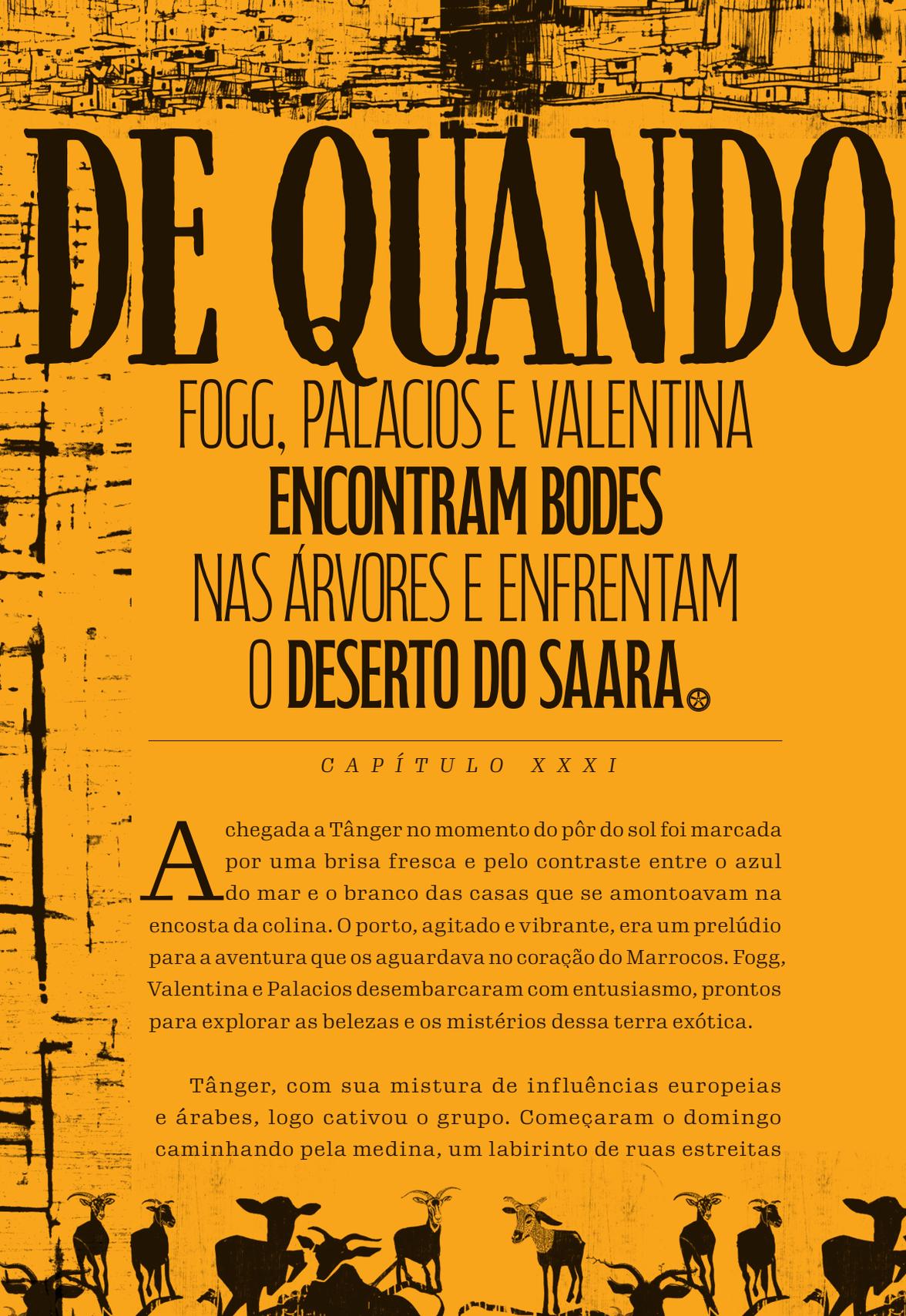
Seguiram de Alhambra para o sul em direção ao Estreito de Gibraltar. A jornada de 250 quilômetros os levou por paisagens deslumbrantes até o ponto onde Europa e África quase se tocam. Freitas se despediu do trio, alegando a todos que sua missão continuaria por ali, ainda em território europeu.

Atravessaram o Estreito de Gibraltar em uma balsa e pisaram pela primeira vez no continente africano às sete da noite de sábado, 15 de fevereiro. A sensação de viajar por um novo continente, com incertezas sobre as condições das estradas ou sinais de internet, trazia sentimentos como curiosidade e apreensão.

Phileas Fogg V pensou consigo mesmo:

– Ainda bem que comprei meu guia de Marrocos. Sinto que precisarei dele!





DE QUANDO

FOGG, PALACIOS E VALENTINA ENCONTRAM BODES NAS ÁRVORES E ENFRENTAM O DESERTO DO SAARA.⊛

CAPÍTULO XXXI

A chegada a Tânger no momento do pôr do sol foi marcada por uma brisa fresca e pelo contraste entre o azul do mar e o branco das casas que se amontoavam na encosta da colina. O porto, agitado e vibrante, era um prelúdio para a aventura que os aguardava no coração do Marrocos. Fogg, Valentina e Palacios desembarcaram com entusiasmo, prontos para explorar as belezas e os mistérios dessa terra exótica.

Tânger, com sua mistura de influências europeias e árabes, logo cativou o grupo. Começaram o domingo caminhando pela medina, um labirinto de ruas estreitas



e sinuosas, repletas de lojas que vendiam de especiarias aromáticas a tapetes coloridos. Os aromas de incenso, chá de menta e comida local criaram uma atmosfera mágica e envolvente. Valentina, fascinada, observava atentamente cada detalhe, registrando mentalmente as cores e os sons dessa cidade única.

O Kasbah, antigo forte que oferece vistas panorâmicas da cidade e do Estreito de Gibraltar, foi parada obrigatória. De lá, viram a Europa a distância, um lembrete das jornadas já percorridas e dos desafios que ainda enfrentariam.

De Tânger, seguiram para a moderna e vibrante Casablanca, conhecida por sua arquitetura Art Déco e pela famosa Mesquita Hassan II. A mesquita, majestosa à beira-mar, impressionava com seu minarete de 210 metros de altura, visível de quase todos os pontos da cidade. Fascinados pela grandiosidade do local, o trio caminhou pelo pátio amplo, admirando os intrincados mosaicos e os detalhes arquitetônicos.

Casablanca marcou um momento de maior aproximação entre Fogg e Valentina. Palacios, indisposto, preferiu descansar no hotel, e Fogg a levou ao mais tradicional e concorrido restaurante da cidade. No momento em que o pianista tocou *As Time Goes By*, Phileas Fogg V não se conteve.

– Este restaurante é totalmente inspirado no filme *Casablanca*, por isso, tem esse charme dos anos 40... Os lustres e as lamparinas, a fonte no pátio! – disse, para o entusiasmo dela. – E essa era a música tema do filme.



Sempre discreto, Fogg aproveitou o momento para tocar em assuntos pessoais.

– Queria falar de outra coisa com você – continuou. – Tem pouco mais de dois meses que você está com a gente, e viajar não é barato. Você fez questão de pagar todas as suas despesas até agora. Queria saber se está tudo bem, se você está confortável para continuar, porque ainda temos um longo caminho pela frente.

– Phileas – disse ela –, aprecio sua preocupação, de verdade. Eu sei que essa viagem não é fácil nem financeiramente, nem emocionalmente. Mas ela tem sido algo que eu precisava, mais do que você imagina.

Fogg ouvia com atenção.

– Talvez seja hora de eu compartilhar algo com você – continuou ela. – Minha vida não tem sido exatamente comum. Perdi minha mãe muito cedo, foi um golpe muito duro. Meu pai era cientista e estudioso, se dedicou muito à sua carreira, mas acabou se desgastando. Ele faleceu recentemente. E, com ele, parece que perdi o último elo com o mundo. Continuar os trabalhos de pesquisa dele se tornaram minha motivação.

– Sinto muito por isso, Valentina. Eu realmente não sabia... – complementou Fogg sinceramente comovido.

– Eu herdei tudo que meu pai tinha. Ele era um homem muito cuidadoso com suas finanças e acabou me deixando em uma situação tranquila e estável. Tenho mais do

que o suficiente para me manter por toda a viagem. Para ser honesta, não tenho mais ninguém na vida. Não tenho parentes, nem laços que me prendam a um lugar. Esta viagem, por mais desafiadora que seja, tem me dado um propósito. Tenho a oportunidade de conhecer o mundo que meu pai tanto estudou, de explorar, de aprender. E, de certa forma, estou fazendo isso por ele e por nós. É por isso que eu quero estar aqui.

– Agora eu entendo e fico mais tranquilo. Mas saiba, se precisar de qualquer coisa, qualquer apoio, pode contar comigo!

– Obrigada, Phileas. Sua preocupação significa muito para mim. Eu estou exatamente onde preciso estar. E quero seguir esta jornada com vocês, até o fim.

Por um momento, suas mãos se tocaram. Voltaram ao hotel após o jantar, cada um para seu quarto.

O dia seguinte seria corrido. Iriam até Marrakech, passando antes por Essaouira, a bela cidade costeira conhecida por suas muralhas fortificadas e pela vibrante vida local, com ruas estreitas e mercados movimentados, onde se vendia de joias a frutos do mar frescos.

Almoçaram em Essaouira e seguiram para Marrakech pela N-1. Foi nesse trecho de estrada que tiveram uma visão fascinante e única: bodes equilibrando-se precariamente em pés de argan. Palacios e a maravilhada Valentina disputaram para ver quem faria as melhores fotos.





Ao voltarem para o SUV, Valentina explicou o fenômeno:

– Esses bodes são escaladores ágeis, e a habilidade de subirem nas árvores é uma adaptação evolutiva para acesarem os frutos. Depois, eles ainda expelem as sementes intactas, fazendo nascer mais árvores.

Chegaram a Marrakech ainda com luz do dia. Deixaram o carro em um estacionamento fora da medina e se encaminharam ao riad – tradicional casa marroquina – onde se hospedariam. Construídos como residências para famílias ricas ou membros da elite, a arquitetura de um riad reflete a preocupação com privacidade e segurança. As janelas dos quartos se abrem para o pátio interno, em vez de para o exterior, criando um ambiente sereno e íntimo. Nos últimos anos, muitos riads foram convertidos em pousadas ou pequenos hotéis-boutique, oferecendo aos visitantes a oportunidade de experimentar a hospitalidade marroquina em um ambiente autêntico.

O dia seguinte foi dedicado a explorar a fervilhante Medina de Marrakech e seus souks – mercados tradicionais comuns em muitas cidades do Norte da África e do Oriente Médio. Era um labirinto vivo de ruelas cheias de vendedores chamando a atenção dos passantes, músicos de rua e artistas. Jumentos carregando sacos de mercadorias faziam parte do fluxo de pessoas e animais. Sem um guia, seria impossível não se perder. O Souk Semmarine, localizado perto da Praça Jemaa el-Fnaa, com suas barracas abarrotadas de produtos, parecia um universo à parte. Valentina, imersa na cultura local, optou por usar um lenço colorido sobre a cabeça como um gesto de respeito

às tradições muçulmanas, adaptando-se com graça ao ambiente.

De lá para o Saara! A travessia das montanhas do Atlas, em 20 de fevereiro, revelou-se uma prova de resistência tanto para o veículo quanto para seus ocupantes. À medida que o carro subia pelos íngremes caminhos, enfrentando curvas fechadas que exigiam precisão e destreza, o ar se tornava rarefeito e frio, com a temperatura caindo para perto de 0°C nas altitudes mais elevadas, com os picos nevados cercando o cenário. Já na descida até Ouarzazate, os pneus(*) eram exigidos para dar total aderência, ouvia-se o gemido dos freios e as condições climáticas mudavam abruptamente, trocando o frio montanhoso pelo calor crescente do deserto.

Pouco antes de Ouarzazate, pararam no ksar de Ait Benhaddou, Patrimônio Mundial pela Unesco conhecido por suas imponentes estruturas de barro. Um ksar é uma antiga vila fortificada que protegia sua população das intempéries, de bandidos e de tribos nômades que assaltavam após as colheitas.

Mas foram quase 400 quilômetros adiante, já em Merzouga, à beira do deserto do Saara, que veio o maior desafio. Uma tempestade de areia os pegou de surpresa, forçando-os a buscar abrigo. A visibilidade era quase nula, e os ventos ferozes transformavam a areia em uma força implacável. Sem acesso à internet, Fogg recorreu ao guia de Marrocos que havia comprado em Óbidos. As instruções precisas sobre como lidar com tempestades de areia foram vitais.

(*)Nota: pneus UltraContact da Continental.

Depois da tempestade, a beleza do Saara se revelou em toda a sua majestade. As dunas douradas se estendiam até onde a vista alcançava, e a sensação de isolamento era ao mesmo tempo assustadora e inspiradora.

Palacios comentou:

– Este deserto tem dimensões amazônicas, senhor Fogg.

Decidiram ficar mais um dia para explorar a vastidão do Saara. O céu estava límpido e a temperatura, apesar de fresca nas primeiras horas da manhã, subiu rapidamente para 24°C sob o sol intenso do meio-dia. O grupo partiu para um passeio de camelo, uma jornada que os levaria cerca de 10 quilômetros deserto adentro até as majestosas dunas de Erg Chebbi, algumas com 150 metros de altura.

Ao descer do camelo para uma breve pausa, Valentina perdeu o equilíbrio, quase caindo na areia macia. Mas Fogg estava atento e segurou-a rapidamente, evitando a queda. Ela riu e agradeceu a ajuda, enquanto o calor do deserto começava a dar lugar ao frescor do entardecer.

A jornada de 467 quilômetros de Merzouga a Fez partiu do calor árido do deserto, cortou o Vale do Ziz, com oásis verdes pontuando o terreno seco, e passou pelas montanhas do Atlas Médio, com suas curvas acentuadas e florestas de cedro, onde avistaram macacos entre as árvores. Após oito horas, chegaram a Fez, rica em história e cultura. Conheceram, no dia seguinte, sua medina, uma das maiores zonas urbanas sem carros do mundo, um emaranhado de ruas estreitas e movimentadas. O cheiro forte do curtume

de Chouara, com suas piscinas de tinturas coloridas, foi inconfundível e penetrante, uma experiência sensorial intensa que Valentina descreveu como "um teste extremo para o olfato, mas fascinante para os olhos".

Voltariam para a Europa da mesma forma que entraram na África. Saíram cedo de Fez, almoçaram em Tetouan, atravessaram o Estreito de Gibraltar na balsa de Tânger até Algeiras e dormiram em Málaga para reiniciar a jornada europeia.





DE QUANDO

FREITAS ENFRENTA SUAS PRÓPRIAS DÚVIDAS, E FOGG SEGUE ATÉ VENEZA. Ⓜ

CAPÍTULO XXXII

Após se despedir de Fogg, Valentina e Palácios em Gibraltar, Alfredo Freitas sentiu um misto de alívio e inquietação. Ele assistiu à partida do trio em direção a Marrocos, enquanto ele mesmo se preparava para passar os próximos

dez dias na Península Ibérica. Tinha muito em que pensar.

Freitas aproveitou o período para realizar uma série de investigações cruciais. Gibraltar, com sua posição estratégica e histórico de contrabando, parecia lugar

ideal para confirmar as suspeitas que pairavam sobre Phileas Fogg V. Contudo, conforme os dias passavam e as pistas se mostravam vagas e confusas, Freitas começou a questionar suas próprias motivações. Estava no rastro certo? Ou talvez Fogg fosse apenas um homem excêntrico e nada mais?

Para completar o coquetel de dúvidas, a Interpol, sempre cuidadosa em seus dossiês, ajudava a rastrear cada passo de Fogg, mas não conseguia provas conclusivas. Isso aumentava a inquietação em Freitas. Seria tudo fruto de um gigantesco mal-entendido? Mas, quando a Interpol avisou que Fogg reservara um hotel em Marselha, outra posição estratégica para o contrabando no sul da França, Freitas ficou ainda mais confuso, e a figura de Fogg, mais enigmática.

Durante uma noite solitária em um pequeno bar na costa de Málaga, Freitas se viu pensando em Fogg de uma forma que jamais pensara antes. Havia algo genuinamente gentil naquele homem, uma disposição natural para o bem que não combinava com a imagem de um contrabandista.

E Valentina? Ela parecia confiar tanto em Fogg... Poderia estar sendo manipulada por ele, ou Freitas estava mesmo errado sobre tudo isso?

Pensou também na lealdade de Palacios, que não parecia ser comprada ou forçada. Era algo genuíno, o tipo de lealdade que um homem só tem por alguém em quem realmente acredita. O uruguaio, com sua devoção feroz a Fogg, deixou claro que qualquer ameaça ao seu patrão seria tratada de

forma severa. Não eram ameaças vazias, e Freitas sabia disso. Ainda sentia a pressão do braço de Palacios contra sua garganta, um lembrete de que estava lidando com um homem tão determinado quanto ele. Isso incomodava Freitas, fazendo-o ponderar sobre a verdadeira natureza de Phileas Fogg V.

No entanto, sua curiosidade profissional não lhe permitia simplesmente abandonar a investigação. Decidiu continuar, mas pensaria em uma abordagem diferente. Talvez fosse hora de encontrar uma nova perspectiva.

De volta à Europa, Fogg, Valentina e Palacios seguiram na manhã de 25 de fevereiro até Barcelona, onde passariam um dia. Mesmo com temperaturas máximas abaixo de 20°C, a cidade vibrava ao som das ondas do Mediterrâneo.

Visitaram a Sagrada Família, a obra-prima inacabada de Antoni Gaudí. Esse colosso de pedra parecia desafiar a imaginação com suas torres majestosas, fachadas esculpidas e vitrais espetaculares. Exploraram o Parque Güell e passearam por Las Ramblas.

Valentina, com um sorriso tranquilo, comentou:

– Madrid tem sua grandiosidade, mas Barcelona... Ah, Barcelona é onde meu coração se sente em casa. Essa brisa do Mediterrâneo e a natureza nos parques me lembram do Equador. É uma cidade que vive e respira ao ritmo do sol, algo que eu sempre vou amar!

A viagem continuou, levando o grupo de Barcelona para

Marselha, Gênova, Florença, Roma e, finalmente, Veneza.

Cada uma dessas cidades ofereceu uma experiência única, gravando memórias inesquecíveis na mente do trio. Em Marselha, os barcos ancorados no porto e a subida até a Basílica de Notre-Dame de la Garde. Em Gênova, a rica história marítima da cidade. Lá, visitaram o Porto Antico e o Aquário, um dos maiores da Europa, onde Valentina ficou fascinada pelas inúmeras espécies marinhas que lembravam a diversidade das águas do Equador.

Florença foi um capítulo à parte. Dentro do SUV, viajando em um domingo pelas belas paisagens da Toscana a caminho de Roma, Valentina não parava de falar da Vênus de Botticelli, que sempre a fascinou. Palacios, por outro lado, impressionou-se com o David de Michelangelo, principalmente ao saber que aquela imensa escultura foi feita sobre um único bloco de mármore de Carrara. Lembraram da Ponte Vecchio, do Duomo ao pôr do sol, e concluíram: nenhum outro país seria tão belo e tão rico em arte como a Itália.

Chegaram a Roma no domingo pela manhã, a tempo de correrem até a Praça de São Pedro, no Vaticano, apinhada de gente esperando a aparição do Papa ao meio-dia. Ao ver o Papa surgir ao longe na janela, Valentina, rodeada por uma multidão fervorosa, sentiu um misto de reverência e humildade. A visão da figura papal – pequena, mas imponente contra a vastidão da basílica – a fez sussurrar para si mesma:

– Não importa quantas vezes se estude a fé, estar aqui





diante de uma figura tão inspiradora é um instante que jamais esquecerei.

Visitaram a Capela Sistina e voltaram para Roma. Fogg avisou que partiriam para Veneza no fim da tarde seguinte. Não explicou o porquê. Deu tempo apenas de conhecerem o Coliseu, o Pantheon iluminado e a Fontana di Trevi, onde Valentina jogou uma moeda sem revelar seus desejos. Palacios não jogou nenhuma, apontando para sua fitinha do Senhor do Bonfim e alegando que já tinha três desejos acumulados. Fogg riu da dupla.

Na noite enluarada da segunda-feira, Phileas Fogg V, com sua costureira precisão, conduziu seu veículo pela estrada que leva de Roma a Veneza. Ao chegar à Piazzale Roma, último ponto permitido aos carros antes de adentrar nos mistérios venezianos, Fogg deixou o SUV no grande estacionamento que ali se encontrava, sob a guarda de um atendente de uniforme impecável.

A pressa para chegar a Veneza tinha uma explicação. Fogg conduziu sua pequena comitiva até o vaporetto que, deslizante como uma serpente aquática, os levou lentamente pela escuridão dos canais e revelou uma Veneza em plena celebração do Carnaval. As fachadas dos palácios históricos, refletidas nas águas calmas, pareciam flutuar, como se estivessem dançando ao ritmo da música que ecoava entre as velas.

Ao desembarcarem na Praça de São Marcos, foram imediatamente envolvidos pela atmosfera vibrante de celebração. A praça, coração pulsante da cidade, estava cheia

de figuras misteriosas, seus rostos ocultos por máscaras trabalhadas, cada uma delas uma obra de arte em si. Acrobatas, músicos e artistas de rua se apresentavam em cada canto, seus espetáculos atraindo olhares fascinados de todos os lados. As melodias de violinos e flautas, saídas dos palácios adjacentes, criaram uma sinfonia inigualável. Veneza envolta em toda a sua glória carnavalesca era como um teatro vivo em algum momento que parou no tempo.

Mas o melhor estava reservado para o dia seguinte. O último dia do Carnaval veneziano, conhecido como Martedì Grasso – ou Terça-Feira Gorda –, o auge das celebrações. Viram o tão aguardado Volo dell’Aquila, com uma personalidade descendo do Campanário de São Marcos em uma tirolesa, representando uma águia. Outro momento inesquecível foi o concurso de fantasias, em que os participantes exibiram, também na Praça de São Marcos, seus elaborados trajes e máscaras, com a premiação das melhores fantasias. Por fim, o Carnaval foi encerrado com um grande espetáculo de fogos de artifício.

Emocionada pela experiência, Valentina confidenciou para Fogg:

– Se passarmos outro Carnaval aqui, Phileas, eu venho fantasiada de Colombina, e você me promete vir de Arlequim?

DE QUANDO

FOGG, PALACIOS E VALENTINA ATRAVESSAM A EUROPA ATÉ BERLIM.✪

CAPÍTULO XXXIII

Phileas Fogg V, sempre tão equilibrado, sentiu um inesperado descontrole interno. A frase sutil de Valentina durante o Carnaval de Veneza, sobre fantasias de Colombina e Arlequim, ecoava em sua mente. Ele, que costumava ser imperturbável, sentia agora o coração bater de maneira diferente.

– Será que ela sente algo por mim? – pensava Fogg, enquanto guiava seu SUV em direção à Suíça.

Em um impulso raro, logo no início do trajeto de Veneza

a Zurique, Fogg decidiu parar em Verona. A cidade de Romeu e Julieta. Era como se algo invisível o guiasse para o cenário de um dos amores mais famosos da história.

Quando estacionaram perto da Casa de Julieta, Fogg se via perturbado por emoções que nunca permitira florescer. A atmosfera de Verona, impregnada de romance e tragédia, parecia amplificar seus sentimentos. Caminhar pelos mesmos caminhos que, segundo a lenda, abrigaram os encontros apaixonados de Romeu e Julieta, despertou em Fogg uma consciência nova: a de que, talvez, ele estivesse prestes a enfrentar um desafio mais complexo que sua aposta – o de abrir o coração para algo além de seus planos meticulosamente calculados. Naquele momento, percebeu que não estava apenas em uma jornada ao redor do mundo, mas também em uma jornada para dentro de si mesmo. E Valentina, com sua presença constante, estava se tornando o centro dessa descoberta.



Quando finalmente resolveu voltar o foco à viagem, Valentina o desmontou com um comentário sutil:

– Depois de Pedro e Inês de Castro, o amor encontrou aqui uma tragédia mais doce.

Mas Fogg não queria mais se permitir um único segundo de desconcentração. Partiram de Verona, com rápida parada em Milão para o almoço.

Seguiram para Zurique pela A-2, rodovia que corta os Alpes e passa pelo famoso Túnel de Gotthard. A jornada prometia ser desafiadora. Foram contemplados pelo rigor do inverno europeu, e a neve caía lentamente. As estradas sinuosas, ladeadas por penhascos e cobertas por uma fina camada de gelo, exigiam toda a atenção e habilidade de Fogg na condução.

Ao entrarem no Túnel de Gotthard, um dos mais extensos do mundo, com seus 17 quilômetros, sentiram um breve alívio da pressão das montanhas. Essa magnífica obra de engenharia permitiu uma travessia mais segura em meio ao rigoroso clima de março. Ao emergirem do outro lado, a visão dos Alpes Suíços, com seus picos cobertos de neve, foi deslumbrante. Vales profundos abrigavam pequenas vilas com telhados também cobertos de neve. Palácios, sempre atento, não parava de fazer fotos.

Chegaram a Zurique ao anoitecer. A viagem acabava de passar dos 50 mil quilômetros, e Fogg agendou para a manhã seguinte uma revisão completa no carro, incluindo alinhamento e balanceamento dos pneus(*). Aproveitaram o dia

(*)Nota: pneus UltraContact da Continental.

para explorar a cidade. Fizeram um passeio de barco para conhecer as paisagens deslumbrantes à beira do Lago de Zurique. E não poderiam deixar a Suíça sem antes visitar um chocolatier local para provar os maravilhosos chocolates artesanais e ainda aprender sobre o processo de fabricação, criando uma doce e memorável experiência.

Fogg aproveitou a solidão da noite em seu quarto de hotel para refletir sobre a viagem. Metódico, pensava em números. Cinquenta mil quilômetros rodados. Trinta mil a cumprir. Cinco meses na estrada guiando em média 333 quilômetros diários. Noventa dias com Valentina a bordo. E 48 horas que ela falou sobre passar outro Carnaval em Veneza com ele. Definitivamente, ele precisava de uma pausa em seu ritmo alucinante. Decidiu que passariam ao menos uma semana em Paris para descansar e recuperar o fôlego para a reta final da viagem. Ideias ingênuas começaram a passar pela sua cabeça. Uma delas, ingênuas até demais: ligaria para Freitas, perguntaria se ele ainda estava na Europa e o convidaria a se juntar novamente ao grupo com todas as despesas pagas. Sua intenção era a mais pueril de todas: com Freitas junto, ele dividiria o quarteto em dois grupos. Teria tempo exclusivo para Valentina, e, em seu pensamento, Freitas e Palacios se entendiam muito bem, porque sempre os vira juntos conversando. Iria refletir sobre isso chegando a Paris. Mal sabia ele sobre o que Freitas e Palacios conversavam.

Paris, a cidade das luzes, apresentou-se ainda invernal, com o pôr do sol pouco antes das sete da noite. A ideia de ficarem uma semana na mais bela cidade do planeta agradou a todos. O que não agradou Palacios foi ver Freitas

novamente no almoço do primeiro dia parisiense, vindo direto da Espanha e recebido com honras de chefe de estado por Fogg. Um convidado especial para uma semana de explorações na cidade.

Freitas, ao sentir o olhar inquisidor de Palacios, deu de ombros, como se estivesse dizendo: “Eu não tenho nada a ver com isso, fui convidado!”.

A semana parisiense foi intensa. Fogg, entusiasmado com Valentina, foi além do trivial clássico da cidade, como Torre Eiffel, Museu do Louvre, Sacré Coeur, Montmartre, Notre-Dame, Arco do Triunfo e demais atrações turísticas. Fogg incluiu jantar romântico no Sena, visita a bairros boêmios como Belleville e até uma ida à famosa Pont des Arts. Durante muitos anos, casais de todo o mundo iam até lá para prender cadeados com seus nomes gravados e depois jogavam as chaves no Rio Sena, como um símbolo de seu amor eterno. Valentina se encantou com o romantismo e, pela primeira vez na viagem, fez uma selfie com Fogg. Sobre a Pont des Arts.

Paris mexeu com todos. Com o provável futuro casal, por motivos óbvios. Com Palacios, porque não tirou os olhos de Freitas e teve com ele algumas conversas esclarecedoras sobre o caráter de Fogg. E com Freitas, que se sentiu primeiramente em dúvida sobre se deveria ou não aceitar o convite e, depois, feliz pela oportunidade de ter conhecido ainda mais a generosidade de Phileas Fogg V. Cada vez mais, sua certeza sobre a culpa de Fogg vacilava. O que antes era uma missão de captura começava a se transformar em uma reflexão sobre suas próprias motivações.

Estaria ele realmente seguindo um criminoso ou apenas um homem com espírito aventureiro e coração puro? Freitas, pela primeira vez em muito tempo, começou a se sentir envergonhado por suas ações.

Já sem Freitas, seguiram de Paris para Amsterdã, a cidade dos canais e das casas estreitas com fachadas elegantes. Valentina, apaixonada pela natureza, encantou-se com os Jardins de Keukenhof, que começavam a mostrar suas primeiras flores de primavera. Palacios, sempre curioso, sugeriu uma visita ao Rijksmuseum, onde se impressionou com as obras de Rembrandt.

De Amsterdã seguiram para Berlim, parando para almoçar em Hanover. Mas a real intenção de Fogg em Hanover era ver de perto a fábrica da Continental Pneus. À beira do Mittellandkanal, erguia-se a moderna fortaleza de tijolos e concreto. O logotipo no alto, brilhando como um farol industrial, reforçava o compromisso humano com a precisão técnica. Entusiasmado com a imponente visão da fábrica, Fogg comentou:

— Aqui são feitos os pneus que me levarão à vitória nessa aposta. Sem eles, nossa jornada seria impossível.

Finalmente, chegaram a Berlim no fim da tarde, para descobrir que, aos domingos, nem os supermercados abrem na capital. Ficaram dois dias na cidade carregada de história e simbolismo. Visitaram a Ilha dos Museus, o Reichstag, com sua cúpula de vidro oferecendo vistas panorâmicas da cidade, e o Muro de Berlim, onde as cores vibrantes dos grafites contrastavam com o cinza do concreto. Enquanto



caminhavam pelas ruas que testemunharam tantas mudanças, Valentina lançou outra indireta:

– Phileas, que bom seria se o mundo nunca mais tivesse muros entre as pessoas.

Fogg, novamente, via-se envolto em pensamentos românticos – algo que não era do seu feitio.



DE QU

FOGG E SEU GRUPO CRUZAM A **EUROPA** ATÉ A RÚSSIA E DESCEM ATÉ **ISTAMBUL**

CAPÍTULO XXXIV



Após a intensa experiência em Berlim, Phileas Fogg V, Valentina e Palacios seguiram para o leste, rumo à Polônia. O clima entre os três estava cada vez mais descontraído, porém,

carregado de sutis mudanças. A cabine de um veículo revela sentimentos. Valentina, ao começar a viajar com a dupla, acomodava-se no banco de trás do SUV. Quando Palacios reapareceu, em San Francisco,





IA NTO

começou um jogo de gentilezas entre eles, que revezavam quem ia no banco do passageiro. Agora, com naturalidade, o lugar ao lado de Fogg era de Valentina, enquanto Palacios observava tudo em silêncio, respeitando a nova dinâmica.

Ao deixarem Berlim, o grupo seguiu para Gdansk, cidade histórica na Costa Báltica da Polônia marcada por ao menos duas curiosidades. Gdansk, que já foi chamada de Danzig, é a cidade natal de Daniel Gabriel Fahrenheit, o famoso cientista que dá nome à escala termométrica Fahrenheit. Gdansk também foi o palco do início da Segunda Guerra Mundial. O contraste entre a rica arquitetura gótica e as cicatrizes da guerra era evidente. Passeando pelas ruas de pedra, Fogg observou a famosa Rua Mariacka, conhecida por suas belas casas estreitas com varandas ornamentadas. Valentina se impressionou com o espírito resiliente da cidade, que se reergueu após tantos conflitos.



– É como se cada pedra aqui carregasse uma história de superação – comentou ela, lançando um olhar profundo para Fogg, que permaneceu em silêncio.

O dia 20 de março marcava o início da primavera no Hemisfério Norte. Saíram de Gdansk nessa manhã para enfrentar os quase 1.300 quilômetros até São Petersburgo. Fogg se informou que o caminho, em grande parte, estaria bem conservado, mas alguns trechos seriam estreitos, passando por áreas rurais. Havia também o risco de encontrar condições adversas nas estradas, como lama e poças formadas pelo degelo, além de trechos cobertos por finas camadas de gelo ou neve derretida. Para viajar com mais calma e segurança, pernoitaram na agradável Kaunas, segunda maior cidade da Lituânia, e, no dia seguinte, em Pskov, já na Rússia. Descobriram nessas paradas o incrível talento de Palacios para a mímica, porque ninguém nessas cidades entendia qualquer palavra ou idioma que arriscassem.

Na primeira semana da primavera, São Petersburgo emergia de seu longo e rigoroso inverno como uma cidade despertando de um profundo sono. As ruas de paralelepípedos, antes ocultas sob camadas de gelo, começavam a se revelar. O céu, ainda marcado por um tom cinza-azulado, aos poucos, cedia espaço para tímidos raios de sol que refletiam nas águas do Rio Neva e faziam brilhar as fachadas dos grandiosos palácios e igrejas. Pelos canais da cidade, fragmentos de gelo flutuavam lentamente, como memórias de um inverno que reluta em se despedir. E as pessoas, vestidas em tons escuros, caminhavam com um passo ligeiro, contrastando com a elegância da arquitetura barroca e neoclássica que domina a cidade.

Passaram o domingo no Hermitage, um dos maiores museus do mundo. Valentina, fascinada, ficou horas admirando obras de Leonardo da Vinci, Rembrandt e Picasso, enquanto Fogg, emocionado com tanta beleza, dedicava-se a entender o contexto histórico do local.

– O Hermitage não é só um museu. A grandiosidade, os salões, cada obra, tudo aqui retrata o poder dos czares e a busca por beleza e conhecimento – disse ele.

Deixaram São Petersburg rumo a Moscou, agregando memórias de uma beleza indescritível e uma riqueza cultural a seus cardápios: o delicioso strogonoff que saborearam nasceu na cidade, criado por um chef francês para a nobre família Stroganov, uma das mais influentes na Rússia Imperial.

Em Moscou, a imponência do Kremlin e da Praça Vermelha dominou o imaginário do grupo. Fogg, sempre preciso em seus planejamentos, organizou visitas que incluíram o Mausoléu de Lenin e a Catedral de São Basílio.

Em uma noite fria, enquanto passeavam pelas ruas iluminadas, Valentina e Fogg ficaram para trás, deixando Palacios um pouco adiante.

– Phileas, você já pensou em como esta viagem está nos mudando? – perguntou Valentina com um sorriso enigmático.

Fogg, sem palavras, apenas sorriu de volta, ciente de que algo novo estava nascendo entre os dois. Mas se esforçava para não levar nada adiante, seu foco era completar os 80 mil quilômetros.





Após três dias de estrada, com paradas estratégicas em Minsk, capital da Belarus, e Varsóvia, a mais cosmopolita das cidades polonesas, os 1.900 quilômetros entre Moscou e Praga foram superados.

Praga se apresentou com seu ar romântico e medieval, como se tivesse saído de um conto de fadas. Uma das mais belas cidades do mundo, com seu centro histórico listado pela Unesco como Patrimônio Cultural e Natural da Humanidade. Valentina ficou encantada com o charme das pontes e ruelas, especialmente a Ponte Carlos, onde músicos de rua tocavam melodias que ecoavam pela cidade.

– É como se o tempo tivesse parado aqui – comentou Valentina, enquanto Fogg observava a incrível arquitetura que resistiu intacta às guerras.

Para Palacios, o ponto alto foi o Castelo de Praga, uma das maiores fortalezas do mundo, com a magnífica construção gótica da Catedral de São Vito em seu interior.

Viena foi o próximo destino, e, na primeira manhã na cidade, Fogg levou o maior susto da viagem até o momento. Hospedados em um hotel ao lado do Quarteirão dos Museus, enquanto tomava o café da manhã sozinho com Valentina, Fogg foi interrompido por Palacios, que adentrou afoito o recinto.

– Senhor Fogg! Senhor Fogg! Roubaram os quatro pneus do SUV! – gritava o uruguaio.

Fogg levantou-se desesperado. Não era possível perder a aposta dessa forma justo em um dos lugares mais civilizados da Europa. Ao ver seu patrão pela primeira vez apavorado como uma criança que teve o pirulito arrancado da boca, Palacios abriu um sorriso e disse:

– Primeiro de abril!!!

Phileas Fogg V mudou instantaneamente de expressão. Ficou paralisado. Não sabia se expulsava Palacios dali ou seria com o atrevimento. Ao ver o olhar atônito de Valentina, explicou:

– Primeiro de abril no Brasil é o Dia da Mentira, e, nesse dia, existe o hábito de pregar peças bobas como essa...

– Engraçado, no Equador, o Dia da Mentira é 28 de dezembro – explicou rindo Valentina.

Fogg, refeito do susto, pediu para Palacios nunca mais fazer isso, e o convidou para tomar o café da manhã com os dois.

Viena impressionou pela grandiosidade de seus museus. Por Klimt e Egon Schiele. Por seus imponentes palácios. Pela Imperatriz Sissi. Pelo melhor schnitzel do mundo, que comeram a se fartar. E, acima de tudo, pela elegância da música clássica que parecia fluir em cada esquina. Fogg, com sua atenção aos detalhes, organizou uma noite na Ópera, onde assistiram a uma apresentação que tocou profundamente a todos.

– A música tem essa capacidade única de unir o que palavras não conseguem expressar – disse Valentina, enquanto Fogg, mais uma vez, viu-se lutando para esconder suas emoções.

Finalmente, o trio chegou a Istambul, onde o encontro entre o Oriente e o Ocidente se manifestou de forma exuberante. Atravessar o Bósforo, com suas águas movimentadas e a vista espetacular da cidade, foi um dos pontos altos. Valentina ficou maravilhada com o Mercado de Especiarias e o Grande Bazar, onde cores, aromas e sons formavam um caleidoscópio sensorial. Ao pôr do sol, o cântico das Mesquitas Rosa e Azul se fundiam em um diálogo religioso que ecoava pela cidade, trazendo um sentimento de reverência ao grupo. As gaivotas, os minaretes e a mistura de culturas criaram uma atmosfera mágica.

Em uma das últimas noites em Istambul, enquanto caminhavam pelo bairro de Sultanahmet, Valentina se aproximou ainda mais de Fogg e, em um momento de vulnerabilidade, segurou sua mão por um breve instante. Fogg não puxou a mão de volta. Ao contrário, sentiu que, por um segundo, o peso do mundo diminuiu. Palácios, observando a distância, sorriu, entendendo que, mesmo em meio a tanta diversidade cultural, a essência humana é o que une todos nós.



CATEDRAL DE SÃO BASÍLIO
 Собор Василия Блаженного
 Sobor VASILIIA BLAZHENNOGO
 MARAVILHOSA CATEDRAL ORTÓDOXA
 RUSSA NA PRAÇA VERMELHA.
 CONSTRUÍDA ENTRE 1555 E 1562
 SOB A ORDEM DE IVÃ IV DA RÚSSIA
 PARA COMEMORAR A CAPTURA
 DE KAZAN E ASTRACÃ

MESQUITA AZUL COMEGAM A CONVERSAR POR SISTEMA DE AUTO-

FALANTE

COM A MESQUITA ROSA. NO HORIZONTO DO POR DO SOL, ISSO É AINDA MAIS BONITO.

MESQUITA HAGIA SOPHIA
OU SANTA SOFIA. ENCOMENDADA
PELO IMPERADOR JUSTINIANO,
VIROU IGREJA EM 537.
CONVERTIDA EM MESQUITA
EM 1453.



MESQUITA AZUL, A MAIS
IMPORTANTE DE ISTAMBUL,
CONSTRUIDA ENTRE 1609 e 1616
PELO SULTÃO AHMED I.
SUA CARACTERÍSTICA MARCANTE
É TER SEIS MINARETES.



A MAGIA DE ISTAMBUL É O ENCONTRO DE DOIS CONTINENTES NO ESTREITO DE BÓSFORO. UMA CIDADE VIBRANTE E INESQUECÍVEL.



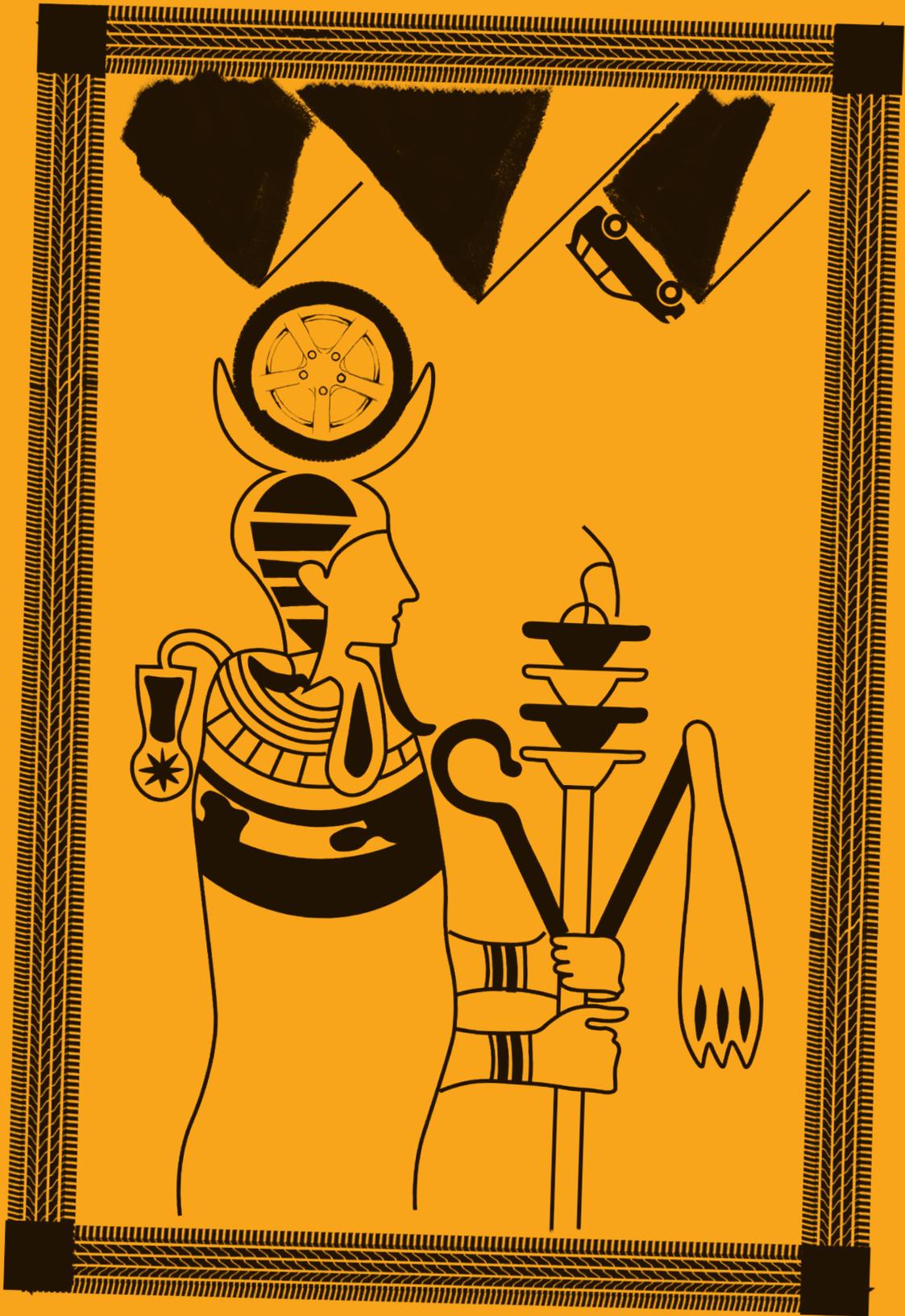
DE QUANDO

FOGG, PALACIOS E VALENTINA
ATRAVESSAM O MEDITERRÂNEO
ATÉ O EGITO, E FREITAS DESCOBRE
A VERDADE EM DUBAI.⊗

C A P Í T U L O X X X V



Partindo de Beyoğlu, no coração pulsante de Istambul, Fogg, Valentina e Palacios iniciaram sua jornada rumo a Ancara. O SUV mergulhou sob as águas do Bósforo no impressionante Túnel Eurasia, atravessando o estreito a 106 metros abaixo do nível do mar, onde a iluminação por LED guiava o caminho por quilômetros de engenharia submersa. Ao emergirem no lado asiático, viajaram por paisagens de campos agrícolas, colinas verdes e florestas da Anatólia. Ancara, com sua imponência moderna, os aguardava ao fim do caminho.



Sentiram o enorme contraste com Istambul. Se a antiga Constantinopla é uma metrópole vibrante e histórica, onde Oriente e Ocidente se entrelaçam em cada esquina com ecos dos Impérios Romano e Otomano, Ancara se ergue de forma mais sóbria, planejada e comedida. Sua arquitetura é austera, com largos bulevares e edifícios governamentais se destacando em meio a uma paisagem montanhosa. Exploraram seus mercados vibrantes, museus repletos de história e o Mausoléu de Atatürk, símbolo do nascimento da moderna Turquia.

Foi em Ancara que Fogg articulou o próximo desafio logístico. Seu plano inicial era chegar a Dubai por terra. Mas concluiu que seria um risco desnecessário, passando por regiões em conflito. A melhor alternativa seria dirigir até o Porto de Mersin, 510 quilômetros ao sul, e embarcar o carro em algum navio cargueiro até o Porto de Alexandria, no Egito. Com ajuda de contatos locais, descobriu que em três dias um navio de transporte de cargas sairia e poderia levar seu carro. Ele, Valentina e Palacios chegariam a Alexandria de avião, partindo do aeroporto de Adana.

Recuperaram o carro no Porto de Alexandria muito cedo no sábado, 12 de abril, e seguiram pelas retas indefiníveis da Rodovia do Deserto, até que sinais da civilização surgiram como miragens – palmeiras esparsas, vilarejos e o aumento gradual do fluxo de veículos. O calor do sol egípcio envolvia a atmosfera com uma tonalidade dourada, tornando o ar quase palpável. Aos poucos, o deserto cedia seu domínio ao caos organizado das ruas do Cairo, a maior cidade do Egito. Minaretes pontuavam o céu, e o Rio Nilo,

passeando por entre os prédios, parecia acalmar o ritmo frenético da cidade.

De repente, em meio ao labirinto urbano, surgiram a distância, como seres que desafiam o tempo, as formas monumentais das Pirâmides de Gizé. Erguendo-se em meio ao panorama da cidade, as gigantescas estruturas emergiam com uma grandiosidade que nenhuma descrição poderia capturar plenamente.

– Eis as eternas sentinelas do deserto – murmurou Fogg, impressionado, enquanto dirigia em direção ao platô de Gizé. – As provas de que o tempo não foi capaz de apagar a grandeza de uma civilização.

– Têm dimensões amazônicas, senhor Fogg! – exclamou Palacios, enquanto Valentina observava boquiaberta a magnitude da cena.

Aproximando-se das pirâmides, o asfalto deu lugar à poeira e ao cascalho, e a sensação de estar cruzando a linha entre dois mundos – o contemporâneo e o ancestral – se intensificava.

A visão das pirâmides, ao cair da noite, com as estrelas começando a surgir sobre o deserto, confirmava que eles estavam prestes a experimentar algo verdadeiramente único, em que o presente se mesclava com o passado em uma simbiose perfeita.

O domingo foi reservado ao Grande Museu Egípcio, o maior museu arqueológico do mundo dedicado a uma

única civilização. O trio se maravilhou com a estátua de Ramsés II, a coleção completa dos artefatos de Tutancâmon e a vasta coleção de colossais estátuas, sarcófagos, esfinges e outros monumentos icônicos.

Com quase 60 mil quilômetros rodados desde o início da aventura, Fogg fez nova revisão no SUV. Trocou óleo, filtros e cuidou dos pneus(*) com alinhamento, balanceamento e calibragem. Uma pessoa metódica como Fogg sabia da importância da manutenção do veículo e dos pneus como algo fundamental para atingir seu maior objetivo: ganhar a aposta.

A viagem seguiu com o enorme desafio de transpor os 2.130 quilômetros até Riad. Cruzaram o Canal de Suez pelo Túnel Ahmed Hamdy, em direção ao vasto deserto da Península do Sinai. Dormiram em Nuweibaa. O dia seguinte começou com a travessia do Mar Vermelho por ferry, após um longo processo de saída do Egito. A paisagem se transformou em um imenso deserto dourado até finalmente alcançarem Riad, a capital saudita, após uma rota que combinou desolação, vastidão e história, com paradas estratégicas em Tabuk e Taima para descanso e reabastecimento.

Em Riad, Phileas Fogg V, Valentina e Palacios viveram o contraste entre a tradição e a modernidade. Entre os arranha-céus futuristas que compunham a nova silhueta do local e a essência cultural da cidade. Exploraram no souq o colorido das especiarias e dos tecidos, enquanto o chamado à oração ressoava pelas ruas. Quando a tarde avançou, Fogg os levou para saborear a especialidade culinária do país, o kabsa: um arroz perfumado com especiarias, servido com cordeiro suculento.

(*)Nota: pneus UltraContact da Continental.

Mais um dia de estrada e chegaram a Dubai, a cidade onde o impossível se tornou possível. Os arranha-céus espelhados contrastavam com o deserto infinito, e a ostentação parecia estar em cada detalhe. Visitaram o Burj Khalifa, a torre mais alta do mundo, e o imenso Dubai Mall, onde o luxo estava presente em cada vitrine. Mas não só o luxo: Freitas também. De forma inesperada, Freitas surgiu e abordou o trio sem nenhuma festividade.

Com expressão séria e determinada, Freitas pediu para conversar em particular com Fogg, ainda surpreso com aquela aparição totalmente fora dos planos.

– Caro Fogg, preciso explicar o motivo de nossos encontros constantes – começou Freitas, escolhendo as palavras com cuidado. – Eu estava seguindo pistas sobre um suposto chefe do contrabando, e suas viagens coincidiram com as rotas desse indivíduo. Agora, com informações novas, fui avisado de que esse contrabandista está em Dubai. Sua presença aqui é uma coincidência muito grande.

Fogg, sem acreditar no que ouvia, mas mantendo sua postura firme, respondeu com calma, apesar de claramente incomodado e se sentindo traído por uma pessoa que andou tantos quilômetros ao seu lado.

– Senhor Alfredo Freitas, suas insinuações são infundadas. Estou em uma viagem legítima e minha rota não tem qualquer relação com atividades criminosas. É lamentável suas suspeitas me envolverem em qualquer tipo de investigação.



Palacios, ao ver a reação de seu patrão, queria avançar sobre Freitas. Foi impedido por Valentina. A noite terminou triste, como se os três se conformassem com um silêncio consentido.

No dia seguinte, Freitas recebeu uma ligação com informações decisivas. O verdadeiro contrabandista havia sido capturado em Dubai e não tinha qualquer ligação com Fogg. Envergonhado, buscou novamente Phileas Fogg V para uma última conversa.

— Senhor Fogg, peço desculpas sinceras. Recebi confirmação de que o verdadeiro criminoso foi capturado aqui em Dubai. Enganei-me completamente. Espero que possa aceitar minhas desculpas — disse Freitas, com o olhar baixo, carregado de arrependimento.

Phileas Fogg, com a calma e cortesia que lhe eram características, respondeu:

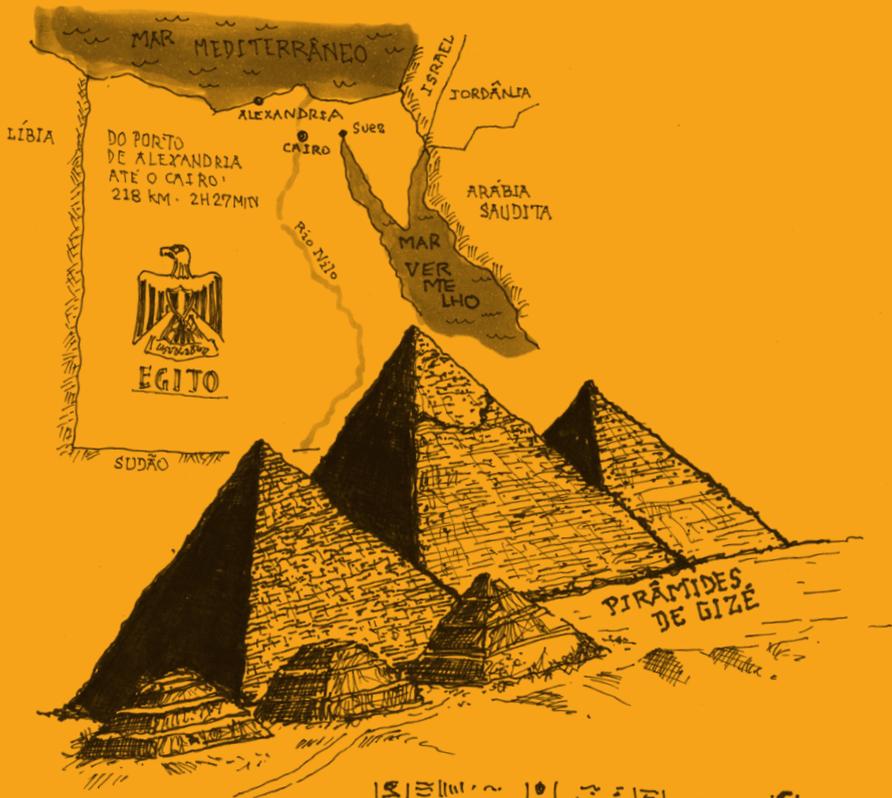
— Senhor Freitas, embora suas ações tenham causado muitos transtornos, aceito suas desculpas. Na próxima vez, sugiro que siga pistas mais concretas. Não guardo rancor, mas vou guardar uma surpresa para você no fim de meus 80 mil quilômetros como prova de que tudo isso foi um mal-entendido.

Nesse momento, Palacios, que estava observando a conversa a distância, aproximou-se de Freitas e, com um sorriso de vitória no rosto, comentou:

– Eu te disse desde o começo que ele era inocente!

Com a situação resolvida, Fogg passou a se concentrar na próxima etapa da viagem: levar o SUV até a Índia. Após intensas pesquisas, descobriu que a maneira mais viável seria transportar o carro por avião de Dubai para Mumbai. Em Dubai, há serviços especializados para esse tipo de transporte, e Fogg se dedicou a resolver toda a logística, inclusive buscando garantias de que o veículo chegaria em segurança e no prazo estipulado.

No dia seguinte, no Aeroporto Internacional de Dubai, Fogg, Palacios e Valentina acompanharam a complexa operação de carregar o SUV em um enorme avião cargueiro. Enquanto o trio se preparava para o voo que os levaria a Mumbai, Phileas Fogg sentiu que, apesar dos imprevistos e reviravoltas, estava mais perto de completar sua jornada. E também mais perto de descobrir que os maiores desafios não estavam nas estradas, mas nos sentimentos que ele insistia em esconder.



VISITA
AO GRANDE
MUSEU
EGÍPCIO,
MAIOR MUSEU
DO MUNDO
DEDICADO
A UMA
LÍNICA
CIVILIZAÇÃO,
COM UMA
COLEÇÃO
DE MAIS
DE 100.000
ANTIGUIDADES

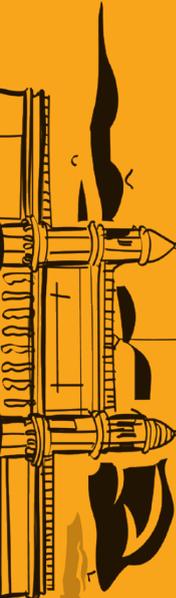




Quando

FOGG CHEGA À ÍNDIA COM SEU GRUPO E ENFRENTA UM GRANDE DESAFIO NAS ESTRADAS. ✪

CAPÍTULO XXXVI



Após um voo tranquilo de três horas, Fogg, Valentina e Palacios desembarcaram no caótico e vibrante aeroporto de Mumbai. A liberação aduaneira do SUV, que chegara um pouco antes no avião cargueiro, revelou-se mais complexa do

que o previsto e levaria ao menos três dias. A burocracia indiana, famosa por seus processos demorados, exigiu paciência e habilidades diplomáticas que Palacios, com sua impetuosidade, teve dificuldade em aceitar. O processo envolveria o desembaraço

alfandegário, a inspeção de segurança e o pagamento das taxas necessárias. Além disso, como a Índia segue a mão inglesa, a maioria dos veículos tem o volante à direita, e foi necessário conseguir uma permissão especial para o SUV de Fogg.

Mas Fogg estava sereno como sempre. Mumbai oferecia uma combinação única de história, modernidade e cultura culinária para explorar em três dias. O nome oficial da cidade era Bombaim, mas foi alterado em 1995 em homenagem à deusa Mumbadevi, divindade local venerada pelos habitantes da região. A mudança refletiu um resgate da identidade cultural da cidade após a independência da Índia. Além de descobrir essa curiosidade, conheceram a estupenda arquitetura da Estação Chhatrapati Shivaji, exploraram o grandioso Portal da Índia e admiraram o luxo do Taj Mahal Palace Hotel – que, em novembro de 2008, sofreu um atentado terrorista que culminou com a morte de mais de 150 pessoas. E não poderiam deixar a cidade sem provar o picante vada pav e o icônico pav bhaji, uma mistura de vegetais temperados com pão amanteigado.

Quando finalmente o veículo foi liberado, Fogg, com sua habitual precisão, começou a se adaptar à mão inglesa das ruas e estradas indianas.

– Está no sangue! – disse Fogg, confiante, enquanto manobrava com agilidade pelas vias movimentadas de Mumbai, onde o trânsito caótico se transforma na dança desordenada de tuc tucs, motocicletas, vacas e pedestres por todos os lados, criando uma sinfonia de buzinas e movimento.



A primeira etapa da jornada pela Índia os levou até Goa, um antigo enclave português. Ao chegarem a Panaji, a capital de Goa, o trio foi transportado para uma atmosfera diferente: ruas estreitas com placas em português, casas coloridas com telhados vermelhos e belas igrejas coloniais, como a Nossa Senhora da Imaculada Conceição, com suas escadas em zigue-zague, e a Basílica do Bom Jesus, que abriga os restos mortais de São Francisco Xavier. Exploraram a culinária indo-portuguesa, e, dessa vez, Palacios não foi muito feliz – acabou indo mais cedo para o quarto por causa de um inesperado desarranjo intestinal.

Um dia depois, seguiram em direção a Kochi, no estado de Kerala – conhecido por País de Deus –, quase 800 quilômetros ao sul pela National Highway 66. Essa rota fascinante os levou pela Costa Oeste da Índia, passando por paisagens deslumbrantes que variaram de cidades litorâneas a florestas densas e vastas plantações de coqueiros. Udupi, conhecida por seus templos antigos, especialmente o Templo Krishna, foi a parada ideal para a primeira noite. Quatrocentos quilômetros depois, chegaram à segunda parada, Kannur, onde visitaram seu forte histórico.

Na manhã seguinte, chegaram a Kochi, também conhecida por Cochim, uma cidade que respira história, marcada pela influência dos portugueses, holandeses e britânicos. Foram recebidos por um ambiente festivo, diferente do habitual. Alheios ao calendário, demorou um pouco até descobrirem que era 1º de maio, o Dia do Trabalho, conhecido localmente como May Day. Nas ruas, viram desfiles e manifestações com bandeiras vermelhas, símbolos de movimentos sindicais e faixas de organizações trabalhistas.

Fogg, sempre atento aos detalhes, notou como as celebrações pareciam tanto homenagem quanto mobilização política, refletindo a essência combativa de Kerala, onde o movimento trabalhista tem forte presença. Passearam pelas ruas decoradas e observaram apresentações culturais, onde grupos dançavam e tocavam músicas tradicionais.

Permaneceram na cidade mais um dia. Exploraram as históricas redes de pesca chinesas que adornam a costa, um símbolo único do local. Caminharam pelo bairro de Fort Kochi, onde ruas ladeadas por casas coloniais e cafés charmosos evocaram uma sensação de nostalgia. Por fim, experimentaram a autêntica culinária de Kerala, famosa por seus pratos de frutos do mar, como o peixe ao curry, servido com arroz e temperos locais, e o tradicional appam com estufado.

Prosseguiram para Bangalore, a capital tecnológica da Índia, onde a modernidade encontra a tradição em uma vibrante mistura. As ruas arborizadas e os parques da cidade foram um alívio após o calor úmido de Kerala.

Phileas Fogg, Valentina e Palacios encontravam-se a caminho do estupendo Palácio de Bangalore – réplica do Palácio de Windsor – quando, em meio ao tráfego caótico da cidade, um grupo de policiais sinalizou para que parassem. Com o SUV estacionado ao lado da movimentada avenida, um oficial, com expressão severa e gestos precisos, aproximou-se e pediu os documentos do veículo. O olhar atento do oficial logo se fixou no volante à esquerda – algo incomum em um país onde a mão inglesa dita as regras.



– Este carro tem volante à esquerda. Precisamos verificar a documentação especial que autoriza sua circulação por aqui – disse o policial em um tom que misturava desconfiança e autoridade.

Fogg, com sua habitual calma e precisão, entregou os documentos exigidos. Sabia que tudo estava em ordem, mas conhecia a fama da burocracia local. O oficial analisou cada detalhe com extrema cautela, consultando colegas e, em certo momento, até chamando um superior.

– Isso vai demorar... E já pensou ele ser proibido de seguir?
– murmurou Palacios, impaciente.

O superior finalmente chegou, revisou os papéis com atenção e, após uma breve discussão com o primeiro oficial, dirigiu-se a Fogg com uma expressão mais cordial.

– Tudo certo, senhor. Está autorizado a seguir. Mas recomendo atenção redobrada, especialmente em áreas mais remotas onde esse tipo de veículo não é comum – aconselhou o oficial, devolvendo os documentos.

Com um leve aceno de cabeça e um agradecimento formal, Fogg retomou a direção do SUV, aliviado por ver a avenida aberta novamente diante deles. Valentina, percebendo que o contratempo não abalou em nada o ânimo de Fogg, comentou:

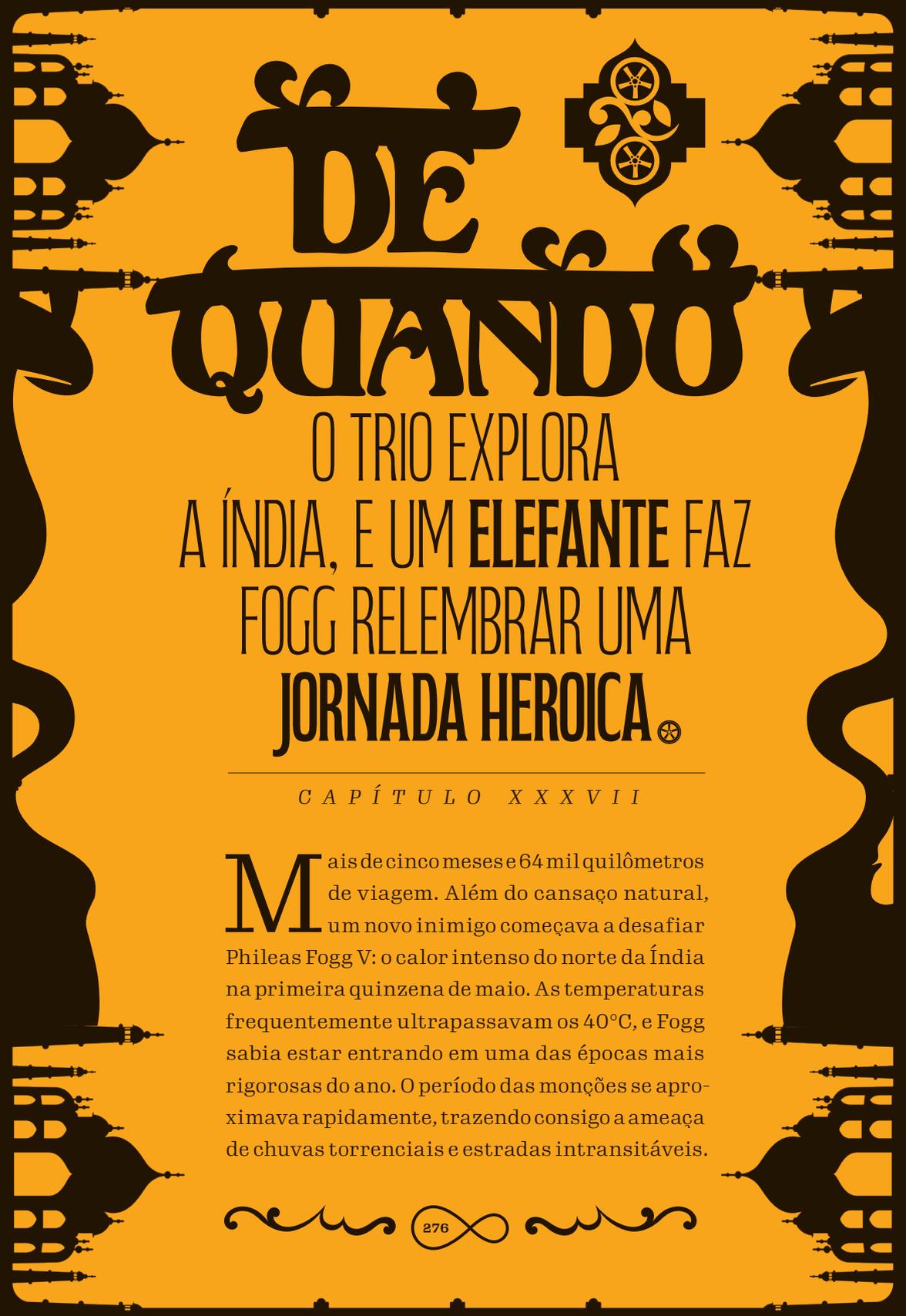
– Nada parece te abalar, Phileas. Sempre preparado para qualquer obstáculo!

Fogg, com um leve sorriso, respondeu:

– A viagem é longa, Valentina. Obstáculos fazem parte da aventura, e cada um que a gente vence nos aproxima do final.

Fogg retomou a direção do SUV com sua habitual calma. Mas, por dentro, havia uma turbulência. Valentina, em seu comentário desprezioso, mal sabia o quanto suas palavras o tocavam. Ela o via como um pilar inabalável, sempre preparado, sempre no controle. No entanto, a verdade que ele passou a esconder era bem diferente. A cada interação com Valentina, a cada sorriso ou palavra dela, Phileas Fogg V sentia uma leve rachadura na armadura que cuidadosamente construiu ao longo da vida. Aquela frieza calculada que tanto cultivara começava a ceder, e ele se via constantemente vulnerável diante da presença dela. O que ela interpretava como segurança absoluta era, na realidade, uma fachada, uma defesa para não revelar o quanto ele se abalava.





DE QUANDO

O TRIO EXPLORA
A ÍNDIA, E UM **ELEFANTE** FAZ
FOGG RELEMBRAR UMA
JORNADA HEROICA ☉

C A P Í T U L O X X X V I I

Mais de cinco meses e 64 mil quilômetros de viagem. Além do cansaço natural, um novo inimigo começava a desafiar Phileas Fogg V: o calor intenso do norte da Índia na primeira quinzena de maio. As temperaturas frequentemente ultrapassavam os 40°C, e Fogg sabia estar entrando em uma das épocas mais rigorosas do ano. O período das monções se aproximava rapidamente, trazendo consigo a ameaça de chuvas torrenciais e estradas intransitáveis.



Consciente da urgência, simplesmente acelerou. Precisava cobrir os quilômetros restantes para vencer a aposta antes que as monções complicassem o caminho.

Os quase 1.500 quilômetros entre Bangalore e Ahmedabad revelaram-se desafiadores. Com vários trechos precários na estrada, uma viagem que normalmente poderia ser completada em dois dias, levou três.

Em Ahmedabad, conhecida como a Manchester da Índia por seu passado têxtil, visitaram o icônico Sabar-mati Ashram, antigo lar de Mahatma Gandhi e berço do movimento de independência indiano. O charme da cidade também se manifestou na Mesquita Sidi Saiyyed, construída em 1573, com seus famosos jalis esculpidos – padrões em pedra que mais parecem delicados bordados.

Mais um dia na estrada sob o sol escaldante e chegaram a Jaipur, a Cidade Rosa do Rajastão. A visita obrigatória foi seu impressionante cartão-postal, o Palácio dos Ventos, conhecido como Hawa Mahal. Sua fachada, feita de arenito rosa e vermelho, assemelha-se a uma coroa celestial, adornada com janelas em forma de favo de mel que se estendem por cinco andares. Seus 953 pequenos nichos ornamentados com delicadas treliças de pedra permitiam que as damas da corte observassem a vida cotidiana sem serem vistas.

Deu tempo de conhecer também o Forte Amber, majestosa fortaleza nas colinas de Jaipur, testemunho imponente da grandeza dos antigos rajás do Rajastão.

O acesso ao forte se dá por uma trilha sinuosa. Durante a subida, Phileas, Valentina e Palacios puderam observar a presença de vários elefantes decorados com adornos coloridos e típicos da região. Portões maciços, jardins geométricos, vastos pátios internos, cada um desses detalhes arquitetônicos do forte revelava uma faceta da história, como se o trio fosse conduzido à corte dos marajás, cercada por lendas e memórias de um passado glorioso.

Ao admirar os imponentes elefantes, Fogg foi tomado por um momento de nostalgia ao lembrar-se de uma história familiar que atravessou gerações. Contou como seu tataravô – o primeiro Phileas Fogg – resgatou de forma heroica sua futura esposa, Aouda, uma jovem viúva que seria sacrificada junto ao corpo do falecido marido em um ritual sati, no ano de 1872. O ousado plano envolveu uma fuga desesperada pelas selvas, cavalgando a toda velocidade em um elefante emprestado.

Valentina, admirada ao ouvir a história, refletiu consigo mesma: "A bravura do tataravô está no DNA desse homem que admiro cada vez mais".

Dia após dia, novas cidades entravam no cardápio da viagem, queimando os quilômetros que faltavam para Fogg completar a aposta. O próximo destino foi Nova Delhi. Planejada pelos britânicos, a capital do país tinha avenidas largas cercadas de árvores que ofereciam um pouco de sombra a quem se aventurasse a explorar a cidade sob 40°C.





چهل

40^c

Conheceram o icônico Portão da Índia, um imponente arco de pedra erguido em homenagem aos soldados indianos que perderam suas vidas durante a Primeira Guerra Mundial. À tarde, dirigiram-se ao complexo de Humayun's Tomb, uma das inspirações para o Taj Mahal, e encerraram o dia visitando o Qutub Minar, o minarete de tijolos mais alto do mundo.

A terça-feira, 13 de maio, marcou uma rápida passagem por Rishikesh, capital mundial do ioga e porta de entrada para o Himalaia. Nos degraus às margens do Rio Ganges, assistiram a um ritual de adoração ao rio considerado sagrado. Jovens estudantes e sacerdotes em vestes simples realizaram uma sequência devocional com lâmpadas de fogo, acompanhada por cânticos, sinos e música.

Mas o ponto alto da viagem pela Índia seria atingido dois dias depois, em Agra: o Taj Mahal, o mais conhecido dos monumentos do país. Uma das Sete Maravilhas do Mundo Moderno. Chegaram pela manhã, antes dos demais turistas. Ao cruzarem o portão de entrada, a sensação foi de puro deslumbramento. O Taj Mahal, com sua cúpula de mármore branco brilhando sob a luz suave do amanhecer, parecia flutuar como uma miragem, com uma elegância que transcende o tempo e as palavras. O equilíbrio perfeito das proporções, o reflexo sereno nos espelhos d'água e a harmonia das linhas arquitetônicas criavam um cenário de rara beleza. Naquele instante, diante da grandiosidade silenciosa do monumento, era impossível não sentir que o amor e a devoção que ergueram o Taj Mahal haviam se transformado em uma presença viva, tocando profundamente todos que se aproximavam.

De Agra, pararam para almoçar em Lucknow, conhecida por sua arquitetura indo-islâmica e rica herança cultural, e chegaram a Varanasi, a cidade mais sagrada da Índia, onde testemunharam o auge do fervor religioso.

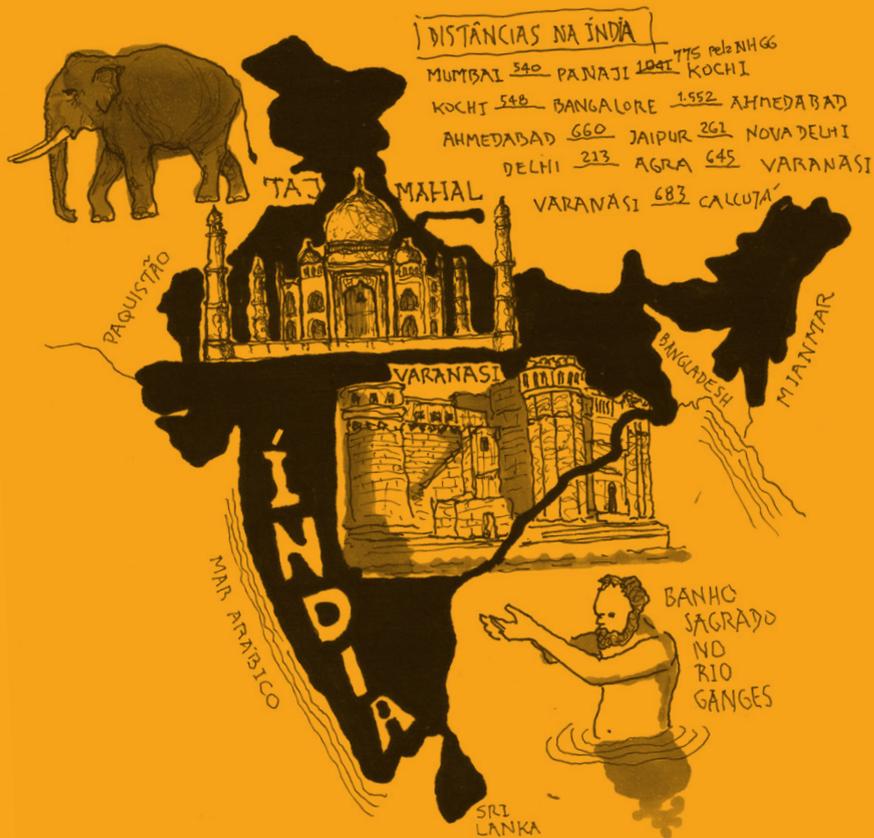
No primeiro clarão do dia, Fogg, Valentina e Palacios viram as margens do Ganges ganharem um ar quase místico. Os devotos se reuniram para mergulhar nas águas sagradas, acreditando que o banho no Ganges, ao nascer do sol, purifica a alma e liberta de pecados. Entoaram mantras e orações, enquanto acendiam incensos e ofertavam flores ao rio.

No entanto, foi ao cair da noite que o trio presenciou uma das cerimônias mais emblemáticas e espirituais do mundo: o Ganga Aarti. Às margens dos ghats, sacerdotes se reuniram em um ritual cuidadosamente coreografado, erguendo lâmpadas flamejantes em sincronia enquanto entoavam cânticos. O contraste entre o amanhecer sereno e o fervor noturno destacava a dualidade de Varanasi: uma cidade onde o sagrado e o cotidiano coexistem, em ciclos incessantes de devoção, esperança e espiritualidade.

Com tanta fé envolvida, Fogg apenas pediu que a sequência da viagem fosse tranquila. Mas não foi suficiente. Os quase 700 quilômetros de Varanasi a Calcutá foram uma mistura caótica de veículos de todos os tipos: caminhões de carga pesados, carros antigos, motocicletas, riquixás e até bicicletas compartilhando o mesmo espaço em um fluxo lento e quase interminável. Caminhões decorados com cores vivas e carregados até o limite criavam engarrafamentos

ao forçarem lentas ultrapassagens. Vilarejos pelo caminho complicavam o tráfego com cruzamentos movimentados, vendedores ambulantes e pedestres. Vacas e outros animais circulavam livremente, obrigando os motoristas a constantes paradas. E a deterioração do asfalto, buracos, trechos sem acostamento e áreas onde a estrada se estreitava drasticamente aumentaram ainda mais o tempo de deslocamento. Dormiram em Dhanbad – a capital do carvão da Índia – e só chegaram a Calcutá ao anoitecer do domingo, 18 de maio.

Tiraram um dia de folga e visitaram o Templo de Kali, dedicado à deusa sombria da destruição e renovação, e os Jardins Botânicos, lar da grande figueira-de-bengala, cuja vasta extensão parecia um bosque de árvores individuais. Após três semanas de viagens pelas caóticas estradas indianas sob um calor escaldante, a sombra das árvores e a calma dos jardins era tudo que o trio precisava.



DE QUANDO

FOGG, PALACIOS E VALENTINA EXPLORAM O SUDESTE ASIÁTICO.✪

CAPÍTULO XXXVIII

Phileas Fogg V sentiu um alívio crescente ao percorrer os últimos trechos da Índia. Havia acelerado o ritmo para escapar das temidas monções, que normalmente começam a castigar o subcontinente no início de junho. Conseguiu. A chegada ao país no fim de abril garantiu uma

janela sem chuvas intensas, permitindo que ele completasse a etapa do norte do país antes da natureza se tornar um desafio. Agora, Fogg estava mais tranquilo, sabendo que os próximos destinos no Sudeste e Leste Asiático enfrentariam o período de chuvas mais pesadas apenas a partir de julho.



E, se seus cálculos estivessem corretos, em julho já estaria em solo brasileiro, desfrutando de um merecido descanso – quem sabe ao volante de um novo conversível, o prêmio simbólico de sua vitória.

Deixaram Calcutá no dia 20 de maio, movidos pela determinação de concluir os 80 mil quilômetros. A rota planejada os levaria pelo Sudeste Asiático, começando com uma semana exaustiva de mais de 70 horas na estrada. Fogg sabia que cada minuto contava contra o cansaço. Por isso, as paradas seriam rápidas e estratégicas – apenas para se alimentar e dormir – até alcançarem Bangkok, na Tailândia, onde finalmente poderiam descansar por dois dias.

A primeira parte da jornada os levou até Kishanganj, onde a paisagem urbana começava a dar lugar a regiões mais remotas. Seguiram para Guwahati e, no dia seguinte, para Imphal, ainda na Índia, enfrentando trechos mais sinuosos e de difícil acesso. Cruzaram a fronteira com Mianmar, antiga Birmânia, e dormiram em Mandalay, segunda maior cidade do país, onde o contraste entre templos históricos e a modernidade crescente era evidente.

Phileas Fogg V aproveitou o fato de Mandalay ser mais estruturada para fazer a última revisão do carro. Setenta e um mil quilômetros por estradas de todos os tipos já haviam sido rodados, mas o carro e os pneus(*) resistiam bravamente.

– Esses pneus estão fazendo a diferença em nossa viagem. Realmente, são mais resistentes e ultraduráveis do que qualquer outro. Vamos ganhar a aposta por causa deles – disse Fogg para Palacios. Palacios se sentiu feliz pelo "vamos". Sentiu-se

(*)Nota: pneus UltraContact da Continental.

parte colaborativa da jornada.

Com o carro revisado e os pneus calibrados, alinhados e balanceados, seguiram em direção a Namsang, passando por estradas rurais e pequenas vilas no coração de Mianmar. Ao cruzarem a fronteira com a Tailândia, chegaram à vibrante Chiang Mai, conhecida por seus templos e natureza exuberante. Finalmente, o último trecho os levou a Bangkok, que apresentou seu cartão de visitas: um trânsito caótico com tuc tucs, motos e carros disputando cada centímetro das ruas movimentadas. Mas finalmente teriam um breve descanso após dias intensos de estrada.

Já no jantar, enquanto Fogg se concentrava na logística da viagem, Valentina observava, com crescente admiração, a determinação e a disciplina que ele demonstrava em cada detalhe. Mas havia um dilema em sua mente: será que seu Phileas, sempre tão metódico e calculista, era capaz de se apaixonar? Ela própria já não conseguia negar seus sentimentos por ele, mas o enigma permanecia. A aparente indiferença de Fogg a perturbava. Não percebia o quanto ela estava envolvida? Ou será que escondia seus próprios sentimentos atrás daquela fachada impenetrável? Valentina teria, em Bangkok, mais uma oportunidade para descobrir.

No primeiro dia, exploraram o Grande Palácio, um dos marcos mais emblemáticos da cidade, com sua arquitetura dourada e ornamentada. Caminharam até o Wat Pho, o Templo do Buda Reclinado, famoso por sua enorme estátua coberta de folhas de ouro. E seguiram ao Wat Arun, também conhecido por Templo do Amanhecer, magnífica obra do século XIX em estilo Khmer, ornamentada com porcelana e flores.



O curioso Palacios foi o protagonista da peripécia do dia. Na Khaosan Road, havia algumas barraquinhas de insetos comestíveis. Grilos, aranhas, larvas, escorpiões etc. Os tailandeses não comem, é apenas um chamariz para pegar turistas. Mas Palacios devorou um salgado e crocante gafanhoto. O generoso Fogg compensou a experiência com um belo jantar, onde provaram pad thai, o clássico macarrão de arroz frito, som tam, uma salada de mamão verde, e tom yum goong, uma sopa picante de camarão, acompanhados pelos aromas ricos e equilibrados de capim-limão, pimenta e leite de coco.

O segundo dia em Bangkok começou muito cedo para o trio, com um tour por dois mercados tradicionais que capturam a essência do cotidiano tailandês. Primeiro, visitaram o Mercado Flutuante de Damnoen Saduak. Observaram a profusão de cores, aromas e sabores enquanto barcos carregados de frutas, especiarias e souvenirs navegavam pelos canais. De lá, seguiram para o Mercado do Trem de Maeklong, um dos mais inusitados do mundo, onde os trilhos do trem atravessam as bancas. Assistiram com fascínio quando, ao sinal do apito do trem, os vendedores rapidamente recolheram suas mercadorias para deixar o trem passar. Assim que o trem se afastou, o mercado voltou à sua agitação normal, como se nada tivesse acontecido. À noite, com temperatura próxima aos 30°C, aproveitaram ainda mais a cidade, que ganhava ainda mais vida sob as luzes noturnas. E Valentina se perguntava: “Será que a presença de Palacios, sempre com a gente, inibe Phileas de tomar alguma iniciativa?”.

Para ela, a maior incerteza não era se conseguiriam completar a viagem. Era se Phileas perceberia ou corresponderia aos sentimentos que ela, cada vez mais, lutava para esconder.



DE COTO

PHILEAS FOGG V ENFRENTA OS ÚLTIMOS DESAFIOS NA CHINA.⊛

C A P Í T U L O X X X I X

Phileas Fogg V encarou os dois dias em Bangkok como o último fôlego de descanso antes de mergulhar na etapa final de sua longa jornada rumo à China.

À frente, estendiam-se quase 2.600 quilômetros até Chongqing, um percurso exigente que passaria por paisagens tão diversas quanto desafiadoras. Fogg sabia que a precisão era sua aliada mais fiel. Com isso em mente, planejou cinco dias de estrada atravessando Tailândia, Laos e Vietnã, até alcançar as modernas rodovias chinesas. Partiram de Bangkok em direção a Savannakhet, no Laos, onde pernoitaram antes de

seguir para Hà Tĩnh, no Vietnã. Seguiram até Hanói, para um breve descanso e alguma contemplação das ruas históricas da cidade, antes de cruzarem para a China. Já em território chinês, dormiram em Baise. Finalmente, alcançaram Chongqing exatamente conforme os cálculos de Fogg, com cada quilômetro percorrido refletindo a precisão de seu plano. Metódico e detalhista como sempre, Fogg já havia conseguido os três vistos de entrada para o país meses antes, ainda quando estavam em terras americanas.

Situada no sudoeste do país, Chongqing é uma das maiores e mais densamente povoadas cidades da China, com um papel central como hub econômico, industrial e logístico. Um dos principais motores industriais da nação, especialmente nos setores automotivo, químico e de manufatura. É uma das maiores expressões da modernização chinesa: um horizonte de arranha-céus à beira do Rio Yangtzé, infraestrutura de transporte de alta tecnologia e centros urbanos de vanguarda.

Fogg, Valentina e Palacios ficaram encantados com o contraste entre tradição e modernidade, explorando mercados antigos e apreciando o famoso hot pot local, prato icônico: uma panela compartilhada de caldo picante e fervente, repleto de pimentas e especiarias, em que os comensais mergulham diferentes ingredientes, como carne, vegetais e tofu.

A próxima etapa, extremamente esperada pelo trio, seria conhecer Hong Kong. Partiram de Chongqing, dormiram em Guilin e chegaram a Shenzhen, a cidade chinesa no continente mais próxima de Hong Kong.



Logo pela manhã, estavam na estação de Futian, em Shenzhen.

– Com essa arquitetura ultramoderna, parece mais um portal para o futuro do que um terminal ferroviário, senhor Fogg! – observou Palacios.

Optaram pela elegância e velocidade do moderno trem-bala, uma façanha da engenharia que liga as duas cidades em meros 14 minutos. Ao chegarem à estação subterrânea de West Kowloon, foram recebidos pela atmosfera de Hong Kong. Ali, Oriente e Ocidente dançam uma valsa em meio a arranha-céus, enquanto murmúrios em cantonês e inglês ecoam por ruas lotadas. Foi uma satisfação quase libertadora perceber que o inglês fluía novamente como corrente cristalina, sem a necessidade das mímicas de Palacios.

Com seus letreiros luminosos, avenidas movimentadas e mercados caóticos, Hong Kong apresentou essa colisão de mundos: uma cidade chinesa com a alma dividida entre a herança britânica e as tradições locais. Nos becos de Mong Kok, nos restaurantes de Tsim Sha Tsui, ou mesmo ao admirar a vista do Victoria Peak, o trio pôde viver a cidade com a confiança de quem finalmente domina o idioma do lugar. Mais que uma aventura em uma das metrópoles mais icônicas do planeta, Fogg, Valentina e Palacios viveram o alívio de encontrar um porto linguístico familiar no vasto oceano da diversidade cultural. Pegaram o trem das onze da noite e, 14 minutos depois, desceram de volta na estação Futian, em Shenzhen, onde ficaram por mais um dia.

Partiram na manhã do domingo, 8 de junho, em direção a Xiamen, cidade costeira conhecida por suas ilhas pitorescas. Chegaram ao pôr do sol. Atravessando suas impressionantes pontes suspensas – teias luminosas ligando ilhas ao continente –, o grupo se deparou com uma ode à fusão entre tradição e futuro. Um horizonte pontilhado por arranha-céus, onde as icônicas Twin Towers – estruturas que se assemelham a duas grandes velas que dançam ao vento – dominam a paisagem. À noite, observando o porto iluminado, Valentina sentiu uma leveza incomum ao perceber Fogg ao seu lado. Ambos em silêncio, mas unidos pela cumplicidade de olhares que dispensam palavras. Foi ali, sob uma luz suave, que um breve sorriso de Fogg, quase imperceptível, acendeu algo dentro dela – um lampejo de esperança que nem mesmo sua lógica científica poderia explicar.

No dia seguinte, o grupo seguiu rumo a Xangai. Uma longa jornada de onze horas na estrada. Xangai, metrópole vibrante e epicentro da modernidade chinesa, surgiu no horizonte como um farol de neon em meio ao dinamismo incessante do Oriente. Arranha-céus como o Shanghai Tower e o icônico Oriental Pearl dominavam a paisagem, enquanto o Rio Huangpu serpenteava entre as margens repletas de histórias e contradições. Ali, entre o fluxo de multidões e o reflexo das luzes, Fogg parecia mais distante, imerso em seus pensamentos – o mais crucial deles: como levar o SUV até o Brasil, de avião ou navio? Mas Valentina, com um toque sutil em seu braço, trouxe-o de volta àquele instante compartilhado da noite anterior, como se quisesse garantir que ele não se perdesse na vastidão de seus planos e cálculos. Palácios, um pouco atrás, apenas observava.



Xangai, a maior cidade do país, ofereceu ao trio dois dias de arte, história, cultura, arquitetura e modernos grafites. Passearam por edifícios futuristas, ruas largas, luzes coloridas de neon e duas áreas contrastantes. O lado oeste, conhecido por Bund, revelou a magia da velha Xangai, com seus pontos históricos, excelentes restaurantes e uma vibrante vida noturna. O lado leste, Pudong, representou o novo, o centro financeiro da cidade.

De Xangai, o último destino antes de retornar ao Brasil seria Pequim. As contas para os 80 mil quilômetros estavam feitas no planejamento de Fogg. Ele guardaria surpresas para os últimos instantes da aventura.

As estradas até Pequim os conduziram por paradas estratégicas em cidades históricas. Primeiro, Nanquim, com suas antigas muralhas e memórias de dinastias passadas, foi palco de uma breve visita ao Mausoléu de Sun Yat-sen, onde Fogg se manteve introspectivo diante da grandiosidade de uma era revolucionária.

Em Jinan, a Cidade das Fontes, o grupo fez uma pausa para contemplar os jardins e lagos que, com sua serenidade, ofereciam um contraponto à urbanidade agitada das grandes cidades.

Mas foi em Tianjin, com sua mistura fascinante de arquitetura ocidental e oriental, que Valentina encontrou uma oportunidade para se aproximar ainda mais de seu Phileas. Ao caminhar pelas ruas repletas de edifícios de estilo europeu, ela comentou com leveza sobre como, mesmo em meio a tantas diferenças culturais e de

paisagens, a busca por harmonia e beleza parecia universal. Fogg, por um raro momento, desviou seu olhar fixo e sério para encontrar o dela, deixando que um breve calor atravessasse o ar daquela tarde. Andaram lado a lado, com Valentina deliberadamente desacelerando o passo para prolongar o instante, como se cada segundo ao lado de Phileas fosse uma conquista que ela não pretendia desperdiçar. Sabia que a viagem chegaria ao fim em menos de uma semana.

Finalmente, chegaram a Pequim no domingo, 15 de junho. Quando pararam o carro no hotel onde ficariam hospedados, o hodômetro marcava 79.553 quilômetros desde a partida.

Palacios comentou, em pânico:

– Senhor Fogg, ainda faltam 447 quilômetros!

– E eu sei onde gastar cada um deles, Palacios! – respondeu Fogg.

Palacios se lembrou de seu primeiro pensamento sobre Phileas Fogg V: "Ora, não me importo em servir a um homem tão meticuloso!".

Pequim se revelou em toda a sua grandiosidade. A vasta Praça Tiananmen, com o Portão da Paz Celestial ao fundo, simbolizava a grandeza e os desafios históricos da nação. As multidões ali presentes pareciam fluir como um rio contínuo, em um lugar onde o passado e o presente se encontravam. A Cidade Proibida, com seus pátios imensos, telhados

dourados e arquitetura majestosa, levou o trio a uma viagem no tempo, evocando a grandiosidade dos imperadores chineses. Era quase impossível imaginar que todo aquele espaço já foi fechado ao público comum por séculos.

Valentina, encantada com o lado humano dos grandes monumentos, fez questão de observar os detalhes, como os dragões esculpidos, os padrões coloridos nas paredes e os jardins imperiais.

Fogg, por sua vez, manteve seu foco na logística: como levar o carro ao Brasil.

E Palacios sentiu uma falta estranha: sua pulseira do Senhor do Bonfim não estava mais em seu braço. Caiu em algum momento em Pequim, deixando nele um sentimento de frustração: seus três desejos ainda não estavam realizados, principalmente o de ser fundamental para o sucesso da viagem.

Mas, na noite de Pequim, algo inesperado aconteceu. Ao caminharem por uma rua pouco movimentada, uma voz familiar ecoou ao fundo. Em português! Era Ariel, o primo de Palacios que jogava futebol com ele na infância, em Uruguaiana. O primo que ele não via há anos. O reencontro foi emocionante, mas se tornou ainda mais surpreendente quando Ariel revelou que agora pilotava aviões de carga entre China e Brasil.

Para Phileas Fogg V, essas foram palavras mágicas. A impressionante coincidência seria a solução perfeita para sua ansiedade de voltar ao Brasil com seu SUV intacto.

Ariel, ao ouvir sobre toda a aventura, ofereceu um espaço para o veículo no voo de carga, garantindo que o carro chegasse a Viracopos, aeroporto internacional da cidade de Campinas, no interior do estado de São Paulo, e se dispôs a levar o trio como passageiros.

Com a logística solucionada, Fogg revelou como gastaria os quilômetros faltantes: um bate e volta no dia seguinte até a Muralha da China. E Ariel como convidado.

Com enorme expectativa, chegaram à Muralha da China pelo Gubeikou Great Wall Kangzhan Memorial Hall. Uma experiência imersiva que remonta o visitante ao passado e oferece uma perspectiva única sobre a história dessa antiga fortificação, construída para proteger o país dos invasores. Ao se aproximarem do local, sentiram um profundo respeito pelas pedras desgastadas pelo tempo, onde ecos de batalhas ancestrais pareciam ressoar com o vento que percorre as montanhas. Esse trecho da muralha é menos restaurado e mais autêntico, oferecendo uma visão quase intocada do que ela representava em séculos passados. A sensação de isolamento e a vastidão do horizonte trazem uma reflexão inevitável sobre os sacrifícios dos milhares de operários escravizados que construíram a muralha. Tiveram uma sensação de assombro e melancolia ao perceberem que, apesar de seu esplendor arquitetônico, a muralha também carregava as marcas da dor, da luta e do peso da morte.

Palacios, atônito com o que via, apenas comentou:

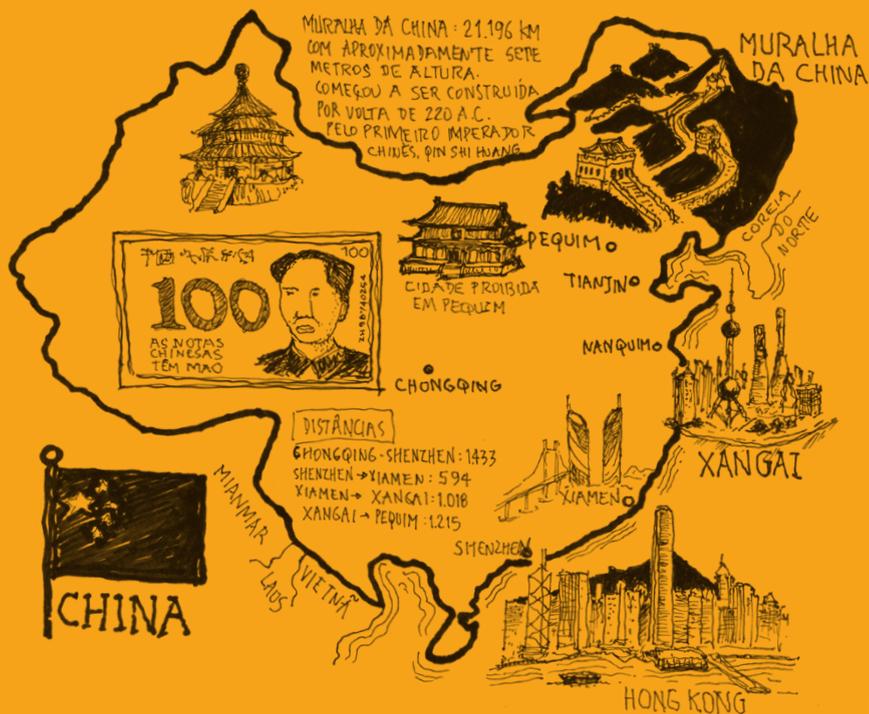
– Essa muralha tem dimensões...

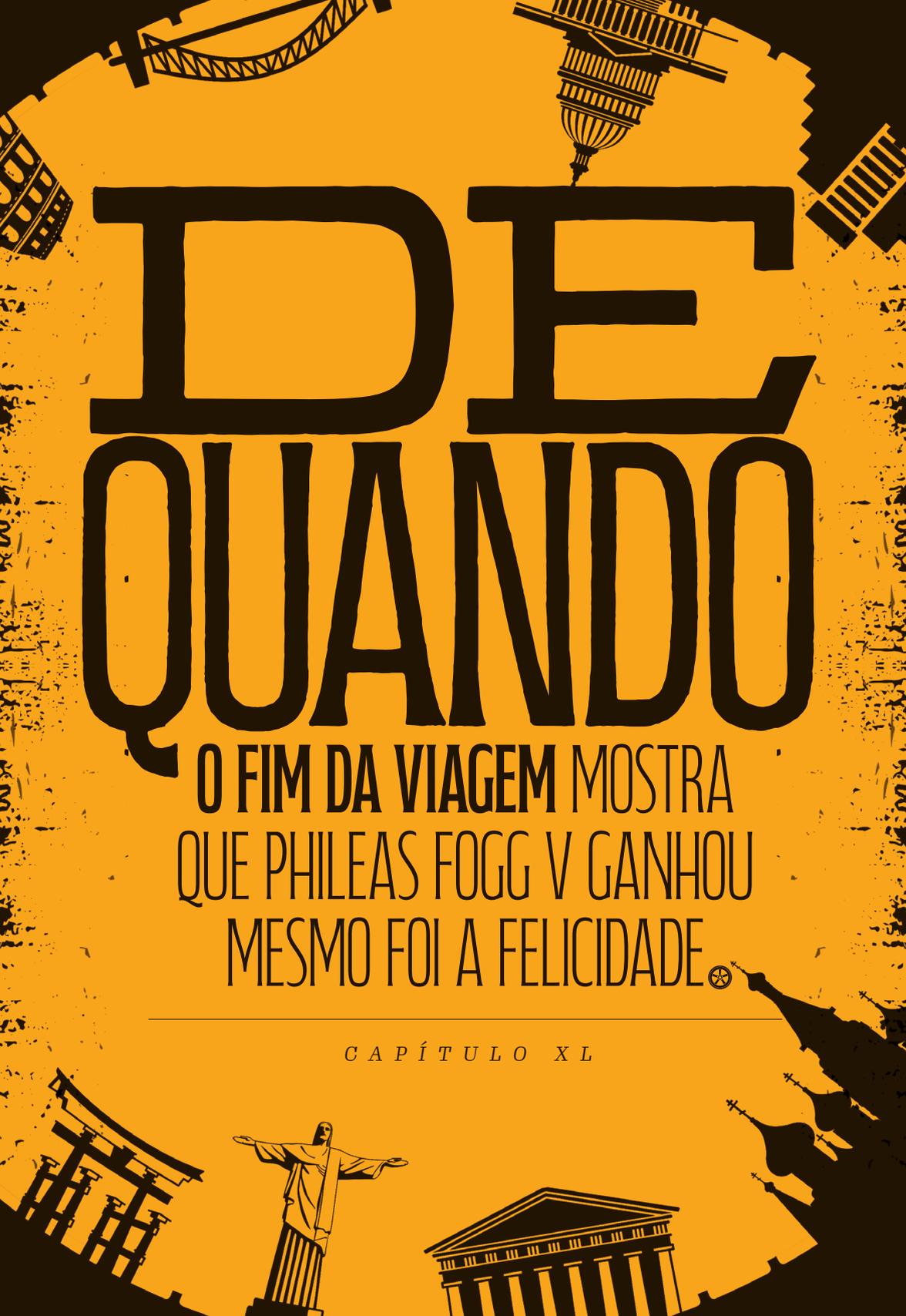
Antes que completasse a sua frase habitual, Valentina e Fogg dizem juntos:

— ... amazônicas.

E ambos caem na risada. Palácios, surpresa, também se diverte e ri com o clima de cumplicidade entre todos.

A jornada de milhares de quilômetros, marcada por desafios em tantos países e continentes, contrastes culturais e momentos inesperados de conexão, chegava ao fim. Ao entregar o carro para o embarque no aeroporto de Pequim, apenas 97 quilômetros separavam Phileas Fogg V de seu êxito. Era a distância exata do aeroporto de Viracopos ao Clube Auto Paulistano.



The background is a vibrant yellow with a distressed, grunge-like texture. It features several black silhouettes of architectural landmarks: a suspension bridge at the top left, a dome with a lantern at the top center, a classical temple with columns at the bottom center, a Christ the Redeemer statue at the bottom left, and a traditional Japanese torii gate at the bottom left. The main title is rendered in a large, bold, black, hand-drawn font.

DE QUANDO

O FIM DA VIAGEM MOSTRA
QUE PHILEAS FOGG V GANHOU
MESMO FOI A FELICIDADE. Ⓜ

CAPÍTULO XL

Quando o avião decolou rumo ao Brasil, o trio trocou olhares cúmplices. Cada um à sua maneira, eles sabiam que a longa jornada os mudara para sempre. Quase nove meses viajando juntos foi como a gestação de uma cumplicidade que jamais se apagaria. Mais do que completar uma volta ao mundo, haviam redescoberto a si mesmos entre estradas desafiadoras e paisagens exóticas. Estavam prontos para encarar o que viesse a seguir.

Para Valentina, a viagem fora uma descoberta, não apenas dos mistérios e desígnios do mundo, mas também de Phileas Fogg V. Sob aquela fachada fria e calculista, ela começou a perceber um lado humano, vulnerável, que ele insistia em esconder.

Palacios, por outro lado, sentia um misto de realização e melancolia enquanto refletia sobre a experiência transformadora que viveu ao lado da dupla. Depois de percorrer 80 mil quilômetros, sabia que não voltaria a ser o mesmo. No fundo, tinha a consciência de que cada curva, cada paisagem, cada cultura que encontrou pelo caminho moldaram sua visão de mundo de uma forma que suas antigas rotinas jamais teriam permitido. A perspectiva de retornar ao Brasil e retomar sua vida habitual trazia consigo uma nostalgia inesperada — a certeza de que, por mais que voltasse à sua antiga realidade, parte de seu espírito permaneceria para sempre nas estradas percorridas. Ainda assim, exalava felicidade, porque a coincidência de ter encontrado Ariel fez seus três desejos serem realizados.

Já Fogg, meticuloso como sempre, estava concentrado nos detalhes finais para completar a aposta e vencer o desafio dos 80 mil quilômetros, mas com uma leveza que ele próprio não

reconhecia em si antes da jornada.

O avião que os trouxe de Pequim fez uma escala em Istambul antes de aterrissar em Viracopos, Campinas, na manhã de 19 de junho de 2025.

Palacios se perguntava:

– Como uma viagem que sai na noite de 18 de junho e dura mais de 30 horas pode chegar na manhã do dia 19?

A resposta era simples: como viajaram em direção ao oeste, ganharam um dia por conta do fuso.

Mas essa não foi a maior surpresa de Palacios. Ao desembarcarem, foram recebidos por ninguém menos que Alfredo Freitas, que aguardava ansioso pelo desfecho da aventura.

Palacios, assustado, olhou para Fogg e disse:

– Senhor Fogg, se até no fim do mundo esse cidadão aparecia, devemos estranhar ele estar aqui?

– Não, Palacios! – respondeu Fogg. – Mandei mensagem para ele ontem à noite avisando nosso horário de chegada. Para ele entender que não tenho ressentimentos, fiz questão que ele seguisse com a gente até o Clube Auto Paulistano. E gostaria que vocês dois fizessem as pazes.

Freitas, ainda emocionado com o convite, não hesitou em aceitar. Pediu sinceras desculpas novamente e se acertou com Palacios.

Juntos, resgataram o SUV, que agora parecia carregar não apenas as marcas da jornada ao redor do mundo, mas também as histórias que o grupo viveu em cada quilômetro percorrido. Os 97 quilômetros até o destino final transcorriam tranquilamente. Apesar do cansaço, estavam todos eufóricos. Já atravessavam a Avenida 9 de Julho, a pouco mais de 500 metros do Clube Auto Paulistano, quando o carro subitamente parou. Seria possível perder a aposta a menos de 500 metros da vitória?

Fogg desceu e olhou os pneus(*). Estavam inteiros, heroicamente marcados pelo desgaste, como guerreiros resistentes a intempéries e diversas qualidades de pisos. Fogg suspirou aliviado. O problema era o motor do SUV.

Decidiram empurrar o carro até o destino final. Sob o sol paulistano do meio-dia, Fogg, Palacios e Freitas uniram forças e empurraram o veículo, com Valentina ao volante, guiando o esforço até o Clube Auto Paulistano. Chegaram exatamente no badalar do meio-dia, o que para Fogg foi mais uma vitória de sua precisão e planejamento.

Ao entrarem no clube, ninguém esperava por Phileas Fogg V. Seus amigos e membros estavam reunidos, mas já haviam praticamente dado o desafio de Fogg por perdido. Fogg não dava notícias há mais de um mês, e todos acreditavam que ele havia falhado. Só o esperavam para cobrar um conversível de sua garagem. Quando surgiu de forma inesperada, com sua postura sempre impecável e uma expressão serena, exatamente 259 dias e 80 mil quilômetros após sair dali em 3 de outubro de 2024, o impacto foi imediato. Foram pegos de surpresa. Com enorme comoção, o clube explodiu em aplausos e felicitações.

(*)Nota: pneus UltraContact da Continental.



Continental 





UltraContact

Continental

O engenheiro André Silva, os banqueiros João Sampaio e Samuel Fonseca, o empresário Tomás Flanagan e o diretor do Banco Central do Brasil, Gabriel Ramos, todos se entreolharam, meio incrédulos. Palacios mostra a eles as dezenas e dezenas de fotos tiradas durante a viagem para ajudar na comprovação da aventura. Só restava aos colegas do clube uma coisa: reconhecer que perderam a aposta e marcar um almoço de celebração em que entregariam a Fogg o conversível escolhido por ele.

O clima festivo estava no auge quando a destemida Valentina, com o olhar cheio de brilho, inesperadamente toma a mão de Fogg de forma carinhosa e, com a voz carregada de emoção, pergunta:

– Quer casar comigo?

O sempre controlado Fogg ficou, pela primeira vez, visivelmente tocado. Aquele homem metódico, de reações sempre calculadas, de poucas palavras e muita ação não respondeu imediatamente. Por um instante, ficou paralisado, como se o mundo ao seu redor tivesse parado também. Então, em um gesto que surpreendeu a todos, tomou Valentina em seus braços e, sem dizer uma palavra, a beijou com toda a paixão que até então permanecia oculta. Um beijo tão longo e intenso que Palacios, boquiaberto, olhou para Freitas e comentou:

– Isso sim é um beijo com dimensões amazônicas!

Enquanto todos riam da observação, Palacios comentou, emocionado:

– E essa enorme quantidade de fotos que tirei durante a viagem não é apenas prova da nossa aventura: é o registro oficial de uma improvável história de amor. Essas fotos serão meu presente de casamento a vocês dois, meus amigos.

Algum tempo depois, enquanto olhava o horizonte, Phileas Fogg V se indagava:

– Mas, afinal, o que levei dessa viagem?

Financeiramente, pensava ele, o que poderia parecer uma grande vitória não passou de um empate. O conversível de luxo que recebera cobriria exatamente os custos de uma viagem passando por tantas cidades, países e continentes.

– Nada! É o que dirão! Nada, que seja! – respondeu para si mesmo.

Nada! A não ser um sonho realizado. Duas amizades para sempre – Palacios e Freitas, que seriam padrinhos do casamento. E ter encontrado a felicidade no amor de uma incrível mulher que, por mais inverossímil que possa parecer, fez dele o mais realizado dos homens!

Ora! E quem não daria uma volta ao mundo para encontrar o que dá sentido à vida?

